

Coletânea

ACADEMIA
SALTENSE
DE LETRAS

* I *



JUNHO / 2010

CRÉDITOS



Academia Saltense de Letras - 2010

Projeto Gráfico e capa: Robson Roberto Rossi

Revisão: Antonio Oirmes Ferrari e Valter Lenzi

APOIO: PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SALTO

Academia Saltense de Letras 2010 - I
Salto-SP: Academia Saltense de Letras 2010.

Vários autores

- | | |
|-------------------------|-----------------------|
| 1. Crônicas brasileiras | 2. Contos brasileiros |
| 3. Ensaios brasileiros | 4. Poesia brasileira |

CDD-869B

IMPRESSÃO:

Gráfica EME

(19) 3491-7000 – Capivari-SP
www.grafica.editoraeme.com.br
orcamento@editoraeme.com.br

Apresentação e Agradecimento

A ASLe está comemorando seu 2º ano de fundação, parecendo que percebeu, de pronto, a importância que virá a ter na vida cultural da cidade, que a recebeu de braços abertos. Certamente teve seus percalços, como uma demora excessiva na obtenção de seu registro em Cartório, problema que afinal teve uma solução satisfatória graças ao trabalho de 2 denodados companheiros, mas vem cumprindo suas metas, principalmente desde que pode contar com um lugar mais amplo para suas reuniões no prédio da própria Secretaria da Cultura, gentileza do titular daquela pasta, Valdevez Antonio da Silva, que, como sua auxiliar, Diretora de Cultura, professora Vânia Barcella e alguns assessores, primam em atenções à novel entidade, a qual veio juntar forças a tudo que se entender como luta em prol do engrandecimento cultural de nosso povo.

Faz-se presente em solenidades cívicas; admitiu no período cinco novos confrades e congreiras, reconhecidos cultores das Letras, com obras editadas; deu início à instalação de sua biblioteca, com um exemplar de cada obra editada por todos seus membros; dá-lhe continuidade recebendo obras escritas por mais de 40 saltenses, prevendo que só nesse campo somará mais de uma centenas de livros; festejou seu 1º aniversário em sessão festiva e solene; observa estritamente a parte acadêmica de seus encontros mensais, com um acadêmico falando sobre seu patrono, palestra sempre seguida de debates, que às vezes se prolongam por mais de uma hora.

E agora, no momento em que termina seu mandato a primeira diretoria, consegue incluir num volume a que deu o nome de PRIMEIRA COLETÂNEA DA ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS, levando ao público sua constituição, pequena autobiografia de seus componentes e patronos de cada um, acrescentando textos produzidos por eles nestes dois anos de trabalho em comum. Com incontida satisfação, porque incluído seu lançamento em data que transcorre dentro do “Mês da Cidade” (junho), uma honra para a ASLe que atenciosamente agradece, bem como agradece o apoio que vem recebendo das autoridades municipais, no caso muito bem representadas pelo Secretário da Cultura. Apoio considerável, sem o qual essa obra seria, no momento, inviável.

Ettore Liberalesso
Presidente da ASLe
Cadeira n. 1

Histórico

COMO SURTIU A



Em atenção a convite feito pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Salto, por intermédio de sua Diretora de Cultura, professora Vânia Barcella, pouco mais de 20 pessoas compareceram a um reunião às 9 horas do dia 19 de março de 2008, levada a efeito numa dependência da Biblioteca Municipal. Eram escritores, poetas, jornalistas, colunistas de jornais e revistas, radialistas, e outros elementos ligados à Cultura, cada um se apresentando e relatando suas atividades sob esse aspecto.

Segundo a explicação daquela funcionária, orientada pelo titular de sua pasta, o poeta e escritor Valderéz Antônio da Silva, que vinha sendo incitado pelo prefeito José Geraldo Garcia e outras pessoas, o objetivo do encontro era fazer-se com que esse grupo se reunisse periodicamente, para trocar ideias sobre Literatura, edições de livros, lançamentos, escritores, visando mantê-lo coeso.

Com vista à denominação que teria, alguém logo fez uma pergunta pertinente: por que não se fundar logo uma Academia de Letras, como em diversas cidades vêm acontecendo?

Como seria justo esperar, houve contestação à inesperada sugestão: era pretensão demais. Apenas um ou dois defendiam com veemência pontos de vista contrários, mas as discussões pró e contra acirravam os ânimos, comprometendo-se todos a se reunirem de novo no dia 21, para prosseguir debatendo o assunto. O qual, como ficaria parecendo, levantou interesse ímpar até em outros meios.

Referida segunda reunião foi monitorada pela pedagoga Mércia Falcini, com comparecimento um pouco menor, uns percebendo que não preenchiam condições, outros simplesmente por não quererem fazer parte do movimento. Mas os que persistiram e foram constantes nas reuniões que se seguiram, e, diante dos argumentos expendidos, acabaram por fazer cair por terra as assertivas contrárias à sugestão de se fundar a Academia Saltense de Letras – adotando-se de imediato, a sigla ASLe, como símbolo.

Foi decisivo nessa integração de todos, quando um dos presentes apresentou uma lista resultante de sua pesquisa pessoal, segundo a qual eram relacionados nomes de 32 saltenses que haviam escrito livros sobre os mais diversos assuntos. Que

aquele número não era definitivo confirmou-se na mesma reunião, lembrando-se os presentes de mais 10 ou 12 saltenses que tinham obras publicadas. Outra exposição que acabou por sepultar de vez dúvidas, foi quando um dos presentes contou que, cerca de 10 anos passados, cidadão – presente em todas as reuniões – o procurara, para aventar da possibilidade e oportunidade de fundar-se uma Academia de Letras em Salto. Ideia que ele não esposara, usando os mesmo argumentos em contrário apresentados agora por outros elementos. A ideia morrera ali. Mas que agora, passado tanto tempo, com muita gente nova entrando no setor, podia rever sua opinião, repensar o assunto, aderir à ideia e até a defender a causa.

Dessa reunião um dado surpreendente: ganhara muita força a ideia de fundação da Academia Saltense de Letras, mas que isso só viesse a acontecer sem pressa, nada de afogadilho... Até o fim do ano, talvez...

Na sequência a outros encontros que passaram a ser feitos, a ideia foi ganhando terreno, não podendo mais ser freada. Os acontecimentos se atropelavam, passando-se a crer que a data de fundação poderia ser antecipada, para 8 de setembro – em homenagem à padroeira da cidade, sempre comemorada naquela data. No entanto havia gente mais impaciente, logo se passando para um prazo menor ainda: teria que ser no dia 16 de junho, data aniversária de fundação da cidade, passando-se a ultimar os preparativos para que aquele acontecimento se tornasse realidade: entre eles, por estabelecida coincidência, que a ASLe teria 16 membros iniciais, considerados fundadores, servindo ainda esse número como uma reverência à Academia Brasileira de Letras, que iniciara suas atividades com 16 acadêmicos.

Às vésperas do esperado dia tinha-se aprovado o Estatuto Social e o Regimento Interno, bem como escolhidos os patronos das 40 cadeiras, entre os quais apareciam nomes de 10 saltenses; cada um dos acadêmicos havia escolhido seu patrono ou patronesse, com exceção do escritor Ettore Liberalesso e do cineasta Anselmo Duarte, que não tiveram esse privilégio, por deferência especial de seus pares, sob alegação que ambos, em seus respectivos campos, haviam prestado relevantes serviços à sua cidade natal. Por isso que ao mesmo tempo, o primeiro foi eleito presidente fundador da ASLe e o segundo, presidente do Comitê de Ética Acadêmica. Nem ficou para depois a escolha da patronesse da nova agremiação que foi a mais sufragada entre os quatro nomes apresentados: ZÉLIA GATTAL, uma homenagem à escritora patricia cujo falecimento se dera num dia em que se reuniriam os componentes do grupo fundador da ASLe.



Ettore Liberalesso
Cadeira 01 – Membro fundador
Presidente
Patrono: Ettore Liberalesso

ETTORE LIBERALESSO - Nasceu em 31.3.1920 em Salto, é casado com Virginia Soares Liberalesso, tem 2 filhos, 5 netos e 4 bisnetos. Conviveu com Archimedes Lammoglia, com Anselmo Duarte e com Jota Silvestre, notáveis saltenses, frequentando a mesma escola e às vezes as mesmas classes do “Tancredo do Amaral” entre 1928 e 1931. Foi aprendiz de alfaiate, leitor de jornais 4 horas por dia para um cego. Trabalhou por mais de 30 anos na antiga Brasital, em cujos escritórios foi contínuo, galgando como funcionário, entre outros, os cargos de ecônomo e, já na Contabilidade Administrativa, datilógrafo, correspondente e arquivista, após frequentar uma Escola de Contabilidade, de São Paulo. Ali aposentando-se em 1946, quando passou a gerir um Consórcio de Carros que existiu em Salto. Então foi, até 1988, corretor de imóveis.

Na política, foi membro de diretório e vereador entre 1952 a 1959.

Atuou, às vezes como presidente de vários movimentos religiosos e sociedades as mais diversas, algumas das quais ajudou a fundar e dirigir como presidente ou diretor, como no caso do jornal “O Trabalhador” no qual escreveu cerca de 40 anos, passando, em 1990 e até há pouco a fazer a coluna Arquivo, do “Taperá”. Escreveu 7 livros versando sobre História de Salto, suas mais antigas e tradicionais famílias e sobre suas ruas e praças.

Foi elemento relevante na comissão que construiu o C.C. da paróquia de N. S. do Monte Serrat, em alguns setores da A.A. Saltense e, principalmente na instalação do Museu da Cidade de Salto, como consultor da equipe disso encarregada, como pesquisador de História e na obtenção junto à famílias e empresas, de expressiva maioria de peças e fotos ainda expostas.

Ettore Liberalesso

Durante os preparativos para a fundação da Academia Saltense de Letras, fato ocorrido a 16 de junho de 2008, puderam, seus fundadores, escolher os respectivos patronos ou patronesses, menos dois entre eles: Etores Liberalesso e o cineasta

Anselmo Duarte, aos quais, por uma deferência especial dos demais, não foi dado o mesmo direito, escolhidos que já estavam, o primeiro para a presidência da própria ASLe e o segundo, para a presidência do seu Comitê de Ética Acadêmica, sendo ambos, proclamados patronos da 1ª e da 40ª (última) cadeira da Academia.

NAS RAÍZES, UMA HISTÓRIA DE AMOR

Ele não quisera ser pároco, sequer coadjutor paroquial de Itu, mas aceitara ser Superior da Ordem do Carmo. Senhor de imensa fortuna, herdada dos pais, empregava os rendimentos de seus vários sítios em obras pias. Ainda na mais tenra infância demonstrava vocação para o sacerdócio, estudando em seminários de sua terra natal e de São Paulo, onde em outubro de 1758 foi ordenado pelo Bispo, Frei Antônio de Madre de Deus.

Por causa de sua alta linhagem, pertencente que era sua família, da mais alta fidalguia portuguesa, gozava da maior influência, de muita estima, e até veneração. Mas também era causa de inveja e de temor. Tanto, que levou, em certa ocasião a que o Governador de São Paulo, com mensagem dirigida ao Vice Rei, pedir se “des-terrasse o padre para mais de 30 léguas de Itu”.

Pois bem, esse sacerdote, poderoso em bens materiais, mas modestíssimo, era fiel cumpridor das ordens de seu pároco. Assim é que ao padre João Leite Ferraz de Arruda coubera a incumbência de atender aos fiéis da Povoação de Salto, inclusive cuidar de sua capela com quase cem anos, dedicada à N. S. do Monte Serrat. E daí viria ele a participar, como figura central, de uma das mais lembradas passagens de nossa história.

Desde a primeira vez que aqui estivera para celebrar a costumeira “Missa das Dez” dos domingos e dias santos de guarda, não se dera bem ao ver a pequena imagem colocada no centro do altar mor sobre uma caixa de madeira para melhor ser vista pelas pessoas que ficavam mais longe, isto é, no fundo do templo.

O não simpatizar com ela foi se acentuando a cada fim de semana que o padre passava aqui, até tornar-se-lhe – pedia mil perdões por isso – verdadeira ogeriza. Acordava durante a noite se perguntando o porquê daquilo, pensando em quanto a catalã imagenzinha lhe parecia vulgar, pequena, tosca, feia. Daí a pouco já estaria cogitando em como substituí-la. Sim, iria fazer isso assim que lhe parecesse oportuno, mas procurando não ferir possíveis melindres de alguns devotos.

Ocorreu-lhe que a capela estava prestes a comemorar seu primeiro centenário de inauguração. Que convinha festejar esse passar de um século, com alguma solenidade especial, com algo que viesse marcar a data, presente todo o povo da região, das diversas Povoações, Freguesias, Vilas, como de sua Comarca inteira, de Santana do Parnaíba, de Rio de Cabreúva, de Porto Feliz, (que estava em luta para ser transformada em Vila), de Indaiatuba (que por algumas pessoas ainda era chamada de Cocais ou de Votura). Estava, enfim, a se lhe abrir uma brecha. Mais ainda: a capela estava a merecer alguns melhoramentos, como a troca de piso do gradil do Coro, e de uma ou outra tábuca da escada que levava ao mesmo. Além, é claro, de repor alguns vidros, e de uma pintura geral, interna e externa. O padre podia fazer tudo isso por sua conta, como já fizera na Matriz de Itu, mas achou melhor que todo contribuíssem, ainda que com pequenas quantias, para assim se tornarem responsáveis ou coniventes.

Aproveitaria o entretanto para concretizar o sonho que vinha acalentando, quan-

do até o próprio acaso viria em seu favor. Com certeza, no passar do tempo, untando com um pouco de romance e fantasia.

Vinha observando, cada vez que pregava após o Evangelho uns olhares furtivos entre um jovem, retraído, mas bem nascido, que morava no “Sítio Bananal”, O Francisco de Paula Leite e a menina-moça Maria Joaquina de Campos. Aquilo tinha jeito de vir de algum tempo, o cura pensando estar ocorrendo algo que os fazia até dissimular um leve piscar de olhos. Eram primos aqueles jovens seus “paroquianos”, o que naquele tempo – valendo até hoje – esse parentesco concorria para dificultar qualquer pretensão de um casório. Naturalmente o padre os ouvia em confissão e acabou por achar seu dever ajudá-los, antes que cometessem uma loucura, que “fugissem”, perturbando a paz reinante nas respectivas famílias, até mesmo na comunidade.

O colóquio entre o Carmelita e o rapaz deu-se ao fim de uma missa, saindo a contento de ambas as partes. Naquela semana o padre João Leite engendrara um plano completo até em detalhes, e por duas vezes fora ver e rever – para confirmar – se ainda existia um grande cedro, cuja tora era suficiente para esculpir uma imagem da Virgem de Monte Serrat em tamanho natural. Não precisou de muita artimanha para propor ao “Chiquinho” um “bom negócio”, em que cabia ao moço apenas duas condições. Negócio que ele fechou sem pestanejar.

Madrugada ainda do dia seguinte foram juntos, subindo água acima o riozinho Piraí até o “Sítio Grande”, cujo proprietário – atendendo a finalidade – não se negou a fazer a vontade do padre, o qual voltaria para Itu sem seu protegido que, afoito, não queria perder tempo e passou imediatamente a estudar a melhor forma de cumprir a sua primeira tarefa; e já no domingo seguinte o povo podia ver a enorme peça de madeira na frente da capela. Mais uma semana e a segunda tarefa também estava concluída: começando seu trabalho à vista de todos, como santeiro de fama que era, o mulato Guilherme, que os dois parceiros foram buscar em Santana de Parnaíba.

O Pe. Ferraz – quem duvidaria – com prazer e facilidade fizera a sua parte e daí algumas vezes de missa juntas, as duas famílias – Paula, Leite e Campos – se cumprimentavam e visitavam cordialmente e, com o padre, iam acertando os passos para a festa que os prometidos noivos não admitiam esperar pelo centenário da capela. E assim Salto tinha dupla razão para todo aquele foguetório no dia 26 de fevereiro de 1797, quando a capela do Salto de Ytu era reinaugurada, com a entronização de sua nova imagem, pelo encantado padre João Leite Ferraz de Arruda, que na mesma ocasião presidia a núpcias do mais encantado ainda jovem casal Francisco e Maria Joaquina, com isso podendo-se dizer, que existiu um grande amor na história das raízes de Salto.

Mas este relato está ficando muito longo. Por isso vamos concluí-lo mais rapidamente do que desejávamos: A imagem dos Paula Leite teve um fim inglório, pois foi consumida durante um grande incêndio que devorou também seu velho altar e parte da igreja que estava sendo construída em 1935 no mesmo lugar da “Capela do Capitão”. E aí sim, para substituí-la até que se esculpisse a hoje vista no altar-mor da Matriz de Salto, reentrou em cena aquela que o Pe. Ferraz achava por demais vulgar, pequena, tosca e feia, a qual estivera durante todo o tempo peregrinando de casa em casa dos moradores da região, até ser resgatada pela família Arruda Castanho e que após algumas peripécias, ainda resiste ao tempo, num altar da Matriz, muito bem protegida, a valiosa mais antiga relíquia saltense.

Ettore Liberalesso

AH! SE AQUELA SALA DE ESPERA FALASSE...

Escritóriozinho esquisito aquele que durante cerca de dez anos funcionou, só depois das doze horas, numa então pouco movimentada rua próxima da Matriz de Salto. Umaz quinze ou vinte pessoas passavam diariamente pelo seu Caixa, mas em determinado dia de cada mês esses números eram decuplicados, durante o horário de expediente normal e à noite, quando eles se constituíam numa assembleia e tomavam todo um amplo salão com mais de cem cadeiras, além de confortáveis estofados da sala de espera e do balcão de atendimento, onde somente eram vistos uma semi-portátil “Olivetti” e um antigo mimeógrafo tocado a álcool.

Ah!, a sala de espera! Se ela falasse! Nas tediosas tardes – depois da cochilada de alguns e do “cafezinho” de outros – era comum encontrarem-se ali uns poucos, mas assíduos cotistas da empresa, que tinham muito pouco ou mesmo nada para fazer, e então ali compareciam “para recordar coisas acontecidas”. Eram mais que adultos, assentados, saudosistas, de vida mansa, um, ex-isto, outro, ex-aquilo, nunca se tendo notícias que qualquer curandeira tivesse sido solicitada para benzer quebranto de alguma “vítima” do que era falado por aquele pequeno grupo. Mas assim mesmo ele começava a ser notado. Já estava parecendo – diziam – com aquela farmácia de mais antigamente, na qual faziam-se fofocas, fuxicos, mas era mesmo mais especializada em política e até se comentava da vida alheia. Tanto que o padre, que morava nas proximidades, algumas manhãs lá parava, para “assuntar”, para “situar-se”, mas, pesaroso, saía, às vezes, esbravejando...

Numa tarde chuvosa e friorenta, em que a sala prometia ficar vazia, um pouco mais tarde que de costume, um tanto atrasado, um espadanar de guarda-chuva fechando-se e depois, de uma capa sendo chacoalhada, assim mesmo meio encharcado, entra, assoprando, um dos “cadeiras cativas”. Refeito, bem acomodado, ei-lo pronto para uma confidência, para contar um segredo, que, segundo diz, guardado por mais de uma década, o qual, depois daquela conversa deixaria de sê-lo. Por isso que enfrentara chuva, vento e frio.

- Seu Gerente – começou ele – antevendo que estaríamos a sós, vim para te contar um “coisa acontecida” com envolvimento de elementos de nossa “mais alta roda”, principalmente política, que não sei como não transpirou até hoje (agora diríamos “não vazou”). Parece até que houve um pacto, o que de pronto estaria inviabilizando pelo bom número de participantes. O fato é que o silêncio tomou conta do assunto. Até agora que te passo o caso em primeira mão, podendo dourá-lo como quiser, pesquisá-lo sob o ponto de vista histórico, até publicá-lo em seu jornalzinho. A partir de agora o assunto está completamente liberado. Ele podia falar daquele modo porque – logo percebi – também tomara parte na empreitada, fora participante da aventura.

E passou a falar sobre um pretenso tesouro que Salto ainda esconderia desde o tempo dos bandeirantes. Dos tempos quando algumas expedições, de volta dos sertões, ancoravam seus batelões em nosso “Porto do Goés”, com o objetivo de cortar caminho para Itu, onde se sediavam e iriam repartir os “Lucros e Perdas” daquela missão cumprida. Mas... uma delas não chegaria àquele destino. Teria sido emboscada logo ali, no começo da arrancada final, teria “morrido na praia”. Num terreno árido, de raras capoeiras, pior que isso, de uma verdadeira pedreira, cheia de blocos e matacões de granito, em que até penhascos havia. Uma rota, diríamos hoje, entre o Parque Moutonnée, as cercas da Fábrica de Papel, o estreito caminho entre

a cachoeira e Itu e outras grandes pedreiras do Guaraú, do Juru-Mirim e cerâmicas.

Da luta entre os 100 participantes da expedição e os menos numerosos bandidos emboscados numa moita, não teria sobrado ninguém para contar a história ou ainda, para resgatar o tesouro, que os bandeirantes paulistas, precavidos, haviam enterado por ali.

O “acontecido” teria passado à história como uma lenda. O “Tesouro de Salto” também, não foi encontrado por uma caravana de saltenses, autoridades incluídas, altos funcionários municipais incluídos, “Zé-Maria” incluído, monitorada por outra caravana, vinda de uma cidadezinha próxima de Campinas, onde um “iluminado” aparecera numa sessão de cunho religioso de falsos “Pai de Santo”, exultante, proclamando que tinha encontrado a “chave da mina”. E todo mundo – quase vinte pessoas – munido de picaretas, pás, enxadas, enxadões e cavadeiras, em vão revolveu, a partir de meia noite, de uma sexta feira de lua cheia, um alqueire de terra, em meio a pedras e carcaças de animais. Voltaram para a cidade em pequenos grupos de dois ou três, desolados, cheios de coceiras, picados por um chusma de grandes formigas – maiores que as içás – diziam entre si como desculpa.

Essa nova passagem da história do “Tesouro de Salto”, narrada na confidência daquela tarde chuvosa, essa malograda investida de gente importante de Salto, juntou-se a outras, não encerrou o assunto que, parecia, não se encerraria nunca. A não ser que... será?

À procura de um amigo que vez por outra me presenteava com uma cachaça de Porteirinha, ou uma rapadura empalhada de Montes Claros, o rapaz quase não me respondeu enquanto não tirava a vista de um antigo mapa de Salto, região acima descrita, sobre o qual fazia girar um pêndulo.

- Não sabia que você estava se dedicando à prospecções. Algo especial, importante?

- Não ria, não. Tem nada de absurdo, não. O “Tesouro de Salto” permanece intocado naqueles sítios, e um dia você me verá rico, podre de rico, sentado em barras de ouro, pequena parte daquela riqueza toda enterrada pelos bandeirantes. Aguarde. Eu hei de descobrir o tesouro!...

Ettore Liberalesso



Anna Osta
Cadeira 02 – Membro fundador
Vice-Presidente
Patronesse – Rachel de Queiroz

ANNA OSTA - Tomou gosto pelas letras na tranquila Salto, onde nasceu, na franja da Grande São Paulo. Fez Jornalismo na PUC de Campinas e por algum tempo exerceu a profissão. Aos 25 anos casou e passou a acompanhar o marido, executivo de multinacional, pela América Latina e Estados Unidos. De volta ao Brasil com a família, decidiu dedicar-se à literatura.

Anna Osta é membro-fundador e Vice-Presidente da Academia Saltense de Letras. A sua Patronesse é Rachel de Queiroz que prefaciou seu romance “Betsy”.

Rachel de Queiroz

Nascida em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará, Rachel de Queiroz foi a primeira escritora do regionalismo brasileiro e a primeira mulher a tomar posse na Academia Brasileira de Letras, em 1977, onde ocupou a Cadeira 5 cujo Patrono é Bernardo Guimarães.

Ela aprendeu a ler e escrever em casa, com seu pai, Daniel de Queiroz, que a introduziu no mundo dos livros. Desde pequena conviveu com escritores, amigos da família. Dona Clotilde, sua mãe, era prima em segundo-grau de José de Alencar.

Aos 12 anos, Rachel ingressou numa escola e fez Magistério, formando-se professora aos 15 anos de idade. Ela lecionou História por algum tempo.

Ingressou no jornalismo a convite de um diretor do jornal “O Ceara”, amigo de seu pai, após o sucesso que uma carta que escreveu fez entre os leitores. A carta foi publicada sob o pseudônimo “Rita de Queluz”.

Rachel colaborou também com os jornais: “Correio da Manhã”, “O Jornal” e “Diário da Tarde” (1927 a 1943). Ela foi cronista exclusiva da revista “O Cruzeiro” (1944 a 1975). E cronista do jornal “O Estado de São Paulo” (1988 a 2003). Ela se considerava jornalista e dizia que escrevia por necessidade.

Aos 19 anos, Rachel estreou na literatura com o romance “O Quinze”, publicado

com recursos da família em 1930, no qual relatou a seca de 1915. O livro foi escrito enquanto esteve acamada com suspeita de tuberculose.

Aos 22 anos, casou-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira. Um ano depois, teve a filha Clotilde que morreu aos 18 meses, de septicemia. Após seis anos, divorciou-se de seu primeiro marido e se mudou de Fortaleza para o Rio de Janeiro, onde conheceu e apaixonou-se perdidamente pelo médico Oyama de Macedo. Viveram juntos até 1982, quando Oyama veio a falecer.

Rachel, que inicialmente assinava Raquel, escreveu e publicou 8 romances, 4 livros infanto-juvenis, 14 livros de crônicas, 3 livros em parceria com a irmã caçula, Maria Luiza de Queiroz Salek, além de publicações em antologias, peças de teatro e traduções de 45 obras de autores estrangeiros – ela era fluente em Inglês e Francês.

Agnóstica, culta e destemida, Rachel sempre agiu de forma independente ao código social vigente na sociedade de então e as personagens conservam essa característica em seus livros.

Rachel filiou-se ao PC do B, mas após ser intimada a alterar o enredo de um livro considerado pelos líderes fora dos padrões comunistas, deixou o partido e evitou o envolvimento partidário. Ainda assim, Rachel teve papel importante na política nacional e conviveu com diversos políticos, entre eles Jânio Quadros e Castelo Branco – falecido em acidente aéreo após visitá-la na fazenda “Não me deixes”, em Quixadá, Ceará.

Tinha 82 anos de idade quando escreveu “Memorial de Maria Moura”, livro que a tornou celebridade numa época da vida em que muitos escritores diminuem sua produção literária.

Rachel de Queiroz recebeu prêmios pelos romances “O Quinze” (1931) e “Memorial Maria Moura” (1993). E pelo conjunto de sua obra recebeu o prêmio Machado de Assis da ABL, em 1957, e o Moinho Santista, 1996.

Anna Osta

Instruções para um beijo

Aproxime de minha boca
 Os lábios entreabertos
 E espere que eu encaixe
 Os meus lábios nos seus.
 Pressione levemente
 Como se segurasse
 O meu coração em sua boca.
 Sogue meu amor,
 Com deleite,
 Como se sorvesse
 Vinho de boa safra.
 O segredo do beijo
 Está na suavidade do toque
 Nunca, e jamais, na fricção.
 Para aumentar o sabor,
 Coloque suas mãos,
 Em concha,

Na direção da minha nuca
 E sustente minha cabeça,
 Delicadamente.
 Solte um pouco mais
 Os músculos do rosto,
 Feche os olhos
 E desfrute da maciez do contato
 Dos meus lábios nos seus.
 O beijo bem dado
 Dispensa saliva.
 Mordiscar é permitido,
 Com parcimônia e leveza.
 Beijo ousado,
 Apenas depois
 De explorado o universo
 Para onde os meus lábios
 Levarão os seus!

Anna Osta

Pontos Cardeais

Quem vai ao norte
chega ao sul.

da busca por si mesmo
e vagueia a esmo.

Quem busca o leste
encontra o oeste.

O melhor rumo é o sul
do meu norte

Quem para no meio
bifurca o caminho.

Que liga e une
os quatro pontos
entre a sua rota
e o meu destino.

E quem engata ré
se perde na estrada

Anna Osta

SALTO EM 312 PALAVRAS

Quando menina, eu morava na Rua Rui Barbosa.

Plana, arborizada e tranquila, a rua da minha infância permanece presente em minha memória. Na esquina com a rua 24 de Outubro, havia a loja da Catarina. Alguns passos antes, a sorveteria e a oficina da família Gibim. Na frente, a quitanda do “seu João”. Ao lado, a casa da tia Antonia, onde ficava a maior parte do tempo.

Eu conhecia toda a vizinhança porque, naquela época, eram comuns as brincadeiras de rua, possibilitando maior interação dos moradores locais.

Outra lembrança que guardo com ternura, é da exuberância da cachoeira do Rio Tietê, após um período de chuvas, incrivelmente bela.

Recordo, também, os taperás cortando o horizonte no entardecer. O medo que sentia no balanço da ponte pênsil. A beleza da fonte iluminada nas noites de verão na Praça XV. O frescor das sombras das árvores frondosas na praça da matriz. Monsenhor Mário, nas manhãs de domingo, que rodava a vizinhança tocando bumbo para nos levar à missa das crianças. O Colégio das mães, onde ingressei aos quatro e permaneci por onze anos. O parque de diversões da Festa de Setembro. O lago com carpas da loja R.Dalla Vecchia, atual Lojas CEM, situada à época na rua Monsenhor Couto com a 9 de Julho. O céu estrelado nas noites de lua nova.

Sempre que penso em Salto, é a cidade da minha infância que vejo!

Mas eu só percebi a importância dessa cidade, na minha vida, quando fui morar no hemisfério norte e tive de me adaptar à realidade alheia. Nada substituiu os encantos da minha terra, que permanecem pulsando até hoje em meu coração, nem pôde aplacar a saudade que eu sentia...

Salto é o meu porto seguro, onde eu me fortaleço e recupero energias. Porque não há lugar, no mundo, igual ao local onde se encontram nossas raízes.

Anna Osta



Mércia Falcini

Cadeira 03 – Membro fundador

Secretária

Patrono: Paulo Freire

MÉRCIA FALCINI - Nasci, me criei e resido em Salto, cidade localizada à margem do Rio Tietê, distante poucos quilômetros da Grande São Paulo. Casada com o Felipe, sou mãe do Gabriel e da Camila que acompanham minha trajetória profissional e me incentivam a prosseguir, mesmo diante das adversidades. Cursei Pedagogia e Psicopedagogia e fiz especialização em Teorias e Métodos de Pesquisa pela Unicamp. Atualmente, sou Diretora Pedagógica da Consultoria e Assessoria Educacional Saberes e Consultora na implantação de Sistema de Gestão Integrado em vários estados do Brasil. Comecei a escrever crônicas para expressar a minha opinião e despertar o pensamento crítico da sociedade onde vivo. Escrevo semanalmente na coluna Conversas Entrelinhas do site itu.com.br.

Paulo Freire

Paulo Freire me inspira como educadora. Com ele aprendi que todas as pessoas são capazes de aprender e que o sentido da escola é oferecer um espaço significativo para evoluir e transformar... Seu lema, “Educar para transformar” revolucionou práticas pedagógicas e permitiu que as escolas buscassem diferentes concepções de ensino e aprendizagem.

A vida e a obra de Paulo Freire sustentam posturas educativas e permitem a compreensão do seu legado. É na sua história que encontro energia e disponibilidade para fazer da vida profissional um propósito de vida.

Como educador, Paulo Freire viveu todas as funções da profissão, de professor de escola a criador de idéias e “métodos”. Sua filosofia educacional ficou conhecida no mundo todo a partir do livro Pedagogia do Oprimido. Considerada a obra mais completa e importante, foi traduzida em mais de 20 idiomas e tornou-se referência

para o entendimento da prática de uma pedagogia libertadora e progressista.

Tê-lo como patrono da cadeira ocupada na Academia Saltense de Letras me engrandece, porém me desafia. Honrar e respeitar seu nome pelas ações é a minha missão!!

O TEMPO DAS NOSSAS VIDAS

Ainda que incomode algumas pessoas, retomo alguns assuntos propositalmente. “Todos temos dentro de nós temas que retornam, ressurgem, transfigurados, com diversas máscaras e roupagens, e insistem em aparecer: são os fantasmas de cada um” (Lya Luft).

Tenho insistido na reflexão sobre o tempo. Talvez as despedidas forçadas e as escolhas assumidas tenham inspirado e reforçado em mim, ainda mais, o desejo de compreendê-lo: se é que o tempo pode ser compreendido.

O fato é que o excesso das coisas a cumprir nos induz à sensação de que o tempo parece estático, imediato e que a vida é apenas então o que vivemos hoje. Não é verdade. A vida pode ser longa ou curta demais, não importa, porque ela é também o ontem e o amanhã. É o tempo da juventude, das amizades distantes e do carinho da mãe que já morreu. Ela é o tempo em que muitos de nós brincávamos nas ruas tranquilas da cidade ou vestíamos o primeiro uniforme escolar. É a boneca e o carrinho que ficaram no baú, e é também a imagem eternizada dos primeiros passos, das primeiras palavras desses nossos filhos que de repente acordam crescidos.

Por isso, em muitas situações, percebemos a movimentação desse tempo. É como se tivéssemos revisitando as escolhas realizadas, as atitudes tomadas e as verdades construídas ao longo da vida. É quando descobrimos que passamos um longo período investindo no desenvolvimento intelectual, material e social sem dar conta do tempo a correr. E ele corre; como corre. “O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade, ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é o dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões duram pouco na boca do tempo...” (Bartolomeu Campos Queirós)

O tempo que é inexorável tem me incomodado ultimamente... Primeiro, pelas marcas, embora tatue as histórias das nossas vidas, não deixa de nos perturbar a cada olhada de canto no espelho. Não pela beleza que se evapora, mas pela constatação de que o corpo não vai agüentar a realização dos desejos da alma. E segundo, pelas lembranças que volta e meia invadem os sentimentos, provocando a dor e a alegria da saudade (...).

Mas, a inexorabilidade do tempo se mostra mesmo quando descobrimos as delícias da ingenuidade, da liberdade do não saber, do “eterno domingo” e do barulho do silêncio. Nesse ponto, como que em desespero extremo, traçamos um investimento oposto: expulsamos conscientemente o sucesso, o poder, a fama, o prestígio social. E desejamos menos, quase nada. Exatamente como começamos.

Talvez a explicação da vida seja mesmo essa: percorrer um longo caminho para desejar o ponto de partida. “Não será verdade que todos os que podem andar têm de

já ter percorrido este caminho?” (Nietzsche)

Mércia Falcini

O TRABALHO, A MULHER E AS SUAS ESCOLHAS

Gosto do clima ameno, “das águas de março fechando o verão” e da sensação de que o ano realmente começou. Janeiro carrega a preguiça das férias; fevereiro, a euforia do carnaval e março, inspira o trabalho. Aliás, em época de mudanças frequentes, de um mundo com pressa, é o trabalho a identidade e a compreensão desse novo tempo.

Mas é bom que se diga que nem tudo pode ser reconhecido como trabalho. O mundo está repleto de pessoas trefistas, hiperativas e incapazes de mudar o que as incomodam. Passam a vida toda reclamando da situação e sonhando com o dia da libertação. Sinto dizer, esse dia dificilmente chegará.

As coisas que fazemos profissionalmente têm que nos tocar, nos fazer gozar. A força realizadora capaz de gerar dedicação e responsabilidade, irmãs inseparáveis do sucesso, brota do significado que mora dentro da gente. Explicando melhor: para que haja prazer e sentido na vida profissional preciso reconhecer a sua importância em mim e no outro. Quando isso acontece, nos aproximamos da felicidade. Freud, que pesquisou incansavelmente a mente humana e os prazeres do corpo, investiu tempo e estudo na compreensão da felicidade para nos dizer, que “homem feliz é aquele que tem amor e trabalho”.

Por isso gosto do mês de março. Mas não é só isso... Gosto também do tom feminino que março traduz: é nele que a mulher ganha destaque no calendário e na lembrança. Ainda que pareça hipocrisia, considerando que muitas mulheres são dependentes do poder masculino, muito mais por comodismo do que por força externa, é no mês de março que relembremos as histórias de coragem, determinação e heroísmo da mulher na sociedade. E (re)construímos a história.

A história precisa ser contada: não podemos acreditar que a mulher sempre gozou da liberdade e dos direitos hoje desfrutados. A conquista feminina exigiu muita ousadia, luta e sofrimento da geração passada. “As boas mulheres da China”, livro precioso de Xinram, revela com emoção o retrato dessa trajetória. E nos permite algumas lições: primeiro, a desejar que a homenagem pelo dia da mulher se transforme em oportunidade de igualdade, em todos os cantos do mundo. E segundo, a defender o valor histórico dessa trajetória, pelas escolhas que fazemos.

O que quero dizer com isso?

As cenas diárias do Big Brother e outras tantas, como a cena já esquecida da tal americana, que sofreu parada cardíaca e quase morreu ao fazer uma lipoaspiração, podem me ajudar nessa reflexão.

É obvio que lançar mão do avanço da medicina para melhorar o corpo e a autoestima é privilégio do nosso século e deve ser utilizado, com cuidado e bom senso, sim. O fato é que isso não pode estar acima de tudo. A tal americana, que nem merece ser lembrada pelo nome, ao se internar na clínica estética havia dado à luz há dois meses. Repito: há dois meses! Ou seja, a submissão aos estereótipos da beleza não difere da submissão à cultura machista, que tanto sufocou, silenciou,

amordaçou e mutilou as mulheres no passado.

Não é possível manter a conquista da participação feminina com mulheres abandonando seus filhos, em pleno período da amamentação, para esculpir barrigas. Não é possível garantir valorização profissional, com exposição vulgar em programas televisivos, para dizer aos homens que na mulher, o corpo vale mais que a mente.

Portanto, que esse tom feminino, trazido para a sensação de que o ano realmente começou, não nos deixe esquecer que as futuras mulheres, meninas hoje, dependem das nossas escolhas.

As gerações passadas já fizeram por nós. Agora é a nossa hora.

Mércia Falcini

OS LIVROS E A ALMA

"As vezes a leitura é um modo engenhoso de evitar o pensamento".
Arthur Helps

Confesso-me escrava dos livros. A leitura chega-me como uma anestesia: transporta-me a outro mundo, por mim escolhido e idealizado. Sou eu quem seleciona o autor, o estilo e o assunto que vou ler.

Com os livros aprendi a ver as coisas desse mundo de outro jeito. Ver as coisas de outro jeito incomoda quem insiste em ver sempre do mesmo. As pessoas se reúnem pelo jeito de ver as coisas. Quanto maior o número de pessoas que vêem do mesmo jeito, maior credibilidade e respeito adquirem da sociedade. Talvez por isso nunca tenha pertencido a grupos institucionalizados. Clubes, igrejas, associações, classes e categorias jamais me conquistaram. Tenho horror ao sentimento de prisão, seja por doutrina, ideologia ou ritual. Quando adolescente, justificava-me pelo horóscopo: os astrólogos dizem que os sagitarianos não podem sentir-se aprisionados. Hoje, compreendo que a sensação advém de uma inquietude mais profunda: minha alma.

É também da alma que vem a paixão pelos livros. Gostar de ler não se aprende na escola. Só quem ama os livros pode despertar o prazer por eles. A escola não oferece tempo para amar os livros. O calendário e o conteúdo a cumprir, a entrega de notas, relatórios e documentos impõem o ritmo de um mundo com pressa. Os livros demandam tempo: conversam, revelam segredos, expressam ideias, verdades, ilusões e pensamentos; alguns chegam a fazer amor com os leitores. Despertam o máximo do prazer e escravizam: uma vez experimentado, jamais libertado.

Aprendi a amar a leitura e a escrita, primeiro, com a minha irmã - sempre escritora. Segundo, com a vontade desesperada, sempre tão forte, por aprender mais. Mas, só depois de me tornar mulher madura é que descobri o prazer absoluto: usar das palavras para emancipar corpo e alma da vida medíocre, rotineira, mecânica e igual. Não quero ser igual. Preciso pensar, falar, ser, agir e gozar diferente. Construir e destruir-me como e quando quiser.

Como disse Adélia Prado, "quero ficar surda para suportar os que me querem humana, e por esta razão me chamam desumana..." Quero sentir-me livre para desenhar o meu contorno e preenchê-lo das minhas verdades. Quero sentir-me única para pensar e escrever as minhas próprias palavras.

As palavras têm vida própria dentro de mim: ouço-as no meu pensamento ditando risos, dores e amores. Agem como o "zoom" da alma: afastam ou aproximam meus sentimentos. Não foram poucas às vezes em que desviei meus pensamentos das

palavras engasgadas no peito. Também foram muitas às vezes em que aumentei o volume da música para não ouvi-las marotas e cruéis.

O escritor Bartolomeu Campos de Queirós diz “que as palavras sabem mais longe”. É verdade. Quando as escrevo, sinto-me abrindo a porta da alma para que saiam longe e deixem-me em paz.

Às vezes elas voltam.

Mércia Falcini

PENSAR É NECESSÁRIO

Outro dia uma leitora me abordou na rua para dizer que sente falta dos meus textos críticos, políticos e quase agressivos, publicados no jornal.

Confesso: sinto falta, também. Incomodada, busquei as palavras escritas no passado e as reli pacientemente... Tentava, nesse gesto, reencontrar a energia crítica, política e polêmica daquela época.

Arrisquei algumas hipóteses para justificar a inércia dominante. Maturidade? Falta de tempo? Falta de assunto, quem sabe? Não, não é falta de tempo ou de assunto. Aliás, em muitas situações a crítica política se fez pronta e presente em minha mente, sem dali nunca sair. Foram muitas às vezes em que desviei meus pensamentos das palavras engasgadas no peito.

O fato é que não tenho mais vontade de comungar algumas ideias, porque perdi a esperança. Já não acredito mais na transformação coletiva: os textos políticos e polêmicos eram aquecidos pelo ideal de mudar o mundo. Desejava que as palavras publicadas, naquele jornal, ajudassem a fazer um mundo mais justo, mais sério e humano.

Hoje compreendo a ingenuidade da intenção. Não mudamos o mundo. Talvez, e isso é muito, as palavras possam inspirar pessoas para que pensem um pouco mais sobre o seu próprio mundo.

Pensar incomoda, demanda tempo e coragem. Nesse mundo de pressa sem fim, de ambição material e compromissos exagerados, quem tem tempo para pensar? Quem tem tempo para ler as entrelinhas? Prestar atenção naquilo que não foi dito? Sentir as palavras que nos falam? Sentir, isso mesmo: as palavras têm sentimentos. Rubem Alves diz, que “todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras.”

Essa falsa ilusão de que podemos fazer tudo, controlar as pessoas e as suas funções à distância, pelo celular ou pela internet, tem comprometido a qualidade das ações e das relações. E mais ainda, tem nos impedido de pensar.

Pensar é dar sentido às ações. É compreender o “como”, o “porque” e o “para que” da vida pessoal e profissional. É alimentar o ciclo: sentir, refletir e agir. Não há mudança de atitude sem a promoção de novas maneiras de pensar. As ações nascem do pensamento, guiadas pela razão e pela emoção. Na maioria das vezes, esse mecanismo é inconsciente: fazemos ou falamos coisas porque construímos a própria maneira de pensar e determinamos para a realidade, que é assim que deve ser.

Não é à toa que muitos projetos de mudanças fracassam nos seus objetivos. Sigam a mesma linha das obras de auto-ajuda: faça isso, mude aquilo, feche os olhos, respire fundo, visualize assim... São frases diretas que só ajudam, de fato, quem as inventou. Não se muda o jeito de pensar e, conseqüentemente, de agir por

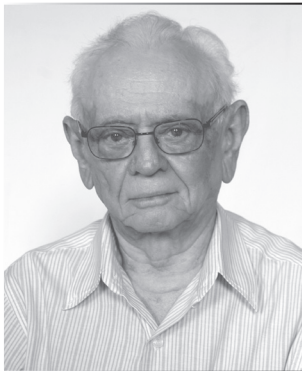
decreto.

As escolas deveriam preservar espaços para pensar. Neles, as ações teriam sentido e a função “tarefista” deixaria de existir. Fico perplexa com a quantidade de tarefas executadas pelos alunos. São folhas e folhas de livros e cadernos consumidas para a reprodução de um conhecimento que precisa ser questionado, refletido, compreendido.

Como disse recentemente a minha querida escritora Lya Luft, é hora de “largar mão, por alguns instantes, dos compromissos, do cansaço, da falta de tempo, da dificuldade em ser feliz, da pouca harmonia consigo e com o mundo, das tragédias, das decepções universais ou pessoais – e dar-se o prêmio de pensar”.

Pensar é necessário.

Mércia Falcini



Olavo Marques de Souza

Cadeira 04 - Membro fundador

Tesoureiro

Patrono: Ruy Barbosa

OLAVO MARQUES DE SOUZA - Aposentado, nascido em 20/11/1929, na cidade de Coreaú (CE), residente e domiciliado à Rua Barão do Rio Branco, 778- Centro-Salto-SP.

- De 1949 a 1974 exerceu a atividade de comerciante
- De 1974 a 1997 foi industrial na cidade de Salto (SP)
- Em 2000 concluiu seus estudos na cidade de Salto (SP)
- De 2001 a 2009 exerceu a função de Presidente da Associação de Educação do Homem de Amanhã (AEDHA), na cidade de Salto (SP)
- Em 2004 lançou seu livro intitulado “Vida, Alma e Poesia”
- Em 2005 foi homenageado pela Câmara da Estância Turística de Salto com o título de “Cidadão Saltense”
- Em 2008 exerceu a função de vice-presidente da Sociedade Saltense de Socorro Mútuo.
- Atualmente exerce a função de Presidente da Associação de Educação do Homem de Amanhã e membro do conselho administrativo da APAE na cidade de Salto (SP), além de elaborar material para lançamento de seus próximos livros.

Ruy Barbosa

Ruy Barbosa de Oliveira nasceu em Salvador em 5 de novembro de 1849, faleceu em Petrópolis, no dia 1 de março de 1923. Foi jurista, político, diplomata, escritor, filólogo e orador brasileiro.

Nasceu em 1849 na rua dos Capitães, hoje Rua Ruy Barbosa, freguesia da Sé, na cidade de Salvador, na então Província da Bahia. Aos 5 anos fez seu professor Antônio Genti Ibirapitanga exclamar: “Este menino de 5 anos de idade é o maior talento que eu já vi”.(...) Em quinze dias aprendeu análise gramatical, distinguir

orações e a conjugar todos os verbos regulares.”

Em 1861 aos 11 anos, quando estudava no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, futuro barão de Macaúbas, fez o mestre declarar a seu pai, João Barbosa: “Seu filho nada mais tem a aprender comigo.” Ali, como disse mais tarde, viveu a maior emoção de toda sua vida quando recebeu uma medalha de ouro do Arcebispo da Bahia.

Em 1864, concluído o curso ginásial, mas sem idade para entrar na Universidade, passou o ano estudando alemão. No ano seguinte ingressou na Faculdade de Direito de Olinda.

Em 1870 graduou-se como bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo e retornou à Bahia, acometido de incômodo cerebral. Em 1871 começou a advogar e estreou no júri, tendo registrado: “Minha estréia na tribuna forense foi, aqui, na Bahia a desafronta na honra de uma inocente filha do povo contra a lascívia opulenta de um mandão.”

Em 1872 iniciou-se no jornalismo e assumiu a direção do Diário da Bahia.

Em 1876 casou-se com a baiana Maria Augusta Viana Bandeira. Em 1877 foi eleito deputado à Assembléia da Bahia. No ano seguinte foi eleito deputado à Assembléia da Corte. Em 1881 promoveu a Reforma Geral do Ensino.

Ocorre em 1918 o Jubileu Cívico. Paul Claudel, ministro da França, entrega-lhe as insígnias de Grande Oficial da Legião de Honra. Recusa o convite de Rodrigues Alves para ser chefe da Delegação Brasileira ao Congresso da Paz, em Paris.

Em 1919 pela última vez concorre à Presidência, e, como anteriormente, contra a sua vontade. Promove conferências pelo sertão da Bahia. No ano seguinte, dada a intervenção de Epitácio Pessoa na Bahia, reitera a recusa de representar o Brasil na Liga das Nações feita um ano antes.

Em 1921 renuncia à cadeira de Senador e recusa o cargo de Juiz permanente na Corte de Haia.

Em julho de 1922 sucumbe a um grave edema pulmonar, com iminência de morte. Meses depois em fevereiro de 1923, sofre paralisia bulbar. Ruy diz a seu médico: “Doutor, não há mais nada a fazer”. Ao primeiro de março de 1923 falece em Petrópolis, à tarde, tendo como últimas palavras: “Deus, tende compaixão de meus padecimentos.”

Um gênio brasileiro

Brilhou na inteligência
Desde a tenra idade
Sinônimo de competência
Notável capacidade,
Aos cinco anos de vida
Surgiu a genialidade.

Meu ídolo desde jovem
Devido sua vocação,
Por ter sido deveras útil

No que tange a educação
E ainda prevalecendo,
O que causou repercussão.

Foi admirado por todos,
Mormente à terra natal,
Pelos professores da época,
Incomum e quiçá anormal
Mas, num porvir não distante
Veio à tona um genial

O problema de saúde
Nem de leve o abalou,
Estudou com afinco
E o aspirado conquistou,
Foi um gênio brasileiro
Inúmeras obras publicou.

Hoje eu cito apenas
O intróito dum história,
Dum vulto especial
E louvável trajetória
E em sendo meu patrono
Orgulho-me de tanta glória

De olhos no firmamento
Vejo a lua graciosa,
Clarear nosso planeta
E como sempre, garbosa
A refletir lá no alto
O imortal Ruy Barbosa!

Olavo Marques de Souza



Maria Carolina F. Padreca

Cadeira 05 - Membro fundador

Diretora de Propagação Cultural

Patronese: Clarisse Lispector

MARIA CAROLINA F. PADRECA - É jornalista especialista. Atua na área cultural de Salto, atualmente como sócia-proprietária da Efeito - Assessoria Consultoria e Conteúdo, e do Portal de Notícias e Negócios “O Trampolim” (www.otrampolim.com.br). É vocalista do Grupo Releitura (MPB), assessora voluntária de grupos artísticos da cidade e professora universitária. Membro-fundadora da “Academia Saltense de Letras” tem Clarice Lispector como patronesse.

“Se escolhi o ofício de jornalista foi por saber que somos capazes e mais ainda responsáveis por levar a informação à comunidade. Eu optei pelo caminho interpretativo, literário. O leitor, em matérias feitas por esse viés, é capaz de sentir os aromas, ouvir os sons, ver os movimentos. É você possibilitar à leitura o contato com o fascinante mundo do imaginário. Cada personagem é dono de uma vida, uma história, que numa simples nota informativa perde toda a riqueza. Os detalhes bem colocados são fundamentais para expor ao leitor toda simpatia, carisma e dedicação do personagem, que lembrando, é real. Nesse ponto, Clarice Lispector é uma de minhas inspirações”.

Clarice Lispector

A escritora que fez do jornalismo seu ofício e da literatura inspiração

A ucraniana Haia Lispector nasceu em 1920, durante uma viagem dos pais, que estavam de mudança para a América. Dois anos depois a menina chega à Maceió e por iniciativa do pai, toda a família muda de nome. Ela, então, passa a se chamar oficialmente Clarice.

Trabalhou como tradutora de textos científicos para revistas, também como secretária de advogados e jornalista, escrevendo reportagens em jornais, mas não

deixando de confeccionar textos literários.

É autora de contos, crônicas, artigos e romances, em mais de 27 livros como “O Lustre” (1946), “Laços de Família” (1960) e a tão comentada obra de despedida da autora: “A hora da estrela” (1977).

Clarice, escritora que até hoje encanta pelas leituras enérgicas, profundas e atemporais, foi uma personalidade que se entregou ao Brasil de corpo e alma. Incansável estudiosa, tinha sede de aprofundamento e aprendizado nos diversos setores humanos, talvez procurando entender esse turbilhão de emoções e sentimentos que norteiam o homem.

Questionadora, Clarice fez do jornalismo, das palavras escritas, seu ofício e sua vida.

Era uma artista. Respirava e vivia de sua arte. Sem a escrita, como ela mesma descreveu, se sentia “amordaçada, presa, perdida”.

A inquietude, outra forte característica da autora, proporcionou e ainda proporciona aos leitores, contínua reflexão sobre os verdadeiros valores da vida, fornecendo chaves para desfazer as amarras que impedem as pessoas de lutarem por grandes e audaciosos objetivos. Seus escritos fornecem novos ângulos de visão sobre o cotidiano e o interior dos leitores. É uma conexão, mesmo póstuma, da alma de Clarice com cada novo olhar.

Cantar

O suspiro entalado no peito

A lágrima suspensa no olhar

O sorriso que mal cabe entre os lábios

A palavra presa na garganta

Expressar todas as emoções em um só momento?

Cantar

Chorar a dor coletiva?

Cantar

Rir a mesma alegria de muitos?

Cantar

Gritar aos sete cantos do mundo e ter como resposta o mesmo som?

Cantar

Para quem diz que se “cantar os males espanta”, digo mais: o canto é a fórmula eficaz para todos os momentos!

E é por isso que “canto qualquer canto em todo canto”!

Carolina Padreca

O SHOW DEVE CONTINUAR...

A lenda do “Moulin Rouge” conta a história de um teatro que às duras penas consegue ser erguido e um grande espetáculo é encenado para a tão esperada estreia.

Porém, ao final do grande dia uma fatalidade tira dos rostos dos artistas aquela sensação de missão cumprida. A alegria se esvai e uma enorme tristeza toma conta de todos por conta de uma fatalidade envolvendo a grande estrela, Satine. Enquanto a plateia delira de um lado, de outro, os artistas são silêncio e lágrimas.

Aqui em Salto presenciamos recentemente, uns na plateia, outros no palco, a satisfação e a honra de contarmos com um novo e grandioso espaço que abrigará as artes. Tivemos também o privilégio de ver que a união dos artistas é capaz de, em poucos dias, fazer do espetáculo de estreia um acontecimento inesquecível.

A releitura de “O Pagador de Promessas” uniu músicos, atores e bailarinos, para, em nove sessões, fazer jus à fama de Salto: cidade dos artistas.

Mas, a nossa Satine também se fez presente, desta vez, com o nome de Edivaldo.

Talvez ele tenha sido o maior motivador deste acontecimento. Animado, sempre sorrisos, ele acompanhou as obras de perto: fazia questão de registrar, em sua amadora máquina fotográfica, todas as etapas da obra.

Durante os ensaios estava sempre compenetrado, e ao final das duas primeiras noites de espetáculo, fazia questão de cumprimentar a todos os colegas, com muito calor e animação.

Na segunda noite de apresentações essa felicidade deu a primeira enfraquecida: com fortes dores de cabeça, Edivaldo preferiu voltar para casa ao invés de se confraternizar...

No dia seguinte já não falava e mal conseguia se movimentar. No hospital foi dado o diagnóstico: intoxicação alimentar. Porém, ao invés de melhorar, o ator, o amigo, o entusiasta Edivaldo piorou e voltou ao hospital.

Foi operado, dias depois do ocorrido: o que ele teve, na realidade, foi um AVC hemorrágico.

Esperei, sinceramente (e pedindo muito ao Criador) que o final desta história fosse diferente da de “Moulin Rouge” e que em breve a nossa estrela pudesse voltar a brilhar, e que aí sim os nossos olhos chorariam novamente, não mais de tristeza, mas por rever o talento de Edivaldo.

Todos: conhecidos e não, rezaram, oraram e pediram muito pela melhoria dele.

Hoje, sete meses se passaram e ele retornou aos palcos, como discípulo de Jesus, na 16ª. Paixão de Cristo, mostrando que o show pôde sim continuar, e se tudo der certo, a estrela continuará brilhando, e muito, mas não no céu: aqui conosco, nos palcos da vida!

Carolina Padreca

UM BRINDE

Em pleno início do novo século me assusto com ações de pessoas, que até então deveriam trabalhar, pensar e agir em prol do coletivo.

Por mais que essas atitudes deprimentes estejam cada vez mais comuns, ainda não consigo me acostumar com elas. Não consigo entender nem acreditar que tais pessoas consigam dormir tranquilas, sabendo que estão na contramão da moral, da ética e principalmente da educação e do respeito.

Civilidade é o termo que muitos se esquecem. Compaixão também ajudaria. Porém, quanto mais penso, buscando entender, mais me afasto dos reais motivos que impulsionam tais atos.

Não entendia o porquê de tal afastamento. Hoje sei.

Não compreendo, não admito... Essas ações são contrárias à minha maneira de pensar, a minha maneira de enxergar o mundo.

Talvez a criação que tive me impeça de acreditar ser possível. Mas, infelizmente não é somente possível, como está cada vez mais comum.

Quando explode alguma notícia de desvio de verba de merenda, assistência social e de saúde... Dinheiro de educação parando em cuecas e bíblias... Eu fico entorpecida.

É deprimente saber que os seres humanos (se assim podemos chamá-los) podem ser tão inescrupulosos.

Analisando, apenas com olhos e ouvidos, tenho uma simples teoria para tentar detectar esses “seres”. Não é só em situações limites que encontramos esses exemplares de nossa raça. Em pequenos gestos eles se entregam.

O desrespeito à mãe. O desrespeito aos mais velhos. A falta de “semancol” ao estacionar em vagas para idosos e deficientes. Humilhar colegas de trabalho simplesmente por se achar superior. A pedir que seus semelhantes “saíam de seu caminho”, quando você deveria agregar opiniões e trabalhar em prol do coletivo.

O pior é saber que essas situações acontecem em todas as partes do planeta. Aqui não é o problema. O problema somos nós, que diariamente somos coniventes.

Nesta semana recebi um e-mail de uma amiga que continha a frase abaixo. Acredito que refletindo sobre ela, teremos a resposta para esse enigma que está tão às claras, que nos deixa envergonhados, pois a culpa é, sim, NOSSA!

“Todo mundo ‘pensando’ em deixar um planeta melhor para nossos filhos... Quando é que ‘pensarão’ em deixar filhos melhores para o nosso planeta?”

Um brinde à gentileza, ao respeito e à civilidade!

Carolina Padreca



Valter Lenzi

**Cadeira 06 – Membro fundador
Diretor Ambiental
Patrono: Mário Dotta**

VALTER LENZI - Jornalista Profissional, exerceu suas atividades jornalísticas em diversos órgãos de imprensa:

- Correspondente da “Página Colegial” do jornal “A Gazeta Esportiva”, nos anos de 1956 e 1957
- Redator do programa “Resenha Esportiva Saltense”, da Rádio Cacique Salto/Itu, de 30.09.1957 a 31.10.1959
- Redator e comentarista esportivo do programa “Domingo Esportivo Saltense”, da Rádio Cacique Salto/Itu, no período de 1º.02.1958 a 31.10.1959
- Repórter esportivo e redator de matérias diversas do jornal “O Liberal” (Salto), a partir de 02.03.1958 a 21.03.1964
- Fundador do jornal “Taperá”, em 21.04.1964, juntamente com Januário M. Carola e Edmur I. Sala
- Diretor do jornal “Taperá” de 21.04.64 até hoje
- Correspondente do jornal “Cruzeiro do Sul”, de Sorocaba, em Salto, de 1º.08.72 a 31.07.1983
- Correspondente do jornal “Diário do Povo”, de Campinas, em Salto, de 15.03.1976 a 13.08.1982
- Correspondente do jornal “O Estado de S. Paulo”, em Salto, de 26.06.1980 a 31.12.1992
- Coordenador em Salto da Rede Globo de Televisão nas eleições de 1984 a 1992

Autor de seis livros:

- História do Esporte Saltense – 1970
- Cidade Divertida e Pitoresca (2 edições) – crônicas - 1999
- Crônicas da Cidade – crônicas - 2002
- Momentos – crônicas - 2003

- Croniquetas – crônicas - 2006
 - 120 Anos da Imprensa Saltense – 50 Anos de Jornalismo – 2008
- Deverá lançar neste ano seu 7º livro: “Vagueando” (crônicas)

Mário Dotta

O dr. Mário Dotta teve uma vida intensa em diversas atividades: atuou no comércio, foi atleta de várias modalidades, advogado, político, militou na imprensa local, fez parte de diversas entidades e escreveu alguns livretos.

Nasceu em Salto em 14 de abril de 1925, filho de Attilio Dotta e de Francisca Milioni Dotta. Teve dois filhos: Mário Jr. (seu sucessor) e Marília. Coursou o primário no Grupo Escolar Tancredo do Amaral, o ginásial no Ginásio Estadual de Itu e formou-se em Direito pela Faculdade de Niterói.

No Esporte, defendeu, em sua juventude, o Guarani Saltense A.C. Posteriormente, foi membro do Conselho Deliberativo desse clube e participou da campanha pela construção do Estádio, em 1955. Foi atleta também das equipes de vôlei e basquete do Clube de Regatas Estudantes Saltenses, defendendo Salto em diversas competições, inclusive os Jogos Abertos do Interior.

No Comércio, foi proprietário de um posto de combustíveis, na esquina das ruas 9 de Julho e 7 de Setembro (atual Monsenhor Couto), na década de 50.

Marcou sua presença na imprensa saltense - juntamente com o dr. Archimedes Lammoglia, Paulo Miranda Campos e Joaquim Sontag – fundando o jornal “O Liberal”, em 1949, no qual publicou muitos artigos nos anos de duração desse órgão de imprensa (até março de 1964). Também colaborou com os jornais “O Trabalhador” e “Taperá”.

Como Advogado, iniciou sua carreira na Comarca de Itu (Cível e Criminal), defendendo réus pobres no Júri, por nomeação do juiz. Assessorou juridicamente o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Salto, de 1952 a 1960, participando inclusive da campanha pró aquisição da sede própria daquela entidade. Posteriormente, foi advogado da Brasital S.A., de 1962 a 1968. Como criminalista, atuou nas comarcas de Salto, Indaiatuba, Porto Feliz e Itu, tendo ocupado, nesta última cidade, o cargo de secretário da OAB.

Foi uma das principais figuras na luta pela criação da Comarca de Salto, presidindo a Comissão criada para lutar pela instalação. Juntamente com o dr. Clíneo de Mello Almada, lutou pela criação do Abrigo de Menores do Parque Bela Vista (atual Associação do Homem de Amanhã – Guardinha) sendo seu primeiro secretário. Também participou da campanha pela criação da Sociedade de Assistência ao Albergado de Salto, quando era juiz de Direito de Salto o dr. Nilo Entholzer Ferreira, sendo eleito o primeiro presidente dessa entidade.

Na Política, foi vereador à Câmara Municipal de Salto, em três legislaturas (de 1º.01.1960 a 20.08.1971), quando renunciou ao cargo. Durante 7 anos ocupou a presidência do Legislativo saltense. Foi candidato a prefeito, em 1955, perdendo por pouco mais de 200 votos para o eleito Hélio Steffen.

Escreveu diversos livretos, como “A Defesa de Um Advogado”, abordando o caso do dr. Hermelindo Maffei na Justiça Militar, após a Revolução de 1964. Sob o patrocínio da Prefeitura de Indaiatuba, foi o autor de “A Tragédia da Rua da Candelária”, abordando um fato ocorrido em 1906, conhecido como “o crime do poço”. Também

foi o autor do poema “Os Rios da Minha Terra”, reproduzido num monumento erguido às margens do rio Tietê e do opúsculo contando a história da Escola Anita Garibaldi.

PORQUE O ESCOLHI

Poderia ter escolhido um grande escritor ou um grande poeta brasileiro. Escolhi um amigo. E mais que um amigo, uma pessoa que deixou sua marca, constituindo-se num dos principais e mais respeitados homens públicos saltenses. Odiava quando o chamavam de “decano dos advogados saltenses”, mas ele realmente o foi, além de ter tido a honra de ser o primeiro advogado do município. E quando isso aconteceu, a cidade viveu dias de alegria e de satisfação, comemorando o grande feito. Até inimigos políticos seus se uniram nas homenagens.

Quando ingressou na política, todos vaticinavam uma carreira gloriosa. Eleito vereador, foi por sete anos presidente da Câmara Municipal de Salto. Candidatou-se a prefeito e perdeu por algumas poucas dezenas de votos. Quando, desiludido, abandonou a política, renunciando à vereança, escrevi uma crônica no jornal *Taperá* sob o título “O Exemplo de Presidente”, que ele guardou por muitos anos e um dia me confessou que foi o maior reconhecimento que recebeu em toda sua vida pública.

Reproduzo-a, porque ela diz um pouco do muito que Mário Dotta fez em favor da população saltense:

“Que o Dr. Mário Dotta é uma pessoa culta, inteligente, todo mundo sabe. Nem sempre, entretanto, a pessoa que possui essas virtudes é dona de outras, como ser honesta, ser justa, cavalheiresca e amiga. Ele reúne todas essas condições e outras que não vêm ao caso agora.

Foi, por sete anos seguidos, presidente da Edilidade e nesse cargo fez de tudo: amansou verdadeiras ‘feras’, deu lições de humildade, de capacidade e humanismo, foi rigoroso quando necessário, usou sua energia quando a condição assim o exigia, fez, enfim, o que um Presidente deveria fazer e até mais que isso.

Não somos nós os únicos a reconhecer nele essas qualidades. Quando, por imposição legal teve que deixar a Presidência para dar lugar a outro, levantaram-se no plenário três dos quatro vereadores do partido adversário para exaltar suas virtudes, para demonstrar seu reconhecimento pelo muito que ele fez à frente da Edilidade, tratando a todos, companheiros ou não, de forma equitativa, numa prova cabal de sua boa formação e educação de que é possuído.

Todos nós vamos sentir muito a ausência do Dr. Mário Dotta na presidência da Câmara. Como, porém, isso teria inevitavelmente que acontecer um dia, só nos resta esperar que seu exemplo seja seguido, que sua conduta sirva de modelo para os que o sucederem no espinhoso cargo...” (Jornal Taperá – fevereiro/1970)

Valter Lenzi

IMORTALIDADE ACADÊMICA

Eu e outros 15 saltenses tornamo-nos imortais no dia em que Salto completou 311 anos de existência. Isso quer dizer que estamos livres de atropelamentos, de

contrairmos alguma grave doença, de não sofreremos um atentado? Evidentemente que não. Passamos a imortais, mas nem tanto, pois estamos sujeitos a todos os percalços que a vida nos proporciona, como qualquer ser humano.

Dá-se o nome de imortal também aos que fazem parte de uma Academia de Letras e aí a palavra tem outro sentido: que jamais será esquecido, inesquecível. Confesso que relutei em aceitar o convite que me foi feito e até na primeira reunião em que participei com os demais possíveis acadêmicos, fui uma das únicas vozes discordantes. Não podia considerar que escrevinhadores como eu pudessem se tornar de uma hora para outra (e de graça) acadêmicos. Considerei que seria muita pretensão.

Achei que ao invés de academia, poderíamos criar um Clube ou Grêmio Literário, mas fui voto vencido. Com isso achava que estava livre de participar, mas não estava livre do Ettore, que foi bastante insistente e por isso balancei. Quem pode dizer não ao nosso historiador-mor e decano dos jornalistas saltenses? Estava até propenso a fazê-lo, mas ele usou de todos os meios legais de convencimento e acabei cedendo. Se é pra ser imortal, vamos para o sacrifício...

A tarefa do Ettore seria muito mais fácil se ao invés de me tornar imortal por fazer parte de uma academia, me tornasse realmente imortal pelo outro sentido: de nunca morrer. Bem que eu gostaria de ficar pra semente, vivendo pelo menos uns 500 anos, mas em forma. Nada de pele enrugada, de pernas bambas, tosse constante, dor nas costas, osteoporose, vista turva, respiração ofegante, colesterol estratosférico, impotência em todos os sentidos (inclusive essa que você está pensando). Até que valeria a pena.

Já que isso é impossível (pelo menos enquanto as células-troncos não fizerem milagres ainda maiores do que já estão prestes a fazê-lo) o jeito é ser imortal do jeito mais simples, que é esse de fazer parte da Academia Saltense de Letras. Vai ser duro vestir o fardão, enfrentar o chazinho das 5 da tarde, comentar com os demais integrantes quem morreu, quem está prestes, se os aposentados vão ganhar alguma vantagem, etc. Mas vamos lá.

Quem sabe assim, no dia em que realmente morreremos alguém vai lembrar da gente, embora também não devam faltar aqueles que acreditam em tudo que leem e que respeitam o valor intrínseco das palavras, os quais certamente irão perguntar:

- Morreu? Ué, ele não era imortal? (Jornal Taperá - julho/2008)

Valter Lenzi



Antonio Oirmes Ferrari

Cadeira 07 – Membro fundador

Diretor de Relações Acadêmicas

Patrono: Machado de Assis

ANTÔNIO OIRMES FERRARI - Casado com Nídia Hyppolito Ferrari, dois filhos e três netos, é formado em Letras, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, pela PUC/Campinas. Por concurso público exerceu as funções de Catedrático de Português e em seguida de Diretor de escolas estaduais (“Prof. Paula Santos” e “Profa. Leonor”), durante quase 30 anos. Foi também Diretor do Conservatório Municipal “Maestro Henrique Castellari”, por 10 anos, Secretário Municipal da Cultura e Turismo, em 1996, e Secretário Municipal da Educação (2001-2004). É também bacharel em Direito, inscrito na OAB/SP-no.19.408. Participou também do setor político-administrativo da cidade, como Vereador, por 15 anos (1964-68, 69-72, 77-82). Integrante do jornalismo saltense, com seções sobre o idioma pátrio, literatura, poesia, educação e esportes, ao longo dos anos de militância. É autor do livro “Nosso Idioma de Cada Dia” e membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a Cadeira no. 07, Patrono - Machado de Assis.

Machado de Assis

De origem humilde, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, aos 29 de setembro de 1908. Era filho de Francisco José de Assis, humilde pintor de paredes e descendente de escravos alforriados. Sua mãe era a Sra. Maria Leopoldina Machado, portuguesa da Ilha de São Miguel e prestava serviços como lavadeira. Consta que jamais o menino Machadinho – como o chamavam – frequentou uma escola regular, pois fora um raro exemplo de inteligência privilegiada e de elevado talento na arte literária. Um ser autodidata por excelência. Sua obra é vasta e riquíssima e sobrepõe-se em todos os gêneros literários. É uma grandiosidade, nos romances que escreveu, nas poesias, nos contos, no teatro, nas crônicas

literárias, no jornalismo... Citemos as principais : ROMANCES - Ressurreição; A Mão e a Luva; Helena ; Iaiá Garcia, Memórias Póstumas de Braz Cubas; Casa Velha ; Quincas Borba; Dom Casmurro; Esaú e Jacó; Memorial de Aires . POESIAS – Crisálidas; Falenas; Americanas; Ocidentais; Poesias Completas. CONTOS – Contos Flumienses; Histórias de Meia-Noite ; Papéis Avulsos; Histórias sem Data; Várias Histórias; Páginas Recolhidas; Relíquias da Casa Velha. TEATRO – Hoje Avental, Amanhã Luva; Queda que as Mulheres Têm para os Tolos; Desencantos; O Caminho da Porta; O Protocolo; Quase Ministro; Os Deuses de Casaca; Tu, Só Tu, Puro Amor ; Não Consultes Médico.

Foi membro atuante, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada em 28 de janeiro de 1897. Seu nome foi escolhido por aclamação de todos os intelectuais , para ser o primeiro Presidente da Academia então criada, que recebeu provisoriamente a denominação de CASA DE MACHADO DE ASSIS.

A morte de sua esposa, em 1904, vítima de um tumor maligno, pertinaz moléstia que lhe tirou a vida, abateu profundamente o renomado escritor . Carolina, mulher culta, apresentou Machado de Assis aos clássicos portugueses e a vários autores de língua inglesa. Não tiveram filhos, mas Carolina foi sua fidelíssima companheira, desde o dia em que ambos se uniram para sempre . Muito doente, solitário e triste depois da morte da esposa, Machado de Assis morreu no dia 29 de setembro de 1908, em sua velha casa, no bairro carioca do Cosme Velho, tendo recebido dos seus confrades da Academia e de muitas pessoas presentes as homenagens póstumas. A oratória fúnebre foi proferida pelo acadêmico Rui Barbosa .

Por que o escolhera como seu Patrono ? Desde meus tempos de Ginásio (hoje Fundamental) sempre tive admiração profunda pelo gênio Machado de Assis. É o nosso primeiro grande romancista e nosso maior escritor. Sua obra é caracterizada pelo estilo elegante, inconfundível, o raciocínio fino, o comentário irônico, o humor ático, a engenhosidade, a habilidade de fazer e desfazer o romanesco, sem perder o fio da meada e o moralismo demolidor, que associa cada ponto de vista a um jogo de enganos. Vale por um tratado de psicologia. Sua grande preocupação foi o homem, com seus mistérios, suas ânsias e elucubrações . A crítica internacional o tem entre os maiores escritores do mundo, ombreando-se a Dante, Shakespeare, Cervantes e outros . Machado de Assis é a glória maior de nossas letras. Sem dúvida, um gênio !

O DIA DA DESPEDIDA

Estávamos às portas do Natal, era o dia 18 de dezembro de 1988. Quanto tempo já passou! O histórico Teatro Verdi superlotado acolhia concorrida Formatura da Escola Estadual “Professora Leonor Fernandes da Silva”. Centenas de concluintes, familiares e convidados aguardavam o ato solene, que iria coroar com êxito tantos anos de estudos. A orquestra à frente, sempre bem regida pelo saudoso maestro Prof. Agostinho Pereira de Oliveira, apresentava lindas melodias, para devaneio do público presente.

Chegou o momento! Cabia-me dirigir minha última Formatura da escola estadual, onde militara por muitos anos, face à aposentadoria por tempo de serviço, publicada naqueles dias. Eram trinta longos anos de serviços, traduzidos naquele ato, que seria o ponto final, a despedida, o dia do adeus. É tão bom recordar! Com visível

emoção - e não poderia ser diferente - levamos a todos os presentes - com o histórico Verdi por testemunha - o que ora reproduzimos abaixo.

“Meus amigos: “Quem passou pela vida em brancas nuvens e em plácido repouso adormeceu, não foi homem, foi espectro de homem, só passou pela vida e não viveu”. Quis Deus e quiseram vocês, meus amigos de todas as horas, que a última Formatura que presido, como diretor de nossa querida Escola, se configurasse como uma das mais lindas, a que assistimos nos últimos anos.

Estou de saída, estou deixando nossa venerável Escola, por motivo de minha aposentadoria. Levo comigo a honra de, além de exercer o professorado, haver dirigido duas renomadas escolas de nossa cidade: o então Colégio Estadual “Professor Paula Santos” por cerca de 16 anos e a Escola Estadual “Professora Leonor Fernandes da Silva”, por quase 14. Ambas fizeram e fazem parte marcante de minha vida e de ambas guardarei sempre as mais gratas recordações.

Se pudesse - como um recuo no tempo e no espaço - faria tudo outra vez. Da mesma maneira, tanto no “Paula Santos”, como na “Profa. Leonor”. A primeira também fez parte de minha vida ainda jovem, dos anos 60/70, com aquele prediozinho pequeno para a época, e que foi se ampliando, se espichando como que acompanhar a explosão educacional de nossa cidade, nos anos 60, chegando até a dobrar a esquina da Rua Henrique Viscardi, com a grandiosidade do Ginásio, que passou a ser também noturno; com a instalação do Científico, do Clássico e da sonhada Escola Normal, que deu à nossa Salto, em fins de 68, os primeiros professores formados em terras saltenses, quando o então Cine São José, superlotado, viveu verdadeira apoteose, com a formatura da primeira turma de professores. E nós vivemos bem de perto esses momentos. E as constantes ampliações do prédio? As lutas pelas duas quadras-de-esporte, o Primário-Anexo, o movimento pelo Salão Nobre, o Jubileu de Prata da Escola, o tetracampeonato de basquete de toda a região, os espetáculos coreográficos do saudoso gênio Prof. Idovar Stahl, que nos deixou tão cedo, mas que fez parte da vida de todos nós, com o seu extravazamento em cultivar o Belo. E os gênios parecem que partem tão cedo... E se passaram 16 anos de convivência feliz e de recordações gratas.

A Escola “Prof.^a Leonor” foi minha segunda casa de educação, onde aportamos em 1976 e conosco vieram, paulatinamente, vários colegas, que ajudaram a edificar a grandeza da escola. Novas lutas e novas jornadas! Instalações, já em 77, dos cursos técnicos de Mecânica, Secretariado e Formação Básica em Química. E, 1982, a reconquista para Salto, da já saudosa Escola Normal, consubstanciada no Curso de Formação de Professores e a vinda - com exclusividade em toda a região - dos chamados Cursos Pré-Profissionalizantes, nas áreas de Ajustagem e Torneria Mecânica. Que dizer, então, da luta pela construção do Pavilhão das Oficinas, luta essa de muitos e muitos anos, tornada realidade em 1982? Como esquecer as movimentadas atividades teatrais, as gincanas, as conquistas no esporte da nossa Escola “Profa. Leonor”, a fanfarra, as decorações do nosso pátio e galpão, o nosso ciclo básico e a sólida amizade da convivência diária, com todos os professores, funcionários e alunos? Se pudesse, faria tudo outra vez, da mesma forma.

Desencantos? Poucos, pouquíssimos, diante de tantas expressões de afeto e dedicação, que já estão nos levando à saudade, antes mesmo de deixarmos a Escola. Sim saudade, essa palavra tão bonita, tão nossa, exclusivamente nossa. Sau-

dade que é gostosa de sentir, pois em havendo saudade, é porque já houvera antes muitas lições de Amor.

As luzes da ribalta vão se apagando e as cortinas começam a fechar-se. Creio que a missão é cumprida. Mas o maravilhoso “show” da vida continua e não poderemos jamais deixar de promover o indescritível espetáculo da educação, do ensino, de iluminar mentes e consciências. Assim como as águas que correm para os rios e para o mar; assim como o fogo à candeia, não poderemos parar. Novos desafios virão e com eles novas vitórias. Sou grato por tudo. Às Autoridades com quem convivi durante esses anos todos; a todos que militam no ensino, aos colegas professores, amigos de todas as horas; aos funcionários sempre tão solícitos; aos prezados pais e ao povo de minha querida Salto. Aos membros de minha família e demais parentes, minha gratidão eterna. Aos meus saudosos pais, juntos de Deus no seio da eternidade, o meu beijo e a minha oração agradecida.

Valeu a pena? Perguntar-me-ão todos...

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena!”

Até sempre! Deus guarde a todos!

MÃE

Mãe,
Na grandeza de tua maternidade,
Me deste robusto à vida
E em tua sublime afetividade
Nunca faltou carinho e guarida.

Mãe,
Foste tu que meus passos guiaste
Com o “dandá neném pra ganhá tentém”,
Foste tu que meu sono velaste
Com carinho e afeto também.

Mãe,
Ensinaste-me a Ave Maria,
Com perseverança e constância,
Deste-me a necessária calma
Para eu lutar em toda distância.

Mãe,
Passou o tempo, homem fiquei,
A novos percalços, a novas trilhas
Com destemor me atirei
E tu comigo disso sempre partilhas.

Mãe,
Que farei para recompensar-te?
Devo trazer o Céu, as estrelas, o mar?
Ou devo unicamente de amar-te,
Sem nada, mais nada te dar?

Mãe,
Parece que ouço o teu pedido
Transmitido tão docemente:
“Dá-me, como até agora, filho querido,
Dá-me carinho e amor somente!”

Antônio Oirmes Ferrari

AMADEU E SEUS SETE FILHOS

Corria o ano de 1925, já tão distante. Dois saltenses, Amadeu Mosca e Paulim Monari, exímios futebolistas de saudosa memória, defendiam as cores também saudosas da Atlético São Bento, da Capital.

Chegou o dia da grande decisão do Campeonato Paulista de Futebol. De um lado o esquadrão do Clube Atlético Paulistano, mantido pela elite da Pauliceia e de outro um clube mais modesto, de raízes populares, a Associação Atlético São Bento. Logo abaixo, na classificação, o Corinthians e o Palestra Itália mordiscavam

os calcanhares dos primeiros.

Dois saltenses que a Atlético São Bento viera aqui buscar junto ao Ítalo Futebol Clube estavam a postos como titulares, diante da grande decisão. O Paulistano, tendo como sustentáculo os recursos das ricas famílias quatrocentonas de São Paulo, era o grande favorito. Contam-nos os da época que fora uma refrega das mais renhidas, do tostão contra o milhão, uma nova luta de Davi contra Golias. E não há de ver que, mais uma vez, a tenacidade de Davi derrotou o portentoso Golias?

Quase ao ocaso da partida – assim retratam os aficionados da época - o saltense Amadeu Mosca , excelente craque do meio-de-campo, muito preciso nos passes, passa por dois adversários e dá notável assistência ao famoso centroavante Feitiço, que marcou o gol do título.A Atlético São Bento conquistava o sonhado galardão. Realmente, a pródiga história se repetia: Davi havia vencido Golias.

Que honra para a pequenina e acanhada Salto de 1925! Dois de seus filhos sagravam-se campeões paulistas. Houve muita festa por aqui também, pois Amadeu e Paulim não se desligaram de sua terra, para jogar em São Paulo. Viajavam sim, semanalmente, mantendo sempre vivas as raízes com a pequenina cidade que os vira nascer.

Esse momento de glória não se foi com o título conquistado. Havia algo mais a acontecer... Ambos, Amadeu Mosca e Paulim Monari, foram convocados pelo técnico Joreca, para servir a Seleção Paulista de Futebol, que disputaria o Campeonato Nacional, contra as congêneres carioca, mineira, gaúcha e baiana. E a Seleção do nosso Estado foi campeã brasileira, em 1926.

Criou-se na pequenina cidade uma lenda, a respeito dos dois, que teriam deixado de atender a convocação, talvez pela timidez dos dois saltenses que, ao chegar na estação ferroviária de Mairinque, na chamada baldeação de um trem para outro, desistiram da convocação, para irem caçar passarinhos nos verdes campos mairinqueenses. Pura lenda e muito folclore com os nossos dois conterrâneos, pois Amadeu já bem idoso, em sua simplicidade, exibia com orgulho a medalha de ouro que recebera quando integrara a Seleção Paulista de Futebol, campeã nacional do ano de 1926.

O outro craque saltense Paulim Monari, mais tarde, já na idade provecta, passou a residir em São Paulo, com sua família, mas sabe-se que chegava às lágrimas, quando falava de Salto e de sua gente. No final de sua existência, vitimado por pertinaz moléstia, teve Paulim amputadas ambas as pernas, que com raro talento encantaram as platéias dos nossos estádios .

Amadeu Mosca, por sua vez, ficou por aqui até o final de seus dias, em sua casa localizada justamente ao lado do Estádio da Saltense – onde hoje está edificado o Ginásio de Esportes da Gloriosa. Casado com a Sra. Amélope Buzelli, teve o casal nada menos de 12 filhos, sete homens e cinco mulheres. E daquele lar humilde e honrado, iam chegando pelo inesquecível portãozinho que ligava o quintal da casa ao Estádio, ano a ano, os filhos do nosso craque maior. Fantástico! Os sete filhos de José Amadeu Mosca vestiram e honraram a camisa tricolor da gloriosa Associação Atlético Saltense.

Começou com Sílvio – o mais velho da prole – jogador de meio de campo, como poucos, seguido de Édson, firme zagueiro várias vezes campeão, que “anulava” os centroavantes dos times da Região. Eis que surge a técnica refinada de Gilson, o clássico médio-de-apoio(hoje volante) , um mestre tal como Flavinho Pavanelli, que

o sucedeu, finíssimo no trato da bola e correto nos passes. O próximo foi Osmir, rápido ponta-esquerda, driblador e corajoso. Surge depois Leonel, o Néi Mosca, com a Saltense no profissionalismo, meia e centroavante, combativo e rompedor, que também arrancou muitos aplausos das arquibancadas do Estádio Alcides Ferrari. Os aficionados tricolores lembram-se bem que houve tempo em que, nada menos de quatro craques - filhos de Amadeu – compunham o time titular da Gloriosa da Rua Itapiru, em seus áureos tempos: Édson, Gilson, Osmir e Néi Mosca. Um terço de sua formação era originário da família do ídolo Amadeu.

Sua prole futebolística não para aqui. Vieram depois os dois filhos mais novos: Vlademir - mais conhecido como Beleti - e seu irmão Valter. Ambos também militaram nos campos saltenses, vestindo a mesma camisa de seus irmãos, em torneios do campeonato amador da cidade, honrando sobremaneira os princípios de seu saudoso pai.

O Poder Público, em reconhecimento ao que José Amadeu Mosca e seus sete filhos - todos craques - fizeram pelo futebol saltense e brasileiro, perpetuou o patriarca da família Mosca no bronze do estádio da municipalidade, denominando-o Estádio Municipal “José Amadeu Mosca”, bem como o sagrou com seu nome uma das ruas de um dos bairros de nossa cidade.

Talvez Amadeu Mosca não tenha sentido, em sua simplicidade, o quanto de notável fez pela história do esporte desta cidade: campeão paulista de futebol e convocado da Seleção Paulista, campeã brasileira de 1926, sempre por amor à camisa que envergava, quando o futebol tinha sua aura de romantismo, em contraste com o acumular fortunas, objetivo maior dos craques dos dias de hoje. Além disso, deu à gloriosa Saltense e à nossa cidade sete filhos, todos futebolistas, que muito honraram a fértil semente plantada por Amadeu. Se nosso imortal poeta Camões aqui chegasse, diria simplesmente: “mais servira, se não fora para tão grande amor, tão curta a vida”.

Antônio Oirmes Ferrari



Daniel Gasparini
Cadeira 08 – Membro fundador
Membro do conselho fiscal
Patrono: Gonçalves Dias

DANIEL GASPARINI - Nasci na zona rural de Porto Feliz-SP, a 19 de fevereiro de 1932, mas fui trazido para Salto logo nos primeiros meses de vida. Na zona rural de Salto, para onde meus familiares se mudaram, eu aprendi as primeiras letras em escola isolada, completando o Curso Primário na cidade (Grupo Escolar Tancredo do Amaral). Eu via, de modo maravilhoso, a Geografia e a tinha como a ciência mais importante, mais agradável e decorativa, principalmente os mapas. Conhecia quase tudo sobre o mundo da época.

Porém, movido pelo sentimento religioso, aos 14 anos ingressei no Seminário de Pirapora, onde permaneci por vários meses encontrando ali um nível de ensino altamente elevado, do jeito que eu queria. Todavia, fui forçado a mudar meu comportamento estudantil, pois a Língua Portuguesa e o Latim eram prioridades. Diante da circunstância, apeguei-me exageradamente à Gramática e passei a amá-la a ponto de “destronar” a Geografia. Claro que o Latim também ajudou. Virou paixão.

Retirando-me do seminário por falta de vocação clerical, adquiri logo um exemplar de língua portuguesa - Curso Superior de Gramática – o mesmo que estudava lá. Eu era o professor de mim mesmo: estudava sozinho, perguntava, respondia por escrito e corrigia. Trabalhava durante o dia e estudava à noite e o amor ao idioma era realidade. Fiz o Ginásio Noturno e Contabilidade, com prioridade total ao estudo do Português.

Finalmente, aos 52 anos e aposentado do INSS, ingressei na Faculdade N. Sra. do Patrocínio, em Itu, onde me formei professor de Português.

Em várias escolas da cidade lecionei Português e Geografia, esta em caráter interino. À margem, colaborei voluntariamente com o jornal O Trabalhador durante 15 anos, escrevendo crônicas e poesias. Percebendo o dom poético, editei o livro

101 Poesias Originais, o que me valeu o título honorífico de Cidadão Saltense outorgado pela Câmara Municipal em 1997. Compus aproximadamente 150 poesias no estilo clássico, sendo uma delas premiada em Porto Feliz num concurso patrocinado pela Prefeitura daquele município por ocasião das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil no ano 2.000. O concurso teve 90 participantes (poesia, música e fotografia) sendo os 3 ganhadores premiados com o troféu Juzarte (500 anos de Brasil) e uma viagem a Porto Seguro, com acompanhante.

Em seguida, editei o livro *A Participação Do Brasil Na Taça “Jules Rimet”* que narra a trajetória da Seleção Brasileira de Futebol desde a 1ª Copa, no Uruguai em 1930 à conquista definitiva no México em 1970.

Há 10 anos faço parte da Diretoria da centenária Sociedade Saltense de Socorro Mútuo e ainda da septuagenária União Musical “Gomes-Verdi”.

Casado com Ruth Prado Gasparini, possuo duas filhas saltenses, ambas casadas, e três netos. Uma delas reside e trabalha em Brasília e a outra, formada em Odontologia, atua nesta cidade.

O constante aperfeiçoamento dos estudos idiomáticos e poéticos representam-me algo que pode ser comparado à pedra grande que desce montanha abaixo e só para de rolar quando acabada a ribanceira. A ribanceira, neste caso, é a vida.

Gonçalves Dias

Antonio Gonçalves Dias, poeta brasileiro, foi o iniciador da corrente indianista na poesia e um dos maiores representantes do Romantismo no Brasil. Frequentou a famosa Universidade de Coimbra, na qual, obteve o primeiro e simples grau de bacharel. Durante essa época, escreveu dois romances e dois dramas, ambos publicados por Antônio Henrique Leal, após a morte do poeta (*Obras Póstumas de Gonçalves Dias - 1869*). Escreveu depois vários outros, entre eles a *Canção do Exílio*, expressão máxima de seu nacionalismo.

Durante essa permanência no Velho Mundo, fez pesquisas educacionais e historiográficas quando da sua estada em Leipzig (Alemanha). Publicou a edição reunida dos *Cantos*, bem como, os quatro cantos iniciais de *Os Timbiras*, poema de acentuado cunho indianista.

Em seguida, voltou ao Brasil em curta passagem, pois retornou logo ao continente europeu para tratamento de saúde.

Profundo conhecedor da língua portuguesa, Gonçalves Dias revelou-se notável artesão do verso lúcido. A bibliografia do autor inclui grandes obras, entre elas, o *Dicionário da Língua Tupi*, *Meditação*, *Memórias de Agapito Goiaba* e um *Anjo*, além de versos publicados postumamente e traduções.

Estas foram algumas das grandes obras do autor, considerado um dos maiores poetas de nossa literatura.

Gonçalves Dias procurou formar um sentimento nacionalista ao incorporar novos assuntos e paisagens brasileiras à literatura nacional. Ao lado de José de Alencar desenvolveu o Indianismo. Por sua importância na literatura brasileira e por sua paixão indianista pode-se dizer que Gonçalves Dias incorporou uma ideia de Brasil à própria história nacional.

Dia Internacional Da Mulher – 8 De Maio

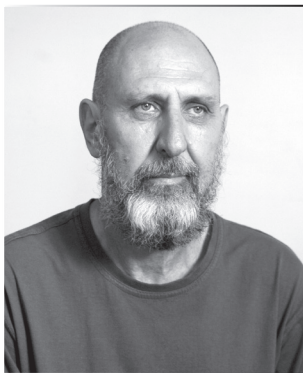
Mulher, a mais bela rosa
Quer a natureza formosa
Desabrochou para o mundo;
Ela é candura e fragrância
Da plenitude, elegância,
Modelo de amor profundo.

Mulher é sempre acalento
Desde o verdor do momento
De sua infância sagrada;
Sua juventude, a doçura,
Exibe sempre a ternura
De uma virtude encantada.

Mulher, o vaso da vida,
Do amor, a mãe querida
Da prole que delinea;
A essência, o dom supremo
Fá-la mostrar, pelo extremo,
Os traços que ela norteia.

Mulher, talento e beleza,
Esplendor da natureza
E candura sacrossanta;
É a flor da benevolência
Deste jardim da existência,
Da plenitude que encanta.

Daniel Gasparini



Odair Schiavone

Cadeira 09 – Membro fundador

Membro do conselho fiscal

Patrono: José de Alencar

ODAIR SCHIAVONE - Também conhecido pelo apelido de “Peregrino Literário”
Escritor romancista, nascido em Salto, aos 5 de abril de 1956.

Casado com Maria Gilda e tem dois filhos: Evandro e Ellen.

Odair é membro da ASLe “Academia Saltense de Letras”, ocupando a cadeira número 9, cujo Patrono é José de Alencar.

Antes de se dedicar a escrever romances, lançou dois livros de auto-ajuda, trazendo como tema a questão da pessoa com deficiência.

O primeiro, lançado em 1995, chamou-se: De Volta à Vida, onde relata sua superação após perder uma das pernas em um acidente.

O segundo, lançado em 1999, chamou-se: Caminhar Juntos & Deus Nu.

Em 2004 inicia então sua carreira como romancista, lançando seu primeiro romance: “As Flores Não Geram Crianças” Este primeiro livro foi tão bem aceito pelos leitores, que deu origem a uma coleção chamada: “As Flores...”

Em 2006 publicou o volume II, com o título: “As Flores e o Código 45”.

Em 2008 publicou o Volume III, com o título: “As Flores e um Perdão Quase Impossível”.

Em 2010 está lançando o Volume IV, com o título: “As Flores e a Profecia de Antrópikus”.

Além dos livros, Odair escreveu durante 5 anos para o Jornal **Tapará** de Salto, uma coluna semanal com o título Caminhar Juntos, onde abordava o tema da inclusão social das pessoas com deficiências.

José de Alencar

José Martiniano de Alencar (Messejana, 1º de maio de 1829 — Rio de Janeiro, 12

de dezembro de 1877) foi um jornalista, político, orador, romancista, crítico, cronista, polemista e dramaturgo brasileiro. Filho de um influente senador, José de Alencar formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária através dos jornais *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro*. Foi casado com Ana Cochrane. Era irmão do diplomata Leonel Martiniano de Alencar, barão de Alencar.

Nascido em Messejana, bairro da capital cearense, a família transfere-se para a capital do Império e José de Alencar, então com onze anos, foi matriculado no Colégio de Instrução Elemental. Em 1844, matriculou-se nos cursos preparatórios à Faculdade de Direito de São Paulo, começando o curso em 1846. Fundou, nessa época, a revista *Ensaios Literários*, onde publicou o artigo *Questões de Estilo*. Formou-se em Direito, em 1850, e, em 1854, estreou como folhetinista no *Correio Mercantil*. Em 1856, sob o pseudônimo de Ig, criticou o poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Ainda no mesmo ano, publicou sob a forma de folhetim seu primeiro romance, *Cinco Minutos*, no ano seguinte publica, no mesmo formato, *A Viuvinha*. Mas é com *O Guarani* (1857) que alcançou notoriedade. Nesse romance José de Alencar criou uma mitologia nacional compatível com os romances europeus do período, que traziam frequentemente temas relacionados à cavalaria e aos tempos medievais: uma vez que o Brasil não possuía cavaleiros nem feudos, Alencar soube adaptar magistralmente o tema, sugerindo uma evocação ao passado indígena (imaginado) com igual brilho e diversidade. O herói Peri, no entanto, possui características bastante inesperadas para um índio, como a obediência quase irrestrita ao homem branco e o comportamento cavalheiresco.

José de Alencar foi mais longe nos romances que completam a trilogia indigenista: *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). O primeiro é uma epopéia sobre a origem do Ceará, tendo como personagem principal a índia Iracema, a “virgem dos lábios de mel” e “cabelos tão escuros como a asa da graúna”. O segundo livro tem por personagem Ubirajara, valente guerreiro indígena que durante a história cresce em direção à maturidade.

Em 1859, tornou-se Chefe da Secretaria do Ministério da Justiça, sendo depois consultor do mesmo. Em 1860 José de Alencar havia ingressado na política, como deputado. Em 1868, tornou-se Ministro da Justiça e, em 1869, candidatou-se ao Senado. Em 1877 viria a ocupar um ministério no governo do Imperador Dom Pedro II. Em 1872 se tornou pai de Mário de Alencar.

Tuberculoso, viajou para a Europa em 1877 para tentar um tratamento, porém não teve sucesso. Faleceu no Rio de Janeiro no mesmo ano.

Produziu também romances urbanos (*Senhora*, 1875; *Encarnação*, escrito em 1877, ano de sua morte e divulgado em 1893), regionalistas (*O Gaúcho*, 1870; *O Sertanejo*, 1875) e históricos (*A Guerra dos Mascates*, 1873), além de peças para o teatro. Característica de sua obra é o nacionalismo, tanto nos temas quanto nas inovações no uso da língua. Em um momento de consolidação da Independência, Alencar representou um dos mais sinceros esforços patrióticos em povoar o Brasil com conhecimento e cultura próprios, em construir novos caminhos para a literatura no país. Em sua homenagem foi erigida uma estátua no Rio de Janeiro.

Por que escolhi José de Alencar para ser o Patrono da minha cadeira na ASLe?

Ainda jovem, por volta de meus 16 anos, li pela primeira vez uma obra de José de Alencar, “*Cinco Minutos*”, fiquei encantado! Logo em seguida li “*A Viuvinha*”, fiquei ainda mais apaixonado pela forma como ele escrevia. Eu me via dentro daquelas

estórias e sonhava um dia ser um escritor de romances.

E quando fui convidado a fazer parte da ASLe, ao ter a oportunidade de escolher o meu Patrono, não tive dúvidas: meu ídolo das letras, José de Alencar.

A Estrela Da Minha Vida

Certa noite estava me sentindo tão só
Olhei para o céu e fiquei maravilhado
Em minha garganta comecei a sentir um nó
Ao contemplar aquele céu tão estrelado

Contá-las era impossível
Pois eram milhões que brilhavam
E aquilo me deixou tão sensível
Que meus olhos lacrimejaram

Mesmo com a visão meio embaçada
Bem lá no alto eu pude ver
Que havia uma delas, mais iluminada
Não fazia questão de se esconder

Sem dúvida, era a estrela mais bela
Que entre todas, no céu havia
Mas porque o brilho maior era dela
Isso eu ainda não sabia

Limpei dos olhos a lágrima
E para o alto fiquei a olhar
Aquela linda estrela mágica
Que fez meu coração se alegrar

Foi quando de repente me lembrei
De alguém que há tempos não via
Daquela mulher que eu sei
Que alguma coisa por mim sentia

Há muito tempo ela foi embora
E ao partir me olhou e disse assim:
Vou partir, mas te juro agora

Que ainda vai se lembrar de mim.

Guarde esse pequeno embrulho
Que cabe em sua mão
Só abra um dia no escuro
Quando sentir chegar a solidão

Tirei os olhos do céu
E do bolso o embrulho peguei
Abri aquele pedacinho de papel
E uma pequena estrela encontrei

Era uma estrelinha de prata
Que aquela mulher me deixou
E de tanto que brilhava
Meu olhar quase cegou

Então lembrei do que ela falou
E pro céu tornei olhar
Será você meu grande amor,
Que está aí no alto a brilhar?

Apertei a estrelinha na mão
E senti que precisava ajoelhar
Olhando pro céu fiz uma oração
E com Deus me pus a falar

Senhor, ouça bem o que vou pedir
Diante deste céu, que é o Teu altar
Se meu amor aqui não pode mais vir
Lá em cima com ela eu quero morar

Odair Schiavone

Amor Escrito No Papel

Este seria talvez apenas mais um poema
Quando, naquela noite, peguei na pena
E comecei, sobre meu amor, escrever
Mas, nem se quer em sonho, imaginava
Que naquele papel branco que ali estava
Tanta coisa bonita pudesse caber.

Escrevi como nunca havia feito antes
E sem parar sequer um instante
Deixei aquela folha de papel cheia
Não escrevi nenhuma bobagem ou mentira
Coloquei ali tudo o que meu coração sentia
Até aquelas coisas que muitos acham que
são feias

Pra mim, tudo era bonito quando se tratava
dela

Escrevi até o jeito que naquele dia na janela
Ela me viu passar, sorriu e tudo começou
Não havia lua no céu, nem flores no jardim
Não foi preciso serenata e nem perfume de
jasmim
Pra eu sentir uma coisa tão bonita chamada
amor

Ah! Como eu queria mostrar pro mundo
aquele papel
Todo cheio de letrinhas, como estrelas lá
no céu
Contando em detalhes toda a nossa história
Mas, não é pra fazer inveja e nem pra me
gabar
Tudo que ali escrevi só serve pra mostrar
Como foi linda, forte e grande a nossa
vitória.

Odair Schiavone



Genézio Migliori

Cadeira 10 – Membro fundador

Membro do conselho fiscal

Patrono: J. Silvestre

J. Silvestre

Escolhi-o porque em sendo eu locutor de várias rádios locais e ituanas, sempre admirei o J. Silvestre, pois o mesmo também foi locutor da Rádio Tupi.

PEDRO AMÉRICO...

Em determinado dia apresentaram-me ao Pedro Américo de Oliveira Cândido, homem de poucas letras, mas de uma inteligência muito acima da média. Sitante trabalhador, desses de pegar na enxada logo de manhã e somente parar ao final do dia. Morava em um dos sítios lá pelos lados do Lajeado, lugar difícil de chegar, pois a estrada mal dava para passar uma carroça. Mas o Pedro Américo gostava do seu sítio. Vinha para a cidade, com a sua carroça, para fazer compras nos armazéns, a cada três meses. No primeiro domingo de setembro, em todos os anos, fazia questão de vir à cidade, com a carroça carregada de lenha, que era vendida, e o dinheiro entregue para obras da Igreja. Era uma tradição saltense que ele não deixava de cumprir.

Havia se casado com a jovem Gumercinda, mulher acostumada a qualquer trabalho de um sítio. Era alta e forte. Gravidez era com ela mesma. Ficava grávida treze vezes. Além do fato de que em um dessas vezes nasceram-lhe gêmeos. Naquele tempo quanto mais filhos, melhor era para o trabalho de cuidar da plantação, apascentar o gado, tirar o leite. Uma coisa o Pedro Américo fazia questão de exigir dos filhos e das filhas. Todos tinham de aprender a ler e a escrever e fazer contas. Não queria ninguém analfabeto em sua família. Todos tinham o dever ler o único livro que havia na casa: a Bíblia. E à noite, à luz do lampião, alguém da família lia um trecho

dela. Os demais ouviam com o maior respeito, pois todos eram fervorosos católicos.

Os anos foram passando e o Pedro Américo até que andava feliz com a sua Gumercinda. Andava, mas não andou mais quando, no sítio vizinho, apareceu uma jovem danada de bonita, linda mesmo, a distribuir desejos para quem nela plantasse os olhos. A partir daí começaram a aparecer os mais diversos defeitos na pobre da Gumercinda. Estava gorda demais, mas isso era o de menos, diante dos outros defeitos que iam surgindo, quando o Pedro Américo plantava os seus olhos na jovem do sítio vizinho.

Esta, por sua vez, havia percebido os olhares apaixonados do Pedro Américo, e não deixava de circular por perto da cerca que fazia a divisa entre os dois sítios, praticamente todos os dias. E o Pedro Américo ficava esperando a chegada do motivo de seu deslumbramento. Se a Gumercinda desconfiava não dava a perceber, achando que os filhos iriam segurar o marido abobalhado pela jovem do sítio vizinho. Até que ficou sabendo que ela tinha um namorado.

E deu um jeito de fazer com que ele tomasse conhecimento dos desejos do Pedro Américo. E em um final de tarde lá estava a jovem dengosa de um lado da cerca. Pedro Américo do outro, no maior enlevo, desnudando a jovem vizinha com o seu olhar apaixonado. E de repente surge, como se fosse do nada, o namorado da bonita jovem, montado em seu cavalo, começando a fazer ameaças ao Pedro Américo, ameaças potencializadas pelo revólver que ele portava. A verdade é que nunca se soube se estava mesmo carregado ou não aquele reluzente “38”.

Mas revólver é revólver! A partir desse dia a Gumercinda do Lajeado deixou de ter qualquer defeito. E o Pedro Américo de sonhar com a linda jovem do sítio vizinho... Aliás, a bem da verdade, a Gumercinda ainda ficou grávida mais uma vez, mas, como se dizia naquele tempo, o filho não vingou... Nasceu e morreu um dia depois. A partir daí nunca mais tiveram filhos. Muitos anos depois o Pedro Américo faleceu. A Gumercinda vendeu o sítio e foi morar em Capivari, terra dos seus parentes.

Interessante dizer aqui que a Gumercinda nunca foi ver o túmulo do marido. Nem mesmo no dia dos mortos. Uma das filhas é que ia levar alguma flor e rezar um pouco pela alma do falecido Pedro Américo de Oliveira Cândido. E quando os túmulos do cemitério velho foram transferidos para o cemitério da Saudade, dando lugar ao nascimento da Praça XV, nessa transferência o túmulo se perdeu, mas ninguém reclamou. Os filhos nem moravam mais em Salto...

Genézio Migliori

O ZÉ DA MARCÍLIA..

Em crônica anterior falei do Zé da Marcília, carroceiro de profissão, afeito a qualquer tipo de transporte. Levava e trazia mercadorias da estação, ia buscar água da biquinha, fazia mudanças, colocando o cachorro em cima dos móveis. Tinha lá o seu jeito de cobrar o frete. Mercadorias dos comerciantes cobrava um preço que lhe parecia justo. Água da biquinha não cobrava nada, mas aceitava uma dose de pinga de cada casa que entregava o garrafão.

A Marcília não gostava nem um pouco desse trabalho. Além de ficar conversando com as mulheres, ainda ficava bebendo a sua dose de pinga. Adentrava sua casa mais pra lá do que pra cá. Almoçava e ia dormir bêbado. A Marcília é quem tinha de

dar de beber e de comer ao cavalo. Retirava-o da carroça para que o coitado tivesse um almoço mais sossegado. O cavalo tinha o nome de Apolinário. Foi a Marcília quem lhe deu esse nome.

Conseguiu ter apenas uma filha e a quem dera o nome de Apolinária. Queria ter um filho, mas não foi capaz, apesar do empenho do Zé e dela mesma. Uma vez que não teve um filho, o nome foi para o cavalo. Uma coisa é preciso ressaltar para que se faça justiça. O Zé trabalhava desde manhã bem cedo até à noite, quando fazia as mudanças de uma casa para outra. Se ficava sabendo que a mudança era devido ao não pagamento do aluguel, o Zé fazia um preço menor no carroto.

O Zé da Marcília morava lá pelos lados da Vila Nova, em uma casa um pouco retirada das demais, com um terreno enorme. Podia-se dizer que era uma chácara. O Zé não queria incomodar vizinho nenhum, pois criava porcos e os vendia para os açougues da cidade. Criava galinhas e vendia os ovos para quem fosse até sua casa. A paixão mesmo do Zé era a sua criação de abelhas. Tinha uma vintena de caixas produzindo mel. Com muita paciência colhia o mel, engarrafava-o com capricho e o vendia nos armazéns da cidade ou para quem fosse até sua casa.

Aos domingos sempre tinha gente na casa do Zé da Marcília, comprando galinha, ovos, mel, alguma fruta. Às vésperas do Natal muita gente ia encomendar leitão. Aí a Marcília aproveitava e cobrava um preço que achava compensador pelo trabalho que dava matar e limpar o leitão. Aconteceu, e aconteceu mesmo! A partir de um determinado dia o Zé começou a falar para a Marcília que se morresse queria ser levado ao cemitério na sua carroça.

Não queria ninguém carregando o seu caixão. Quem devia levá-lo era o Apolinário, seu cavalo de estimação. Há que se recordar que antigamente o velório era efetuado na casa do falecido. A impressão que o Zé da Marcília deixou era a de que ele sabia que iria morrer dentro em breve. Pois um dia, ao entardecer, o Zé cai ao chão, morto. Tinha acabado de entregar um porco no açougue. Foram chamar o enfermeiro. Naquele tempo não tinha médico na cidade.

O enfermeiro confirmou a morte do Zé da Marcília. O corpo foi colocado na carroça e levado para sua casa. O velório até que foi bem concorrido. O enterro saiu às 17 horas, com o caixão sendo levado na carroça, com o Apolinário puxando, conforme foi o desejo do Zé da Marcília. Houve comentários a favor e contra, mas a última vontade tinha de ser respeitada. E a Marcília, agora viúva, vendeu a carroça e o Apolinário junto. Passou o resto de sua vida cuidando dos porcos, das galinhas, do apiário e dos pés de frutas. Quando ela morreu, a sua filha, Apolinária, vendeu a chácara com tudo o que tinha dentro. E mudou-se de Salto...

Genézio Migliori

O CASO DA CATALEPSIA...

Segundo contavam os antigos o caso que vou relatar aconteceu mesmo. E foi com o sacristão da paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, o Jácomo Guido Francischinelli, homem simples e sem grandes sonhos na vida, assim como deve ser um bom sacristão. Jacomim, como era mais conhecido, vivia solteiro por vocação. Diziam que a única mulher por quem sentia mais do que amor era pela Virgem Maria, pois tinha por ela enorme veneração. Por ser um homem sozinho, morava na casa

paroquial, vez por outra Jacomim se esquecia do seu cargo de sacristão e desandava na bebida, principalmente na cachaça.

Um belo dia entrou no bar de sua preferência, começando a tomar a sua cachaça. Outros fregueses daquele bar foram aparecendo e a conversa foi se animando, à medida que a bebida corria solta. E o Jacomim foi se preparando para mais um dos seus discursos, arrumando a cadeira para nela subir. Era o momento no qual ele se sentia importante, igual aos demais. Os discursos do Jacomim mencionavam trechos bíblicos e para aumentar a sua importância tinha até frases em latim, decoradas durante as missas ou lidas no velho livro do pároco.

O Jacomim discursava, mas eis que de repente a conversa e os risos param! E todos ficam olhando o corpo do Jacomim estatelado entre as cadeiras. Dois ou três correm a erguer o sacristão, colocando-o sentado em uma das cadeiras. E nada de o Jacomim voltar a si, mesmo quando o dono do bar embebeu um pano em vinagre, colocando-o nas narinas do Jacomim. E nada dele voltar a si. Foi quando todos começaram a pensar a mesma coisa. O Jacomim tinha morrido.

Foram avisar o pároco e levaram o corpo do sacristão à casa paroquial, onde seria velado. A notícia correu célere pela cidade de apenas oito mil habitantes. Velório na casa paroquial, com as mais beatas se revezando nas orações ao lado da urna funerária. Gente entrando e saindo e se perguntando quem seria o novo sacristão. Madrugada adentro muita gente ficou fazendo o velório. Dia seguinte, chegando a hora do sepultamento, mais gente se apertando na sala da casa paroquial, querendo dar o último adeus ao estimado sacristão.

Repentinamente, gritos e correrias por todos os lados. Na sala permaneceram apenas o padre, espantado, e o Jacomim, sentando-se na urna funerária e perguntando ao pároco o que ele, Jacomim, estava fazendo dentro de um caixão de defunto?

Como poderia o bom padre explicar o acontecido se nem ele mesmo sabia? Depois de alguns minutos para que se refizessem do espanto, o padre e o Jacomim apareceram na janela, enquanto o sacerdote tentava explicar aos que ficaram em frente da casa paroquial o que havia acontecido.

Os mais corajosos foram entrando na casa paroquial, querendo ver de perto o Jacomim, chegando alguns a querer lhe apertar as mãos, embora a vontade fosse mesmo a de beliscar o estimado sacristão. E o pároco pegou o ônibus e foi até Itu consultar o médico, pois em Salto não havia médico nenhum.

O médico ituano explicou ao sacerdote que o Jacomim tivera catalepsia. E se o médico disse, estava dito. E quando o Jacomim morreu mesmo, desconfiado, o padre mandou chamar o médico ituano para fazer o exame do dito cujo, a fim de se certificar mesmo a sua morte. Ouvido na região do coração, agulha enfiada em várias partes do corpo, espelho colocado nas narinas, verificando se o mesmo não ficava embaçado. Estava morto mesmo. Desconfiados, fecharam o caixão, levando-o ao cemitério, em grande silêncio, pois todos estavam atentos em escutar se o sacristão não se mexia e acordava novamente. Não se mexeu. Depois do discurso do padre elogiando a sacristania do Jacomim, foi ele sepultado...

Genézio Migliori



Anita Liberalesso Neri

Cadeira 11 – Membro fundador

Suplente do conselho fiscal

Patrono: Odmar Amaral Gurgel (Gaó)

ANITA LIBERALESSO NERI - É psicóloga e pedagoga, com mestrado e doutorado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP e Livre Docência pela Unicamp. É Professora Titular na Unicamp, onde ensina e pesquisa sobre Psicologia do Envelhecimento e Gerontologia. Foi Cientista Visitante no Max Planck Institute for Human Development and Education em Berlim, Alemanha, em 1994 e 1998. Introduziu o paradigma life span em Psicologia no Brasil. Seus interesses em pesquisa sobre velhice incluem os temas: bem-estar psicológico, mecanismos de autorregulação do self, atitudes e fragilidade. Publica regularmente livros, capítulos de livros e artigos científicos, estes em periódicos do Brasil e do exterior. Pretende um dia voltar a escrever crônicas e a tocar piano com regularidade. É casada, tem três filhos e uma neta. É filha de Ettore Liberalesso e de Virginia Soares Liberalesso.

Odmar do Amaral Gurgel – Gaó

(Salto, 1909 – Mogi Das Cruzes, 1992)

Feliz é o homem que é reconhecido em sua própria terra, reza o velho ditado que se aplica a Odmar do Amaral Gurgel, cidadão do mundo, mas sempre amado e admirado em Salto, sua terra natal.

Artisticamente conhecido como Gaó, aos 9 anos o filho do casal de professores Acylino e Joanna do Amaral Gurgel já tocava bem piano, violino, flauta e trombone. O pai era também clarinetista e costumava levar o menino junto consigo para tocar na orquestra que animava as sessões do cinema mudo da cidade. Esgotadas as possibilidades de crescimento na região, Gaó mudou-se para São Paulo, ainda adolescente, onde estudou com Samuel Arcanjo dos Santos, Savino de Benedictis, Mário de Andrade, Carlos Paglucci e outros expoentes musicais da época. Além de aprimorar-se como pianista, Gaó trabalhou numa loja de música para ajudar a

custear a própria formação. Depois de São Paulo, a arte precoce e refinada desse saltense ilustre trilhou o caminho do Rio de Janeiro, onde trabalhou, criou família e notabilizou-se como músico.

Fez música para teatro, rádio e cinema, ganhou prêmios e distinções e fez turnês pela América Latina regendo, tocando, compondo, ensinando e escrevendo obras didáticas sobre teoria musical. Contemporâneo da época de ouro da música popular brasileira e dos tempos heróicos da divulgação das nossas tradições musicais no exterior, Gaó mudou-se para Os Estados Unidos em 1945, onde viveu por mais de 20 anos, dedicado exclusivamente à música brasileira. Durante todos esses anos, manteve correspondência regular com músicos cariocas e paulistanos e, igualmente com parentes e amigos em Salto. De volta ao Brasil, estabeleceu-se em Mogi das Cruzes, onde continuou fazendo música e ensinando até o fim da vida, aos 83 anos, em 1992.

Salto e Mogi das Cruzes deram seu nome a logradouros públicos, prêmios, teatros e casas de concerto, mantendo vivos para o futuro o seu valor pessoal e suas realizações.

Escolhi Gaó como patrono por ser saltense e pianista, e, além disso, porque sempre me pareceu fiel a suas origens.

HUMANOS DEUSES

Houve um tempo em que os deuses andavam pelo mundo, interferindo na vida dos humanos com suas artimanhas e seus caprichos. Foi por essa época que se cruzaram os destinos da belíssima Eos, cuja presença prenunciava o amanhecer, e do galante Títono, o mais lindo mortal que ela já havia visto. Tomada de paixão, ela lançou-se aos pés de Zeus pedindo-lhe que concedesse a imortalidade ao seu amado, para que ambos pudessem desfrutar eternamente da paixão que os inebriava. A graça foi concedida, mas, para decepção de ambos, Títono aos poucos foi envelhecendo, enquanto Aurora mantinha-se jovem.

Um dia, sem mais poder tolerar os achaques do amante, e dando-se conta do cruel engano em que se enredara, ao solicitar para Títono, não o dom da imortalidade, mas sim o da eterna juventude, ela implorou a Zeus que corrigisse o equívoco. Zeus a atendeu, mas de forma cruel e irônica, transformando Títono num gafanhoto. Tempos depois, agoniada pelos lamentos sem fim do desagradável inseto, Eos encerrou-o num dos aposentos de seu palácio, onde ele continuou a se lamuriar por toda a eternidade.

Quando sorrimos diante do romantismo desse mito, mal nos damos conta de que rimos de nós mesmos, modernos joguetes das ilusões apregoadas pela medicina anti-envelhecimento, por cosméticos e por cirurgias estéticas. Sorrimos de nossa própria ingenuidade que não nos permite enxergar a impossibilidade de negar a idade, quando ela é tão evidente em nosso corpo, em nossos comportamentos e em nosso destino.

No fundo, pouco ou nada diferencia as ilusões do mito grego dos modernos mitos científicos em relação à longevidade. Na base de ambos reside o nosso desejo de imortalidade.

Modernos Títonos, para onde nos conduzirão os desígnios dos nossos seculares e contemporâneos deuses?

Anita Liberalesso Neri

NHÔ ZÉ

No turbilhão de minhas recordações infantis, localizo uma multiplicidade de acontecimentos e de imagens, algumas mais apagadas, outras muito insistentes. Nessas lembranças de meninice, inclui-se a figura de Nhô Zé, “Zé Batatão”, como todos o chamavam, alcunha detestada por ele.

Vejo uma menina de tranças parada à porta de uma casa, observando um tumulto que se desenrola na rua. Um bando de meninos peraltas perseguem um velho gritando em coro bem ritmado: “Zé Batatão”, “Zé Batatão”. Ouço as imprecações da vítima, que corre atrás dos meninos ameaçando-os com um bastão e novos apupos da molecada, crueis como só eles. Um dos meninos assobia um “fiu fiu fiu fiu” agudo e jocoso, muito característico, e a gritaria, os assobios e a correria prosseguem rua acima.

À noite, na cidadezinha quieta, as mães diziam às crianças pequenas: “Vão dormir se não o “Zé Batatão” passa por aqui e leva vocês embora dentro de um saco”. Não era preciso dizer mais nada para convencer os pequenos, que não compreendiam que Nhô Zé era bravo, mas só por causa do apelido e da caçoada.

Agora é uma Quinta feira Santa, dia de Lavapés. A menina de tranças presta atenção à cerimônia e indaga de repente:

- Papai, aquele não é o Nhô Zé, “Nhô Zé Batatão”, aquele que pega as crianças?

- Não minha filha, não pega ninguém. Ele é um pobre velho e, depois da cerimônia, ganhará um pão para comer. Seu nome certo é José Fernandes e ele não gosta que o chamem de “Zé Batatão”.

A garota se surpreende:

- Por que o chamam de “Zé Batatão”, se ele não é gordo? E o nome dele é tão bonito...

- Psiu, fique quietinha e preste a atenção!

Desse dia em diante, a menina passou a conhecer a história verdadeira de Nhô Zé.

Desfilam-me pela mente, agora, imagens daquele velho que eu achava que tinha um nome bonito, José Fernandes, e que era o Nhô Zé, “Zé Batatão”, o “fiu fiu fiu fiu” dos moleques; o mesmo Nhô Zé, pobre do Lavapés; Nhô Zé, sacristão; Nhô Zé ajudando na casa do Monsenhor; Nhô Zé morador da Vila de São Vicente; Nhô Zé de Nhá Cecília, doce Nhá Cecília que, solidária ao marido, quando ia comprar batatas apontava para o saco em vez de nomeá-las para o vendedor.

Depois, morre Nhá Cecília; Nhô Zé não pode mais morar na Vila Vicentina, assim sozinho; Nhô Zé, morador do asilo de velhos; Nhô Zé na missa aos domingos; Nhô Zé carregando a cadeira da Verônica nas procissões do Senhor Morto; Nhô Zé sempre na igreja com seu lenço e seu porrete, que lhe servia como apoio para andar e como arma que divertia a meninada; Nhô Zé ausente da igreja, pois está velho, doente e caduco, dizem .

Agora Nhô Zé ausente para sempre, com sua zanga, seu lenço e sua bengala; Nhô Zé morreu; Nhô Zé está no Céu, entre os anjos.

E esta lágrima sobre o papel? É uma saudade precoce, saudade de Nhô Zé, figura de infância. Digo uma prece por Nhô Zé.

Se algum anjinho peralta assobiar por acaso, aquele “fiu fiu fiu fiu”, será que Nhô Zé fica zangado?

Crônica originalmente publicada em “O Trabalhador” em 2 de fevereiro de 1968, a propósito da morte do Sr. José Fernandes - Nhô Zé, “Zé Batatão”, apelido de origem obscura -, uma das mais dignas figuras populares que Salto teve, figura de infância para minha geração, ou pelo menos para os que aprenderam a ter saudade desde a juventude.

Anita Liberalesso Neri

ODE À COMPANHEIRA

Eu a vi deitada, calma e transparente. Olhos fechados. Nas mãos um lenço molhado. Não estava adormecida. Parecia sonhar. Com que sonharia ?

Ela era apenas uma mocinha. Comum. Nem bonita, nem feia. Nem gorda, nem magra. Uma jovem imigrante, comum em sua simplicidade de trabalhadora. O vestido branco realçava o rubor de suas faces ao ouvir o galanteio do jovem mestre-escola. Por que com ela? Ele, altivo e instruído para os padrões da época. Ela, humilde e iletrada.

Por certo o jovem pressentiu nela a donna, a mamma, o esteio que haveria de auxiliá-lo a cumprir seus ideais: ajudar a povoar a terra com filhos e as mentalidades com pensamentos retos, disciplina, temor a Deus e amor a duas pátrias.

E assim se passaram as coisas, como numa tela de cinema. Na vida, os fatos aconteciam e se mesclavam com rapidez:

Crianças, panos, tanque.

Pão, polenta, porpeta.

Padre Arthur, Padre João.

Oh meu Deus, a igreja pegando fogo!

Reis d'Italia, o Duce, o faccio.

E João seguindo seu caminho,

na escola,

na igreja,

em toda parte.

Ela feliz e resignada.

Nem precisava ser letrada.

Para saber do mundo,

bastavam os olbos do marido.

Mais crianças, mais panos, mais sabão.

Os tamancos, o gato Xinxo, o chinelão.

O gnocchi, o minestrone, o macarrão.

O fogão, o quentão, as noites de São João.

A reza, o terço e o rojão.

Dante, o Fanfulla, Il Corriere della Sera.

Será?

Mais criança, mais roupa, mais água de lavadeira.

A banda, a escola, a parada dos balilas.

De novo o pão no forno,

Dona Ingrazia no portão,

a oração, a procissão...

Passou.

Lá vai o andor,

e lá vai João,

todo arrumado em seu terno listrado,

azul marinho,

a camisa engomada.

Branca.

Branca como os lençóis e toalhas

desfraldadas ao vento do quintalão,

*onde a fornalha arde
esperando pelo pão.
Anda menino com o cilindro!
O tempo não espera
e vai rodando, rodando
em suas engrenagens.
Ela mal se apercebe disso,
em sua faina diária.
Faina de formiga,
formiga pequena,
apressada em seu labor sem fim.
Faina de quem nasceu para viver à sombra,
dando força,
dando a mão,
fazendo massa,
fazendo pão.
Criando filho,
sem perguntar.
Falando sim,
sem contestar.
Orando,
até cansar.*

*Esperando,
sem reclamar
Sempre se dando,
cosendo,
cozinhando,
chorando,
sorrindo
correndo.
Para com isso, menino, olha o tamanco!
.....
De repente ela sorri levemente.
Ponho-me a pensar em outro curso para seus
pensamentos.
Pensaria talvez nos regatos e nas pedrinhas de sua
infância,
quando ela era apenas,
Gilda, Gilda Baldin,
feliz em sua simplicidade?*

Maio de 1981

Crônica-homenagem à minha tia-avó, na noite em que eu a visitei, doente e acamada, logo depois da morte do marido com quem viveu, dedicada e invisível, por 63 anos.

Anita Liberalesso Neri



Augusto Gasparini Filho

Cadeira 12 – Membro fundador

Suplente do conselho fiscal

Patrono: São Francisco de Assis

AUGUSTO GASPARINI FILHO - Brasileiro, casado, é natural da cidade de Salto, Estado de São Paulo, nascido em 21 de outubro de 1944.

Frequentou o curso primário no Grupo Escolar Tancredo do Amaral e o curso ginásial no Colégio e Escola Normal Estadual Professor Paula Santos, diplomando-se depois pela Escola de Segundo Grau Junqueira Ortiz, de Itu, Técnico em Contabilidade, e matriculando-se em seguida no Curso de Teologia para Leigos (Formação de Agentes de Pastoral), em Itu - Diocese de Jundiá. Pela afinidade com o nosso idioma, concluiu curso de português, tendo como Professor Napoleão Mendes de Almeida, autor da Gramática Metódica da Língua Portuguesa e do livro Noções Fundamentais da Língua Latina (ambos da editora Saraiva), e Dicionário de Questões Vernáculas (editora Caminho Suave). Concluiu ainda o Curso de Radialismo (Rádio e TV) na Faculdade Anhembi-Morumbi em São Paulo. É Bacharel em Direito pela Universidade Paulista (UNIP) Sorocaba.

Pertence à União Brasileira de Trovadores (UBT), e mantém amplo círculo de correspondência com poetas e trovadores de vários pontos do país, além de possuir trabalhos publicados em dezenas de jornais e livros de diversos autores.

São Francisco de Assis

A escolha de São Francisco de Assis como Patrono tem vários fundamentos, destacando-se a sua oração, mundialmente conhecida, a qual prega, entre outras virtudes, a Paz e o Amor. Foi, de fato, uma criatura de paz e de bem, terno e amoroso. Amava os animais, as plantas e toda a natureza. Poeta, cantava o Sol, a Lua e as estrelas. Sua alegria, simplicidade e ternura lhe granjearam estima e simpatia, que fizeram dele um dos mais populares e queridos santos. Outro relevante motivo

que nos levou a essa opção é o fato de São Francisco de Assis ser o patrono dos trovadores brasileiros.

De São Francisco, a pobreza,
tão pobre, como ninguém...
Mas... quem me dera a riqueza
de ser pobre assim, também!

A Natureza Faz

Da velha cascata, dos campos floridos,
das rochas dormentes, das fendas em flor,
aqui os Guayanases, já em tempos idos
fizeram a história de um rio sonhador.

Lendário Tietê – em quedas gigantes,
bravio e sereno, no anseio do mar,
na espuma em alvura, em bolhas flutuantes
na mira do céu se empinam pro ar.

Dos parques, as Lavras – eterna lembrança
da velha usina – reduto que um dia
de glória maior, salpicou de esperança,
luzindo a penumbra e gerando energia.

E ao alto das lavras, qual chama ascendente,
cobrindo a cidade com fochos de luz,
é vida, é glória, é assim simplesmente,
com toda humildade: a Mãe de Jesus.

Do velho jardim: o verde, as lembranças
dos idos da história – dos versos rimados,
das frases de amor a regar esperanças,
das juras sinceras – dos beijos sonhados.

A ponte é o ponto, registro na história,
das pedras, das águas, de sua travessia,
quer pênsil, quer plana, gigante é a vitória
no “slogan” eterno: cidade-poesia!

O lago... o parque... o Parque do Lago
no verde esperança exalta a beleza,
revela o talento, qual mão de um mago

moldando paisagens, tal qual natureza.

Praça, concha; da natura ao velho rio
murmurante, sorrateiro e caudaloso,
a estreitar todo seu leito, e por um fio,
se espreguiça, logo após, qual majestoso.

Do raro granito se diz moutonné,
em faces ocultas de entranhas lascadas,
troféus esculpidos, da pedra, porque
são prêmios que brindam as glórias marcadas.

O sino, o badalo, a Ave Maria,
a igreja, o templo, a fé e devoção,
a missa, a novena, a paz, a alegria,
num mundo melhor, pela ressurreição.

É um marco na história, no mundo, no além
do infinito, na orla que lhe pertence.
brado viril – povo – de orgulho também,
honra maior: foi ter nascido saltense!

Gasparini Filho

(1º lugar - V Prêmio Câmara de Meio Ambiente – 2005)

SALTO, NOSSA TERRA, NOSSO AMBIENTE

A meiga e dócil Salto já foi cantada em prosa e verso através do tempo e da história. Louvamos um Flávio Pretti, um J. Silvestre, Anselmo Duarte, Maestro Gaó, e outros tantos que, mercê do talento inconfundível enriqueceram este louvado pedaço de chão. E a colheita dos frutos se faz abundante, em que pese todo fluir inexorável do tempo, pois, quando a semente é lançada com amor, o reflorir se transforma em eterna Primavera.

Mas, o momento nos é também plausível para abordarmos a nossa terra e o nosso ambiente, muito embora, bastante longe dos predicados e da cadência insofismável dos ilustres cidadãos. E um rápido passeio nas asas do pensamento nos leva à velha cascata de águas enegrecidas, pois assim quiseram a evolução dos tempos e a chegada do “progresso”. Suas pedras aglomeradas se destacam em meio aos tropeços e contornos do rio, que se debruça junto às fendas rochosas para espreguiçar-se depois na imensidão da correnteza. E ainda nossas praças, nossos parques, ruas arborizadas, igrejas, escolas e faculdades, e o monumento à padroeira, cujo olhar se estende cheio de mansidão para bendizer e abençoar seus filhos.

E quem diria, sobre esse mesmo solo, em tempos idos, habitavam os índios Guayanas, à margem direita do rio Tietê, próximo ao “Ytu Guassu”, que em termo tupi significava cachoeira grande.

E, em meio às galerias, os taperás se aninhavam e reproduziam, proporcionando nos finais de tarde um espetáculo maravilhoso com suas revoadas que refletiam no brilho das águas e contrastavam com o azul do céu. Os taperás partiram sem deixar pistas, permanecendo, sim, as doces lembranças de uma Salto que galgou os degraus da vitória, cuja ascensão lhe conferiu ser outorgada com o honroso título de Estância Turística.

Assim é você, minha meiga cidade. Encontro de gente que vem de longe e associa-se a nossa gente; pessoas simples que na luta pelo pão de cada dia se arrimam nas manhãs ainda escuras, para o trabalho diário, retornando no fim da tarde – ou começo da noite – com o semblante cansado, porém alegre, pela missão cumprida.

Salto dos empresários, das exportações, da rocha moutonnée e da pedra bruta feito granito. Dos grupos de teatro, dos artistas do hoje – quem sabe, um Anselmo do amanhã; da lira, do canto, do pagode, do samba, das serestas e da viola. Assim é Salto. Aliás, é muito mais: mais que um próprio salto, nas nuances da história!

Gasparini Filho

(Primeiro lugar - III Prêmio Câmara de Meio Ambiente – 2003



Francisco Garcia

Cadeira 13 – Membro fundador

Suplente do conselho fiscal

Patrono: Monteiro Lobato

FRANCISCO CARLOS GARCIA - 55 anos, casado com Rute e pai de dois filhos. Mestre em Administração, Francisco é professor universitário em duas Instituições de Ensino Superior, sendo que numa delas é coordenador de curso. Escritor diletante e cronista no Jornal Taperá, na ASLe ele ocupa a cadeira nº 13, cujo patrono é Monteiro Lobato. A escolha deste nome se deu, pela importância muito grande que Lobato teve na sua iniciação literária, bem como pela singularidade de sua figura junto a outros vultos brasileiros que admira. francarcia@gmail.com

Monteiro Lobato

José Renato Monteiro Lobato, advogado, escritor, editor e tradutor, nasceu em Taubaté em 1882 e morreu aos 66 anos, em 1948. Alfabetizado pela mãe, desde cedo criou gosto pelos livros. Perdeu a mãe aos 15 anos e o pai aos 16, passando a viver com o avô, que lhe impôs que cursasse, aos 18, a faculdade de Direito, embora preferisse belas artes. Sua infância na fazenda e, mais tarde, como responsável dela após a morte do seu avô, inspiraram seus mais de 30 volumes do Sítio do Pica-pau Amarelo. Imortalizado na Academia Brasileira de Letras, ele eternizou também personagens como Emília, Pedrinho ou o Visconde de Sabugosa. Pai de 4 filhos, Lobato foi um nacionalista e polêmico em várias vertentes, caso do petróleo e da siderurgia.

LINGUAGEM SUBENTENDIDA

“Para um bom entendedor, meia palavra.....” (Popular adaptado)

No pára-choque do caminhão que seguia à minha frente, estava escrito: “Adianta o seu em vez de querer atrasar o meu!”. Achei legal. Faltava alguma coisa na frase, mas

havia inteligência na forma subentendida. Cada um que pense o que quiser. Lembrei-me de um comentário escrito pelo editor-chefe do Taperá; o jornalista, falando de verdades e mentiras da imprensa, fazia referência a um juiz tempestuoso que atuou em Salto, o Dr. Nilo Entholser Ferreira. Magistrado tão polêmico como inteligente, Dr. Nilo teria aconselhado o jornalista e diretor: “nunca diga que fulano mentiu, mas faltou com a verdade”. Dá na mesma, mas as implicações podem ser outras!

Esses fatos me fizeram lembrar do Jô Soares, num antigo programa de TV, na época ele fazia vários personagens. Um em particular, uma mulher – Jô sempre gostou de interpretar mulheres - mantinha um diálogo ao telefone com o marido no exílio militar. O que víamos era o ator vestido de mulher e o que ouvíamos era um suposto diálogo que não acontecia. Ela falava ou perguntava alguma coisa e depois repetia o que teria ouvido. A conversa ia amena e, à medida que avançava, ia complicando. Achando que, por alguma razão escondida o marido – Sebá, último exilado em Paris! - não queria voltar ao Brasil, encerrava a conversa batendo o telefone indignada. Antes, porém, dizia um bordão de sempre: “Você pensa que vai no meu, mas sou eu que vou no teu!”. Pois bem, nas frases do caminhão ou no Jô, o estilo é o mesmo, de “falar sem dizer” e se aplica também à história de faltar com a verdade em vez de mentir!

Idéias subentendidas com propriedade, ou então ditas claramente, acabam atingindo o mesmo efeito. Lembra-se da Martina Lavratinova? Aquela tenista feiosa que ganhava todos os torneios que participava? Jogava de óculos e assumiu numa boa que gostava mesmo era de mulher?! Pois bem, é dela uma frase sem rodeios como suas outras preferências: “Se você é desses que acham que o importante é competir, com certeza você perdeu”. Discursos bem feitos também tem a propriedade de atingir o alvo; não são os longos que surtem efeito, mas os curtos com pausas estratégicas!

Concluo com uma tirada de outro comediante: José Vasconcelos. Brilhante humorista da velha guarda, ele nunca dizia palavrão e no palco, sempre sozinho, fazia e acontecia. Tive oportunidade de assisti-lo representando uma propaganda criada por um redator português para vender – acredite – supositório de glicerina! A coisa se passava mais ou menos assim: duas pessoas que se encontravam, um, o vendedor, oferece alguma coisa qualquer para o outro, cliente, e pede um absurdo como pagamento. Diante do despropósito, o cliente responde com indignação: - Ora pois, desse jeito você está querendo me “botar na busanfa!” Ao que o vendedor responde depressa. Em absoluto; na “busanfa” só supositórios de glicerina!

Chico Garcia

RETRÓGRADO. PROLÍFICO. BOLACHÃO!

Prolífico: inventivo – Retrógrado: pessoa contrária ao progresso - Bolachão: aumentativo de bolacha!

Leitor, a cada dia que passa, eu me surpreendo com as coisas que me acontecem ou à minha volta. Outro dia um aluno me procurou: “- Puxa, professor, precisei ir ver no dicionário o que é prolífico” Meio sem entender perguntei: e descobriu? “Sim, é uma pessoa que tem muitos filhos” - Certo, retruquei, mas você sabe que, decorrente disso, a palavra tem sentido também de uma pessoa que produz muito, que é criativa, inventiva? - De qualquer forma, continuei, pelo sentido que você achou, não es-

tu entendendo onde entro na sua dúvida, mesmo porque eu só tenho dois filhos! – Ué, respondeu-me, foi você quem falou que eu sou isso! Como nossa conversa foi de passagem nos corredores eu não via hora de ter outra oportunidade para esclarecer tudo. Assim que surgiu, eu quis saber melhor quando eu havia dito aquilo para ele!

- Foi aquele e-mail que você me passou. Pi-o-rou; eu não me lembrava de ter enviado mensagem alguma para ele. Ele então insistiu: – Lembra-se daquele dia que eu passei um monte de definições para o senhor, uma mesma situação aos olhos de Marx, de um economista, de um filósofo, de um sociólogo etc? Aí então caiu a ficha, como tenho hábito, de responder toda e qualquer mensagem, ainda que seja dizendo um simples “obrigado por me enviar”, eu dei um replay e para ele na oportunidade e respondi: - Puxa cara, obrigado. Hoje você está prolífico!

Em outra situação, parecida com a anterior, outro aluno aproximou-se de mim e deu um recado: - “Professor, fulano está chateado com você. Parece que você o chamou de retrógrado! Ele nem sabia o que era isso e foi até olhar no dicionário para saber do que se tratava!”. Confesso que dessa vez fiquei ainda mais surpreso; dentre os cuidados que sempre tomo, um deles é com as palavras. A possibilidade de eu dizer isso de alguém seria muito remota, muito menos de um aluno e, principalmente, nunca na frente de alguém. Como, no entanto, tenho memória fraca, não posso negar o que não me lembro!.

Mandeí de resposta ao emissário: -“Se ele não me procurar, urgentemente, para esclarecermos isso, aí sim vou considerá-lo retrógrado”. Insisti que ele “não poderia ter ido dormir uma noite sequer com uma ofensa dessas recaindo sobre ele, sobretudo de alguém que tem obrigação de formá-lo e não deformá-lo!” Mais tarde ele me procurou e conversamos. Nem ele mesmo sabia como aquilo lhe chegou, mas entendia que, pela minha preocupação, se alguém entendeu algo errado, fora ele!

Nesse contexto, eu fico sempre batendo na mesma tecla: “nunca sabemos como atingimos os outros”. Às vezes, voltando à ideia de professor, estou como um equilibrista, literalmente equilibrando pratos; ao final da aula, por exemplo, estou falando com três alunos ou mais, percebendo que outros dois esperando sua vez e eis que chega alguém furando a fila. Nessas horas, um pode ouvir uma coisa que era para o outro e está feita a desgraça. Por exemplo, eu poderia estar falando de se fazer as coisas com calma, bem feitas e que “apressados comem cru e quente”; e eis mais um ofendido só porque estava com pressa e não poderia esperar! E disse que ouviu muito bem!

Esses dois episódios me fizeram lembrar de outro mais antigo que aconteceu com “Seo” Valdomiro, já falecido, pai do amigo Wando. Ele teria ficado chateado com alguma coisa que alguém o chamou e andava amuado por isso. Somente numa oportunidade em que foi convidado a falar o que estava acontecendo a confusão se desfez. É importante dizer que, “Seo” Valdomiro era uma pessoa cordata, amiga, um sujeito muito bacana. Na versão dele, alguém lhe fez uma séria ofensa, “que ele era um bolachão, isto é, um geléia ou coisa parecida”. Segundo ele, o sujeito falou isso dele, para ele, olhando nos olhos mesmo! Onde já se viu falar isso da gente?, concluiu!

A história só se esclareceu quando o suposto ofensor, acareado, disse que nunca havia dito tal coisa para ele. Ficou pior, além de tudo estava sendo chamado de mentiroso também. Conversa vai conversa vem e os fatos se esclareceram; “Seo” Valdomiro era um sujeito bonachão! E era mesmo!

Chico Garcia

MAKTUB

*O comprometimento é o que transforma poesia em realidade.
Comprometa-se sempre, esta é a diferença entre sapos e príncipes.*
(Tom Chung)

“Maktub” é uma expressão árabe que, literalmente significa “estava escrito”. Mesmo não sendo árabes, sempre que nos referimos à “sorte” de alguém, sem querer, podemos estar cometendo esse tipo de injustiça. É a droga do impulso de falarmos do que vemos, sem considerarmos o que não vemos: empenho, erros, insistência, determinação. O que quero dizer mesmo, é que pessoas obstinadas e nunca desistem e vencem. Veja um caso: o sujeito que se esforça, se rala e se mata diante de um objetivo, quando obtém êxito, vem sempre aquele gaiato de plantão - normalmente sempre o mesmo - e diz: “esse cara tem mesmo muita sorte”, em outras palavras “Maktub”. Isso fica agravado quando o sujeito é invejoso e acha que o mundo está todo errado. Só ele está sempre certo, nesse caso então “põe Maktub nisso”!

Cito um fato: quando Fleming descobriu a penicilina, no exato momento, ele nem avaliou a extensão ou importância do que tinha feito. Veja como foi: ele estava saindo de férias do hospital que trabalhava, juntou seus materiais de experiências, mas sabendo que voltaria em duas semanas, não chegou a guardá-los na incubadora. Entre eles estava uma bandeja com placas de cultura, inoculadas com estafilococcus, um tipo de bactéria, formada de aglomerados que parecem com pequenos cachos de uva. Pois bem, quando ele voltou, notou que, na região mofada do experimento, os estafilococcus não ocupavam a área, diferentemente das outras, invadidas pelas bactérias. Pergunto-lhe, “Maktub?!” Você acha que “estava escrito?” Uma ova, eu respondo, Fleming já estava envolvido com tantas outras pesquisas que, o aparente acaso, encontrou nele, sensibilidade e base científica para continuar seu estudo. Isso foi corroborado na frase de Luis Pasteur quando diz que “no campo da experimentação, o acaso favorece a mente preparada!”

E essas constatações não ficam somente no campo da ciência, mas outras áreas da vida e do comportamento humano. Em outras não, em todas! Determinação, combinada à predisposição são fatores vitais naquilo que muitos chamam sucesso, mas esconde trabalho e mais trabalho por trás do fato. Alguns chamam isso de pensamento positivo. Em toda minha vida se entrei três (3) vezes numa casa lotérica as 3 foram para pagar uma conta ou coisa assim, nunca para comprar um bilhete. E acho loucura ver as filas que de vez em quando lá se formam. No entanto, não sou referência; você conhece várias pessoas que sempre fazem sua “fezinha”. Aí então o sujeito ganha e o que acontece? Aparece de novo aquele que fala: “esse cara nasceu com a estrela, vai ter sorte assim pra lá!”. Sei que o exemplo não é muito adequado, porque jogo é jogo. Não basta a insistência já que cada bilhete, cartão ou bicho que se aposta, é como uma partida que sempre começa zero a zero!

Fica combinado assim então: na maior parte das coisas – trabalho, negócios, escola - temos que buscar, insistir, errar e recomeçar sempre. Mesmo e até no amor. Sem sermos Shakespeare ou Vinicius, todos temos nossas tragédias ou paixões. Que estas ao menos – as paixões - sejam eternas enquanto duram, porque tragédias, ah!, essas não acabam mesmo! Nunca!

Chico Garcia



Lázaro José Piunti

Cadeira 14 – Membro fundador

Relator do Comitê de Ética Acadêmica

Patrono: Castro Alves

LÁZARO JOSÉ PIUNTI - nasceu em ITU, SP, dia 13/10/1946.
Casado com Maria do Carmo Thomaz Piunti. ljpiunti@uol.com.br
(Filhos: Marcelo Antonio, Lázaro Guilherme e Julio André).
Começou a escrever poesias aos 10 anos, ainda residindo na área rural com seus pais, Domingos e Carolina. Caçula de 12 irmãos.
Advogado (3ª turma da Faculdade de Direito de Itu – 1974).
Teólogo (Curso Teológico para Leigos – 1975- 1976 -1977).
Supervisor técnico em Medicina, Saúde e Segurança do Trabalho.
Consultor em Gestão Pública.

Livros Publicados:

Vozes do Coração – 1975

Caminhamos Juntos – 1999 (arquivado na Biblioteca Britânica – Londres).

Vidas em Órbita – 2003

Mensagens de Passagem – 2005 (editado nos idiomas: português, inglês, espanhol e italiano).

Atividade Acadêmica

Eleito para a Academia Cristã de Letras (SP), em 2/09/1999 –

(Cadeira 13 – Patrono: Cientista e médico-escritor Miguel Couto).

Academia de Letras de Araçatiguama e Região – ACLARE -(membro fundador – 10-11-2007)

Cadeira 5 – Patrono: Pastor Martin Luther King

Academia Saltense de Letras – ASLe

(membro fundador – 16-06-2008)

Cadeira 14 – Patrono: Castro Alves

Academia de Letras de Iperó – ALI

(membro fundador – 21-03-2009)
Cadeira 12 – Patrono: Saint Exupéry

Castro Alves

Poeta dos Escravos – Poeta do Povo – Poeta da Liberdade

Antonio Frederico de Castro Alves nasceu dia 14/03/1847.

Seu pai era professor da Faculdade de Medicina da Bahia, o cirurgião Antonio J. Alves e sua mãe, Clélia Brasília S. Castro.

Na fazenda Cabaceiras, a 42 km da Vila N. S. da Conceição de “Curalinho” ele veio ao mundo. Hoje é o Município denominado Castro Alves. Com apenas 13 anos, produziu seus primeiros versos. Se pai ficou viúvo e, ao se casar novamente, Antonio Frederico e o irmão decidiram viajar para Recife, com o objetivo de trabalho e estudo. Era o ano de 1862.

No ano seguinte Castro Alves é reprovado em Geometria, ao tentar ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Em 1864 conseguiria seu intento. Tinha então 17 anos.

Jovem de grande talento, longos cabelos, olhar penetrante, exímio na linguagem, possuidor de dons especiais para a oratória, era chamado para festas, saraus e atividades acadêmicas, seja pelos estudantes, professores ou pessoas da sociedade. Fazia bela figura entre as moças, dado seu belo porte e galanteio poético. Conta-se que, ao se arrumar diante do espelho, ajeitando os cabelos, dizia: “acautelai-vos mães de moças casadoiras, pois vou sair às ruas”.

Em 1866, ele e seu grande amigo, Rui Barbosa, fundam a Sociedade Abolicionista do Recife. Já sentia os primeiros sintomas da tuberculose, o que não o impede de intensa atividade libertária, denunciando as injustiças e combatendo veementemente a escravidão. Lança o jornal de idéias - A Luz. Dominava o francês e traduzia inclusive peças para teatro.

Tranca sua matrícula no 2º ano, fixando-se em Salvador, mas por pouco tempo. Resolve vir para São Paulo, passando antes pelo Rio de Janeiro. José de Alencar o apresenta a Machado de Assis. Ambos ficam assombrados com a qualidade dos seus poemas. Vem para S.Paulo e retoma o curso de Direito. É tratado como ídolo. Seus discursos, comícios e os debates acadêmicos, inflamam a platéia. A doença avança. Vivia deprimido com o fim do romance que mantivera com Eugênia Câmara, que conhecera no Recife e dele se separara no Rio de Janeiro.

No dia 1º de novembro de 1868, ao sair para caçar na periferia paulistana, no Brás, ao saltar um obstáculo, a espingarda dispara, ferindo seu pé esquerdo. A saúde se complica, mas ele não diminui sua luta libertária. Retorna ao RJ em maio de 1869. Um mês após seu pé é amputado. Sem anestesia. Fragilizado, embarca com destino a Salvador no mês de novembro. A viagem é longa. Começa escrever Espumas Flutuantes.

A saúde declina. Mas o poeta continua produzindo. Violeta é um dos seus últimos poemas. Em 6 de julho de 1871, agonizando, pede para ser transportado até uma janela e, sob os raios do sol, vem a falecer. O poeta viveu apenas 24 anos.

Castro Alves era adepto do Romantismo.

Seu primeiro poema sobre a escravidão foi “A Canção do Africano”.

Autor de magníficas obras literárias. É de sua lavra:

“Bendito, bendito é aquele que semeia livros, livros à mão cheia.
E manda o povo pensar. O livro caindo na alma – é germe que faz a palma – é
chuva que faz o mar”.

O poema “Vozes da África” simboliza um protesto comovente, face às injustiças
perpetradas contra a raça negra. Fantástica sua estrofe inicial:

“Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela te escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus”?

OBRAS PÓSTUMAS:

Cachoeira de Paulo Afonso (1876) – Os Escravos (1883) -
Hinos do Equador (1921).

Na Academia Brasileira de Letras é o patrono da cadeira nº 7.

Vasta é a biografia de Castro Alves. Ingressou nos anais da história pelo
romantismo dos seus poemas, fina verve literária e, sobretudo, por ser a voz poderosa
em defesa dos oprimidos, quando tantas vozes se calavam no Brasil escravagista.

Poeta Do Povo

Castro Alves! És do Brasil glória imortal.
Contra o preconceito tua voz foi o punhal
A esculpir o formoso rosto da Nação-irmã

.....

Poeta libertário do povo ouve nova súplica
Dos abutres da perfídia liberta a República
Das capciosas mentes livra o nosso amanhã.

Lázaro José Piunti

Anseios De Arte

O menino foi embora
E a saudade já aflora
Em todos – em mim.

É ele quem parte
Anselmo Duarte!
A vida é assim.

O galã sem demora
Partiu mesmo agora

É viagem sem fim.

O povo não chora
No céu nesta hora
O galã é querubim.

Quem parte e reparte
E faz bem sua parte
Faz parte da glória.

Anseios de arte
Anselmo Duarte
Parte da História.

Lázaro José Piunti

ASSEMBLÉIA DOS PORTADORES DA LUZ

Atentos à Vontade da SABEDORIA eles se reuniram em algum ponto do Universo. Acomodados sob nuvens diáfanas, iniciaram o encontro com uma prece. Uma coordenação trinária foi designada com a escolha de Sócrates, Santo Agostinho e Gandhi.

Na agenda apenas um item estabelecido: Devolver o Juízo aos Homens.

Platão, filósofo grego, sugeriu fossem criadas academias em todas as urbes da terra, de forma que, através do estudo e do culto ao pensamento, as pessoas retomassem gosto pelo belo. Sêneca, cuja experiência na condução de assuntos complexos fora severamente testada ao tempo em que ocupara o ministério de Nero, propôs um ciclo de palestras globais, enaltecendo a coerência. João, o apóstolo-jovem, incumbido de secretariar os trabalhos, permanecia calado, anotando em grosso livro de papiro celestial.

Luther King, mártir dos direitos civis na América, considerou a hipótese da instalação de núcleos abertos em todas as esquinas, facilitando o acesso de adolescentes e jovens ao aprendizado da paz e da não-violência.

Saulo, o acadêmico de Tarso, originário da dinastia de Saul, declarou estar convencido da necessidade de uma peregrinação por todos os quadrantes do planeta, concitando as pessoas de bem à reflexão e as pessoas que desistiram do amor, ao reingresso na seara da caridade.

E assim se sucederam as propostas, feitas com a mais generosa boa vontade, repletas de sinceridade, envoltas, todas elas, na mais doce das intenções.

Neemias e Joel, Isaías e Samuel, Oséias e Jacó, Miquéias e Jó, Malaquias e Ezequiel, Elias e Gabriel, Abraão e Noé, Salomão e Josué, lavraram abalizadas sugestões.

Francisco de Assis, acompanhado de Lutero, Buda, Calvino e Madre Tereza de Calcutá, propuseram, nesse instante, uma pausa, convidando todos a entoar um hino de glória ao Criador do Universo. Ergueram-se, céleres, da maciez das nuvens

e Maria estava entre eles! Querubins e Serafins dedilharam harpas, em orquestral sinfonia. A música, candente, esparramou-se da boda celestial, atingiu as galáxias, inundou o espaço etéreo, gotejando sobre o Universo. orvalhando-o de ternura.

A Terra, ressecada pela ausência de Amor, devastada pelo pecado, estéril e improdutiva, sentiu rapidamente o tônico revigorante e rejuvenescedor, vindo das alturas sem labéus.

De repente, à unanimidade, todos os anjos e santos, homens justos e crentes de todos os confins do mundo, reunidos na assembléia dos abençoados e salvos, compreenderam. E lágrimas copiosas desceram pelas radiantes faces sem máculas.

A humanidade pode ser anistiada dos seus crimes e delitos, dos pecados e faltas, com extrema facilidade e rapidez, se espontaneamente aceitar, acolher e distribuir, entre si, os dons da fraternidade. Só há um caminho para a salvação, única estrada a percorrer. Ainda que resvalando em cardos e espinhos, é possível vencer as etapas, contornando atalhos, desde que o AMOR, nada além do AMOR, seja o estigma cravado nos corações humanos. A música da PAZ mitigará as dores.

Lázaro José Piunti

Catarse!

Quis falar de forma
Simpática!
Porém ela se mostrou
Sarcástica!

Lamentei sua atitude
Demagógica!
Afinal deploro postura
Autocrática!

Busquei então ser
Pragmático!
E sugeri um diálogo
Pedagógico!

Porém seu gesto foi

Traumático!
Riu do meu propósito
Catedrático!

E me fulminou com seu olhar
Trágico!

Considerou minha amizade
Cínica!
Vi nos seus lábios a gota
Etílica!

E diante desse quadro
Dramático!
Procurei seguir meu caminho
Enigmático!

Lázaro José Piunti



Maria Damien Ignácio Pacheco

Cadeira 15 – Membro fundador

Comitê de Ética Acadêmica

Patronesse: Benedita de Rezende

MARIA DAMIEN IGNÁCIO PACHECO - Professora do Ensino Básico por 35 anos. Coordenadora de Mostras Estudantis de Teatro por 16 anos nas Escolas “Cláudio Ribeiro da Silva” e “Paula Santos”. Tem escritas peças de teatro infantis e infanto-juvenis, histórias infantis, poesias, crônicas e contos.

É secretária da Associação Cultural “Corporação Musical Saltense”, atual ponto de Cultura, entidade mais antiga da cidade, com 131 anos de existência. Secretária da Associação Italiana “Giuseppe Verdi”, também a segunda mais antiga da cidade com 106 anos de fundação.

Professora Benedita de Rezende

Nasceu em Taubaté, SP, mas lecionou durante muitos anos nesta cidade, no tempo em que o Professor Cláudio Ribeiro da Silva era diretor da Escola “Tancredo do Amaral”. Sempre teve um carinho todo especial por Salto e a escolheu para passar os últimos anos de sua existência. Era uma pessoa muito simpática e otimista, alegre, festeira, ótima oradora, pianista talentosa e inspirada compositora e poetisa. Era também poliglota, pois falava e lia correntemente o francês e o inglês. Gostava de presentear os amigos com composições e poesias no estilo e na língua que eles mais apreciavam. Foi colaboradora dos jornais da cidade e abraçou com entusiasmo todas as causas sociais e beneméritas que surgiam. Professora abnegada, mas energética e exigente, vivia rodeada de crianças que levava para sua casa fora dos horários das aulas para ensiná-las a declamar, cantar, dançar e fazer pequenas representações teatrais para as festas da Escola. Patriota extremada, não perdia oportunidade de exaltar o Brasil. De seu grande acervo de composições musicais e poéticas, perdeu-se a maioria, restando apenas algumas músicas infantis, hinos

patrióticos e poesias. Possuía uma fé ardente principalmente em Jesus e Maria que eram suas grandes devoções, o que ela retrata muito bem em grande número de poesias.

O que me levou a eleger a Profa. Benedita de Rezende como minha Patronesse foi o fato de tê-la conhecido em seus últimos anos de vida e essa breve convivência foi marcante para conhecer essa personalidade cativante e inesquecível. Também influíram muitos traços e os gostos em comum como a mesma profissão, o amor à música, à poesia, ao teatro, o otimismo e o entusiasmo pelas boas iniciativas. O cultivo do belo em todas as suas manifestações.

REMINISCÊNCIAS...

Ali, o rio estreita-se entre duas muralhas de rochas e tomba com um fragor intenso, levantando uma cortina branca e vaporosa de miríades de gotículas de água. O céu do lado do poente ostenta suas cores mágicas e os últimos raios de sol, tremeluzindo, abrem um arco-íris encantador sobre a névoa que sobe do abismo. Após o salto majestoso, as águas continuam escachoando sobre o leito de grandes blocos de granito, formando sorvedouros, desvios caprichosos, logo encobertos por novas ondas coroadas de espuma. Ao sabor daquele embate gigantesco, as pedras escuras, tão lisas e redondas, tão polidas, mostram o choque milenar de águas e rochas.

Mais para baixo o rio se aquieta, forma um remanso de águas tranquilas, como que exausto de uma luta insana. A margem esquerda do rio é coberta por uma vegetação luxuriante e árvores seculares. Já na margem esquerda, pouco abaixo da cachoeira, erguem-se os enormes paredões da fábrica de tecidos, seguindo o leito do rio até abaixo do remanso. De repente, o céu de ouro do crepúsculo tolda-se por uma nuvem escura que se aproxima rapidamente. São milhares de grandes andorinhas, as taperás, que abrem um círculo gigante sobre a cascata e tornam a desaparecer no horizonte. Voltam novamente descrevendo belas espirais e evoluções rápidas e sibilantes como flechas, até que as primeiras sombras do anoitecer, acomodam-se, piando, muito juntas, nos vãos das rochas próximas a queda d'água cobrindo-as com um manto negro e veludoso.

Entretanto, se a natureza é tão pródiga de beleza e encantamento, o pequeno vilarejo que se estende pouco acima desse cenário inspirador, cobre-se de dor e tristeza. Também ele está envolto pelas nuvens mortais da devastadora epidemia de varíola que assola a província de São Paulo neste fatídico mês de junho do ano de 1887. Algum fugitivo anônimo, já portando o vírus mortal, refugiou-se na alegre “freguesia” que logo se torna um campo de dor, a doença alastrando-se como um incêndio incontrolável. Ruas desertas, casas fechadas, portas marcadas com cruces, por onde a “bexiga” já penetrou como um miasma maléfico. Nas esquinas o alcatrão é queimado, numa tentativa para que o ar se purifique e a doença não se alastre, seus rolos de fumaça negra tornando tudo mais triste e desolador. O terror se al-teia nas pobres casinhas, os corações se descompassam de dor aos gemidos dos doentes que deliram com a febre alta. As horríveis manchas vermelhas começam a aparecer e em breve serão bolhas de um sangue escuro que logo se transformam nas terríveis chagas purulentas.

Aos primeiros albores da aurora a carroça de inspeção à procura de pessoas

com os primeiros sinais da doença, percorre as ruas. Entram nas casas e sem uma palavra carregam os doentes e os colocam na carroça, rumando para o “isolamento”, distante da vila. Um quadro de estarrecer ali se depara: doentes em todos os estágios atravancam o solo em enxergas. O ar está empestado pela exalação das chagas abertas e pelo odor da febre que consome os corpos. Gemidos e frases de delírio se entrecruzam. Cadáveres se amontoam aguardando o sepultamento que por falta de braços para essa tarefa são enterrados apressadamente ao rés do chão.

Apesar de tudo, o apito da fábrica de tecidos marca as horas e as atividades do lugarejo e os que podem marcham para o trabalho.

Vagarosamente o tempo vai passando os dias tão iguais, tão serenos, um silêncio se derramando sobre as horas esquecidas, a solidão escorrendo sobre as poucas ruas de terra batida, fazendo as sombras tão tristonhas e os caminhos tão longínquos.

A terrível epidemia está quase vencida e a rotina simples e bucólica é retomada pelos sobreviventes da dizimada freguesia com novo vigor, numa ânsia de vida e renovação.

Quase um ano se escoou e abril chega ao fim, trazendo para a pequena vila o alvoroço e as notícias desencontradas sobre a iminente abolição da escravatura.

Todas as noites os homens sisudos e os rapazes afoitos se reúnem no recém-fundado Clube Republicano para discutir sobre a abolição e a república. Discursos ardorosos se ouvem, palestras cheias de empolgação, planos audaciosos são traçados para auxiliar a fuga de escravos.

Aqueles dias sôfregos, pejados de apreensões, são preenchidos por uma atividade frenética dos abolicionistas que acolhem e escondem magotes de escravos fugidos, providenciando alimentos e dinheiro para a continuidade da fuga até os quilombos distantes, na calada da noite, orientando e esclarecendo para que eles não provoquem distúrbios e ainda enfrentando a ira dos senhores de engenho da região que não se conformam com o desmoronamento de seu império.

Naquele domingo, 13 de maio, já noite alta, elementos do Clube Republicano recebem o aviso de que uma comunicação telegráfica trazia a tão esperada notícia: a Princesa Regente D. Isabel havia finalmente sancionado a Lei abolindo a escravidão. Imediatamente todos os adeptos do Clube se reúnem ao som de foguetes e dobres dos sinos, acordam a população para dar a boa nova. Os abolicionistas deliram de entusiasmo. Os componentes da Banda Municipal são convocados e logo estão nas ruas, todos fardados, executando marchas patrióticas. Grande número de pessoas lota as imediações do Clube Republicano aplaudindo os inflamados oradores que falam sobre o acontecimento em tribunas improvisadas, iluminadas pela luz tremulante das tochas acesas. Ao despontar a primeira aurora libertadora, ela é saudada por uma salva de baterias, o troar dos fogos parecendo levar até os confins a nova alvissareira.

E assim chega setembro, trazendo as tão esperadas festas em louvor à Padroeira. O povoado se anima e se engalana. Todos de roupas e sapatos novos se preparam para o maior acontecimento do ano, tão ansiosamente aguardado, quebrando a monotonia da vida tão igual.

Pessoas chegadas de longe se aboletam nas casas dos parentes e amigos e pessoas que acorrem das vilas e cidades vizinhas contribuem para o brilho da festa, enchendo de animação e rumorejos a sossegada vilazinha.

Correm trens especiais nesses dias festivos e o último trem que volta altas horas da noite, tem sua partida anunciada, poeticamente, quinze minutos antes, por um longo apito da máquina a vapor, como saudoso grito de despedida. Movimentam-se os forasteiros rumo à pequena estação, com suspiros de pena por deixar o alegre bulício dos festejos.

O largo da igreja, ermo e desolado nos dias comuns, enche-se de bandeirinhas coloridas. Barraquinhas de comidas, bebidas, roletas, sortes, se instalam, iluminadas por lâmpões de todos os tipos e feitios. Brincadeiras que arrebatam o povo são organizadas e todos vibram e se entusiasma com as corridas no saco, os cabos de guerra, as tradicionais touradas onde são apregoados os mais ferozes touros como os famosos: Treme-Terra, o Onça, o Gafanhoto, o Solteiro e a ferocíssima vaca Beija-Flor; o Circo de Cavalinhos, o Boizinho Baiano, as retretas caprichadas da Banda.

A fé transborda de todos os corações com a parte religiosa da festa: o tríduo de orações, as solenes missas cantadas, os sermões de pregadores famosos fervorosamente ouvidos e a solene e grandiosa procissão da imagem da Padroeira – Nossa Senhora do Monte Serrat, levada nos braços do povo, num andor artisticamente enfeitado. Todo o trajeto decorado com arcos de bambus e muitas flores, as ruas recentemente capinadas e grandes fogueiras a intervalos regulares para iluminar o retorno da imagem à igreja, quase sempre com a noite já chegada.

À entrada da imagem venerada na igreja, de frente para o povo como se abençoando e despedindo, ao explodir dos fogos de artifício, arranca lágrimas de emoção da multidão que se comprime ao redor do templo.

Como tudo passa, a aurora tingue novamente o céu com cores radiosas. A brisa agita as moitas do capim “favorita” com a penugem cor de rosa de suas inflorescências e orquídeas abrem-se nos galhos das árvores. As andorinhas que passaram a noite agarradas nos penhascos, levantam voo e recomeçam seu bailado sobre a cachoeira, desaparecendo depois no horizonte. As águas continuam o seu rumo eterno a rolar turbilhonantes num cenário de imensa beleza, impassíveis diante das alegrias, dores, loucuras e misérias humanas.

Maria Damien Ignácio Pacheco

A Águia

Pousada num píncaro rochoso,
Recortado contra o céu nervoso,
Contempla a grande águia
A crista azul da alta serra.
Alonga o olhar agudo e penetrante,
Desvenda a seus pés o abismo alucinante.

Medita só e profundamente!

Sua hora de dor está chegando,
Metade de sua vida já passando,
Quarenta anos de altivez e liberdade!
Mas as unhas flexíveis e compridas
Já não agarram a presa com presteza.
O bico muito longo com certeza,

Pontiagudo, apontando para o peito,
Torna difícil e sem jeito
O retalhar do alimento.

As asas de possante envergadura,
Com voos rasantes na planura,
Tem as penas grossas e pesadas,
Envelhecidas, feias, rebeladas,
Não permitem mais a agilidade,
Tolhendo a vivaz velocidade
Com que desfere o voo.

Só há uma decisão a tomar:
Ela precisa audaz, se renovar,
Senão a sua vida ali se acaba!

Procura com denodo e ousadamente,
Um abrigo seguro e eficiente,
Onde possa se esconder e pelejar.
Das altitudes na erma solidão,
Começa sua odisséia de renovação!

O velho bico bate nas rochas com furos,
O sangue jorra insuportável dor.
E finalmente o arranca!
Encolhe-se então e fica, serenamente,
A espera crescer o bico novo, docemente,
Lutando contra as agruras do granito
Que lhe enche de fel o peito aflito,
Testa o novo bico, finalmente!

E rápida, tenaz, desesperadamente,
Arranca as velhas unhas decadentes.
Novas dores, novo sofrimento,
Aquieta-se abatida e sofredora,
Aguardando paciente e lutadora,
O nascer das novas unhas!
Passa depois, com determinação,
A arrancar das asas e da cauda,
Todas as penas grossas e pesadas.
Aconchega em si as pobres asas,
Feridas, sangrentas e magoadas!

Recomeça a espera com resignação

Ressurge devagar a nova plumagem,
Retoma a águia sua antiga e bela imagem!

Cinco meses de angústia, silêncio e solidão!
Alimentou-se praticamente de migalhas,
Fome e sede pontilharam sua ascensão!

Finalmente linda, poderosa, ágil,
Livre, veloz, renovada, inacessível,
Parte para o voo da libertação.
Perde-se do céu na vasta imensidão,
Embriaga-se de ar, de luz, de emoção!
Mais trinta anos de luta gloriosa,
Para a águia feliz, valente, vitoriosa!
Nova vida finalmente se descerra,
Entre os altos cumes da azulada serra!

Assim também para a pobre humanidade,
Renovar-se para o bem é uma temeridade!
Arrancar de nós vícios, defeitos e paixões.
É uma estrada longa, árdua, pedregosa,
Pontilhada de reveses e aflições!
Para nossa alma imortal se transformar
É preciso coragem, dores, sofrimento,
Para que um dia, num deslumbramento,
Ela possa, enfim, se iluminar!

Maria Damien Ignácio Pacheco



Amauri Chaves Arfelli

Cadeira 23

Patrono: Euclides da Cunha

AMAURI CHAVES ARFELLI - Nasceu aos 07 de fevereiro de 1963 na cidade de Presidente Venceslau.

No período de 1979 a 1983 frequentou e concluiu o Curso de Formação de Oficiais na Academia da Polícia Militar do Barro Branco.

Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da Universidade de São Paulo.

Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física da Polícia Militar São Paulo - SP

Possui Especialização em Direito Penal pela Escola Superior do Ministério Público

Experiência Profissional:

Trabalhou em diversas unidades da Polícia Militar do Estado de São Paulo onde chegou ao posto de 1º Tenente.

Em 13.11.89 ingressou no Ministério Público do Estado de São Paulo, tendo exercido o cargo de Promotor de Justiça Substituto nas cidades de Osasco, Barueri, Embu, São Paulo e como titular nas cidades de Getulina e Salto. Atualmente é Promotor de Justiça de Itu atuando na área Cível, Família e Sucessões, Habitação e Urbanismo e Meio Ambiente.

Experiência Docente:

Ministrou aulas de Direito Penal nos Cursos de Formação de Sargentos da Polícia Militar e de Direito Tributário, Direito Penal e Processo Penal no DUCTOR - Curso Preparatório para as Carreiras Jurídicas - Campinas

É Presidente da Associação Emiliano-Romagnola Bandeirante de Salto e Itu, Conselheiro e membro do Comitê Executivo do Conselho dos Emiliano-Romanholos no Mundo.

Os Produtos Alimentares Italianos - A Certificação Dop E Igp - O Sistema Agroalimentar Da Emilia Romagna

A excelência e a qualidade dos produtos italianos são conhecidas mundialmente. Para tanto existem diversas normas européias de controle para que um produto possa ter um certificado de garantia de sua excelência e qualidade.

São regras relativas ao local de procedência da matéria prima, modo e maneira de produção. A União Européia, para a garantia do consumidor, estabeleceu, através do Regulamento 2.081/92, um sistema de controle e certificação de produtos alimentares.

Recebem a certificação DOP – Denominação de Origem Protegida – os produtos para os quais todo o processo produtivo, compreendido o fornecimento e estoque da matéria prima, ocorre em uma área geográfica delimitada.

Na Região da Emilia-Romagna receberam a certificação DOP os seguintes produtos: Parmigiano-Reggiano; Grana-Padano (parmesão); Provolone Valpadana; Prosciutto di Parma; Prosciutto di Modena; Culatello di Zibello; Coppa Piacentina; Salame Piacentino; Pancetta Piacentina; Salamini italiani alla cacciatora; Olio (Azeite) Extra Vergine di oliva di Brisighella; Olio (Azeite) Extra Vergine di oliva Colline di Romagna; Aceto Balsâmico Tradizionale di Modena e Aceto Balsâmico Tradizionale di Reggio Emilia.

A certificação IGP – Indicação Geográfica Protegida – é atribuída aos produtos para os quais o vínculo entre a área geográfica e o modo de produção pode-se limitar a apenas uma fase do processo produtivo.

Na Emilia Romagna receberam a certificação IGP os seguintes produtos: Mortadela Bologna; Zampone Modena; Cotechino Modena; Vitellone bianco dell'Appennino centrale; Asparago (asparago) verde di Altedo; Scalogno di Romagna; Fungo di Borgotaro; Marrone (tipo de castanha) di Castel Del Rio; Pere (pêras) dell'Emilia Romagna; Pesca (pêssego) e nettarina (nectarina) di Romagna; Coppia Ferrarese (tipo de pão).

Na região da Emilia-Romagna existe uma importante agricultura, presente e viva principalmente na área da planície padana (do Rio Pó). A região possui ainda, um sistema agro alimentar, que se coloca entre os mais avançados a nível internacional, pela sua capacidade de criar uma extraordinária relação entre o homem, terra e tecnologia, reunindo em si o futuro da inovação e o passado da mais autêntica tradição.

Este sistema agro alimentar compreende nas próprias raízes um patrimônio único de valores e excelência que a inteligência e operosidade do homem soube traduzir em respostas adequadas às exigências em contínua evolução dentro da comunidade.

Estes são os motivos pelos quais na Emilia-Romagna existem métodos avançados de cultivo; são empregadas novas tecnologias; investe-se em pesquisa e experimentos para o desenvolvimento; são realizados programas; promovem estudos; realizam pesquisa de opinião e estatísticas; foi constituída uma rede de empresas agro-industriais de ponta sob o aspecto econômico-administrativo.

Este potente e articulado sistema move-se para uma única direção: continuar a semear, crescer e colher os frutos da terra italiana, controlar e garantir a qualidade e a segurança de todas as variedades agro alimentares nas quais os produtos

materializam-se. E, ainda, compartilhar a experiência deste trabalho, fazendo chegar os produtos de excelência e qualidade, nas casas, nas mesas de todos, junto a instrumentos criados para divulgar e transmitir uma mensagem bem precisa: dentro dos ricos sabores das produções agro alimentares da Emilia Romagna reside um precioso capital de valores destinado a manter o antigo pacto de harmonia entre o homem e a terra.

Amauri Chaves Arfelli

**Discurso proferido por ocasião da conferência dos trinta anos do Conselho
(Consulta) dos Emilianos Romanholos no Mundo, em março de 2005,
na cidade de Salsomaggiore (Parma)**

Entre nós pode ser que eu não seja o mais jovem, porém sou o Presidente da mais jovem Associação Emiliano-Romanhola: A Associação Emiliano-Romagnola Bandeirante de Santo e Itu no Brasil.

Peço permissão para narrar-lhes uma pequena história que penso possa representar a situação de muitos descendentes de emilianos-romanholos e que mostra o importante papel das Associações Emiliano-Romanholas e da Consulta .

Até os meus 25 anos, sabia apenas que tinha a descendência italiana, nada mais. E esta é a situação de muitos brasileiros oriundi. Nem mesmo meus tios mais velhos sabiam a cidade e região de origem do meu avô.

Tive, porém, a sorte de encontrar na minha vida minha mulher Cristina, que acendeu no meu coração o sentimento de italianidade. Ela e seus parentes brasileiros não haviam jamais perdido o contato com a Itália.

Ela tem sempre o hábito de dizer que antes de conhecê-la não sabia nada da Itália, não sabia o que era alcachofra, funghi. A pasta, qualquer que fosse, chamava de macarrão. E ela, na verdade, tinha razão, porque cresci praticamente no interior do Estado de São Paulo, em uma região na qual predomina a pecuária em grandes fazendas. Uma região como tantas em meu país onde não se faz presente um ente italiano.

Ela ensinou-se a amar a Itália e estimulou-me a buscar minhas origens. Por este motivo não poderia estar aqui sozinho. Todavia Cristina tem um defeito, um só, porém gravíssimo: Ela não é emiliana-romanhola mas Toscana . É claro que estou brincando.

Depois de alguns anos do meu casamento decidi reunir minha família e julguei oportuno narrar-lhes alguma coisa sobre nossa origem, desconhecida de quase todos.

Assim em 2002 nasceu o livro Fare l'America. O sonho de uma família, através do qual conheci meus parentes romanholos.

Não perdemos mais o contato. Através destes parentes conheci o Prof. Pierantonio Zavatti que me estimulou a constituir uma Associação de Emiliano-Romagnolos em minha cidade.

Agora, meu desafio como Presidente de uma Associação Emiliano-Romanhola será, evidentemente como o impescindível apoio da Consulta restabelecer o contato perdido entre nossos associados com a terra de seus ascendentes, de forma a conhecê-la melhor e assim não renegar jamais as suas raízes e dizer com orgulho e consciência de ser brasileiro e também emiliano-romanholo.

Além disso, ao lado deste sentimento nostálgico, nestes dias pude conhecer a

grandeza e a importância da Consulta, sobretudo como veículo de agregação e integração das nações que procuram no progresso o bem estar da humanidade .

Se a Itália não é mais a Italianeta pobre e problemática dos nossos avós e bisavós, mas um dos maiores países industrializados do mundo, é devido ao trabalho tenaz e glorioso não só daqueles que aqui ficaram, mas daqueles que foram obrigados a deixar para trás a terra natal. Estes não constituíram uma mera coletividade, um grupo de italianos que foram para outra terra onde foram aceitos, acolhidos e da qual passaram a fazer parte; eles na verdade conseguiram se tornar um elemento essencial e fundamental da identidade da nova pátria. Eles transformaram a emigração em fator de progresso e desenvolvimento. A Itália é importante no mundo graças a estas pessoas.

Atualmente, por sua vez, a Itália é também terra de imigração para tantos países em desenvolvimento. Por este motivo, percebe-se que a Emilia-Romagna escolheu a estrada correta, consciente de seu status nacional e internacional e de seu crescente peso econômico e civil, jamais esquece dos seus filhos esparsos pelos quatro cantos da terra, olhando-os cada vez mais com maior atenção. Uma demonstração concreta desta postura é o denso programa das atividades previstas para o presente ano.

Continua sendo, efetivamente, uma grande exigência da parte da região e das suas associações no mundo, conhecerem-se melhor e principalmente explorar profundamente, em todas as suas potencialidades, a influência que exerceu e exerce nos diversos países a presença dos emilianos-romanholos.

Hoje a Romagna tem a possibilidade de através de seus correlegionários conhecer um pouco melhor o mundo e traçar iniciativas na busca de uma vida mais justa e solidárias, demonstrando que a emigração da região não foi uma emigração de quantidade, mas seguramente foi uma emigração de qualidade, e disto temos prova pelas ilustres pessoas que aqui estão presentes.

Cabe a todos nós aproveitar plenamente este momento mágico, fazendo com que ele se prolongue no tempo e se traduza, cada vez mais, em um melhor conhecimento recíproco e em um aprofundamento das pequenas e grandes coisas que nos unem.

Esperamos que este encontro e tantos outros que possam ocorrer, contribua para tal objetivo, servindo de incentivo para prosseguir com o redescobrimto das raízes cujo postulado é a variedade cultural enquanto riqueza, instrumento, portanto, de tolerância e de paz.

Amauri Chaves Arfelli

MULHERES DE CORAGEM – A FIBRA DAS MULHERES DA MINHA FAMÍLIA

O papel das mulheres integrantes da primeira grande fase da imigração italiana para o Brasil era aquele relacionado aos serviços domésticos, não obstante constituíssem também uma grande força de trabalho, uma vez que geralmente desempenhavam no campo a mesma atividade de um homem.

O governo brasileiro preferia e estimulava a imigração de núcleo familiar, ou seja,

uma imigração permanente. O objetivo era fixar os imigrantes na nova terra, tendo em vista a necessidade não só da substituição da mão de obra escrava, mas a formação e ampliação de uma classe média, e, porque não dizer buscar também o branqueamento do povo brasileiro.

Na região sul do país, onde predominavam as colônias, por questões estratégicas, o objetivo era o da ocupação do território. Desta forma, não interessava ao Brasil a imigração provisória ou temporária. Assim, era comum que as mulheres seguissem os maridos, os pais, o grupo familiar.

Como acontece em uma sociedade patriarcal, naquela época, sobre as mulheres recaíam os afazeres domésticos e os cuidados com a prole. Foi justamente esta característica que favoreceu a manutenção e a transmissão das tradições da terra de origem, sobretudo através da culinária e da língua, na maioria dos casos do dialeto, haja vista que se tratava de pessoas em sua grande parte analfabetas.

Para as mulheres da minha família, prevaleceram as tarefas mais duras relacionadas ao trabalho no cultivo do café.

De origem *romagnola* 1 (Forlì), a família Arfelli chegou ao Brasil em 1899, tendo partido da cidade italiana de Teodorano, hoje pertencente ao Município de Meldola, região Emilia-Romagna.

Depois de dois anos da chegada ao Brasil, a morte do meu bisavô mudou o destino traçado às mulheres da minha família.

Meu avô, na época, aos 9 anos de idade, não estava em condições de assumir o papel de direção da família. Coube a minha bisavó Filomena Bondi (42 anos) e às suas filhas: Santa (19 anos), Rosa (17 anos), Maria (15 anos), Virginia (14 anos) cumprirem até o final o contrato de trabalho junto a fazenda de café em Ribeirão Bonito, cidade do interior do Estado de São Paulo.

Trabalhavam como os homens. Em outras famílias as mulheres também trabalhavam no campo, porém tinham sempre ao lado e poderiam contar com a força do trabalho dos homens da família (pai, avós, irmãos, maridos etc...).

Não obstante Filomena Bondi pudesse contar apenas com as filhas e o pequeno Cesare, meu avô, soube às duras penas enfrentar as adversidades. A família Arfelli produzia tanto quanto as outras famílias de imigrantes italianos da mesma fazenda de café.

O contrato foi renovado continuamente até 1912, quando a família transferiu-se a uma outra fazenda de café na Cidade de Araraquara.

Para a sorte da minha família, durante a viagem para o Brasil, encontraram no mesmo navio a família de Fiore Berti de origem bolonhesa (Fontanelice), que acabou indo trabalhar na mesma fazenda de café em Ribeirão Bonito.

Em 1909, o casamento de Santa Arfelli e Orlando Berti, consolida a amizade das duas famílias que estavam sempre unidas para enfrentar as dificuldades na nova terra. Até mesmo a área da plantação de café confiada a cada família era vizinha e entre os pés de café Orlando e Santa trocaram olhares, beijos e carinhos.

Com todas as filhas já casadas (Rosa casou-se com o italiano Antonio Primiani em 1902 aos 17 anos, emigrando logo após para a Argentina); Virginia casou-se com Angelo Zorzani em 1907 e Maria casou-se com o italiano Antonio Pondaco, de origem calabresa em 1905).

A trajetória e vida de Maria Arfelli, símbolo da fibra das mulheres da minha família, merece destaque.

Antonio Pondaco, marido de Maria, tinha já uma experiência de imigração: havia emigrado aos Estados Unidos com o pai, porém agora estava sozinho no Brasil e o pai na Itália.

Em 1914, com a morte do pai na Itália, Pondaco convence Maria Arfelli a repatriar para dar amparo a mãe e a irmã que haviam ficado sozinhas na cidade de Stefanaconi na região da Calábria.

Partem naquele ano com os filhos nascidos no Brasil: José (8 anos), Maddalena (6 anos) e Nicola (1 ano). Explode a primeira guerra mundial. Antonio Pondaco alista-se no exército italiano e morre em combate no ano de 1916. Logo após, morre também a sogra, Maria fica sozinha com os três filhos em uma região muito distante e diversa da qual era originária e havia deixado os parentes.

Resta a Maria desenvolver pequenas atividades para a sobrevivência da família, como costurar e escrever cartas a pedido das mulheres que tinham os maridos emigrados na América. A emigração dos italianos da região meridional era em sua grande parte uma emigração temporária.

No Brasil, Cesare Arfelli e o irmão Natal, nascido pouco antes da morte do pai, conseguem obter do governo brasileiro passagens gratuitas para a irmã Maria e seus filhos, que embarcam para o Brasil em 22 de agosto de 1922.

José, o filho mais velho, teve de fugir do colégio em Palmi, onde estudava, uma vez que os professores não queriam deixá-lo partir.

Chegando em Araraquara, da janela do trem Maria consegue reconhecer entre os trabalhadores os irmãos Cesare e Natal, que naquele período trabalhavam na ferrovia. Com um grito emocionado chama a atenção dos irmãos, que ao verem a irmã, abandonam o trabalho e correndo passam a seguir o trem até sua parada na estação. Após 8 anos de saudade e angústia podem então abraçar e beijar a irmã e sobrinhos que retornam ao seio da família.

Poucas semanas após o retorno de Maria, morre sua irmã Santa Arfelli, por ocasião do parto do sétimo filho, deixando os filhos Ana (12 anos), Frederico (10 anos), Adelaide (8 anos), Paulino (7 anos), Lúcia (4 anos) e Antonio (2 anos).

Após alguns meses da morte da mulher, Orlando Berti em conversa com Maria diz: *Cunhada você tem três filhos para criar e eu seis quiser posso ajudá-la a terminar de criar seus filhos e você me Ajudará a cuidar dos meus.*

Depois de um ano Maria casa-se com o cunhado Orlando Berti e encarrega-se da educação dos seus filhos (José, Maddalena e Nicola), dos seis sobrinhos, tendo ainda mais outros quatro filhos com o novo marido (Angelo, Santina, Vittorio e Malvina).

Sempre digo parafraseando a canção de *Casadei 2* que os Arfelli trouxeram ao Brasil o ar da Romanha, aquele ar que convida a fazer o amor. Santa teve seis filhos, Maria, sete, Rosa, dez, Virginia, nove, Cesare (meu avô), 14 e Natal, 7. Porém, não era um amor sem pretensão, como diz a canção, porque naquela época uma grande prole significava pelo menos mão de obra familiar.

A fibra das mulheres da minha família, da bisavó Filomena Bondi e das suas filhas Santa, Rosa, Maria e Virginia teve um papel muito importante no futuro da família Arfelli no Brasil.

A força e o significado da presença da mulher no núcleo familiar merece uma divulgação além do âmbito dos contos familiares.

Elas souberam com dignidade, honestidade e com a força do trabalho dar uma

1) Da região italiana da Romagna

pequena contribuição ao desenvolvimento do nosso Estado e País e proporcionar melhores condições de vida aos seus descendentes.

Não fizeram fortunas, porém, não obstante as dificuldades, obstáculos e preconceitos, através de uma vida simples, souberam transmitir aos seus descendentes valores humanos e religiosos como o respeito às pessoas, a fé em Deus, o amor ao próximo, que enraizados nas nossas almas, iluminarão as nossas estrada na construção de uma sociedade mais humana, mais justa e que saiba reconhecer o valor da mulher.

Nós somos a riqueza que deixaram. Cabe a nós o permanente Fare l'America, porque o Brasil é o país onde nascemos e é o país que devemos viver e colaborar cada vez mais para seu progresso.

A elas somos muito gratos.

Amauri Chaves Arfelli



Antônio Maestrello

Cadeira 27

Patrono: Luiz Vaz de Camões

ANTÔNIO MAESTRELLO - Nasceu em Salto, em 16 de junho de 1934.

Fez o curso primário no Coleginho (Sagrada Família), o secundário no Ginásio Estadual Regente Feijó, de Itu e a Faculdade de Odontologia da USP – Ribeirão Preto.

Trabalhou em vários cursos da Igreja Católica; apresentador durante 25 anos do Curso “Viver Melhor”, apresentado gratuitamente.

Mentor e componente do “Grupo Salto”, de músicas italianas.

Autor do livro “Viver Melhor, o Desafio”.

Como atleta jogou nos principais clubes de futebol Salto, além de atuar em outras modalidades, como basquete, vôlei e futsal. No tiro ao prato foi Campeão Paulista e Brasileiro em 1973 e maior atirador do ano.

Luiz Vaz de Camões

Nasceu em 1525 e faleceu em 1580. Estudou em Coimbra onde adquiriu a cultura que sua obra, “Os Lusíadas”, revela. Viveu muitos infortúnios que sua obra aponta.

Sai de Lisboa em expedição à Ceuta, de onde volta sem um dos olhos.

Novamente em Lisboa, é preso por motivo de uma rixa.

Embarca para a Índia como castigo.

Nomeado provedor mor dos defuntos e ausentes na China portuguesa, foi mais tarde afastado do cargo e levado para Goa. O navio naufragou na foz do rio Mecongo, no Laos, mas o poeta conseguiu salvar-se, levando consigo os originais dos Lusíadas.

DO INFERNO AO PARAÍSO

*“As pessoas de um modo geral procuram ganhar
Dinheiro ficando ricos materialmente e um dia
descobrem que interiormente estão pobres de Sentimentos.”
“Há quedas que provocam ascensões maiores.”*

Shakespeare

Quase sempre os períodos mais traumáticos do ser humano são a adolescência e a quinta década, isto é, dos quarenta aos cinquenta anos, embora muita gente passe por todas as décadas sem maiores problemas.

Minha depressão foi dos 39 aos 43 anos, portanto na quinta década, angústia, caroço no peito, desânimo, ansiedade, zangava com facilidade, muita preocupação, ia dormir mal e acordava pior .

No carnaval tinha vontade de chorar, mesmo no meio daquela alegria geral.

Travamento na coluna cervical, dores terríveis na nuca, coceiras, vista cansada, furúnculos, pernas pesadas, gripes, resfriados, alergia, queda de pressão, sempre grogue.

Consultei vários médicos, ortopedistas, clínicos, endocrinologistas, massagistas, cardiologistas, oftalmologistas, acupunturistas, fisioterapeutas, curso de treinamento autógeno, vibrador, homeopatia, tudo me ajudava, mas nada me curava.

Numa das consultas, um endocrinologista de S. Paulo perguntou:

- Seus sintomas?

Brinquei:

- De unha encravada à queda de cabelos.

Ele riu. Fui dizendo meus sintomas.

No final ele me deu uma receita, que tinha além de outros, muitos medicamentos para vermes. Mostrei a receita ao meu irmão Dr. Armando, que sempre foi meu grande médico e ele brincava: “com estes remédios até os animais do zoológico podem ser eliminados”.

Tomei todos os remédios e nada.

Quando me apresentei ao maior clínico geral, de Ribeirão Preto, ele me colocou na balança, verificou minha altura: 1,82m, 75 quilos.

- É incrível saber que o senhor não está bem, com toda essa força.

Nessa altura eu não imaginava que o meu problema era de origem emocional, ninguém tinha me aconselhado a procurar ajuda neste sentido.

Hoje eu sei que o nosso corpo sempre está “chiando” através de dores, mal-estar, insônia, depressão, etc... Devemos ouvir nosso corpo e combater as causas. Acredito que só não tive enfarte, porque não era gordo, sedentário e fumante.

Nunca tive pensamento suicida, mas tinha vontade de morrer, sumir.

Através de leituras comecei o meu despertar. “Como vencer a depressão” de Tym La Haye, foi o início de um caminho maravilhoso. Eu pedi pelo reembolso postal, quando aquele livrinho chegou, eu estava mal e pensei: como um livrinho destes pode tirar um homem da depressão?

Não há de ver que após ler as primeiras páginas, senti um alívio imediato, a cura não é imediata, mas o alívio sim.

Embora levemos muito tempo para entrar em depressão, a cura é bem mais rápida, principalmente quando colaboramos para isso, acreditando nos médicos,

remédios e aproveitando a experiência, os relatos daqueles que passaram por ela.

A literatura é vastíssima, eu não perco tempo em outras leituras a não ser com aquelas que nos fazem crescer e ajudar os outros.

Li dezenas de livros, revistas, publicações médicas, vídeos, programas de TV, que nos ensinam a “Viver Melhor”, aí eu confirmava: meu problema era de origem emocional, quando os olhos não choram, outro órgão pode chorar por eles.

Oitenta e cinco por cento dos que procuram os médicos têm seus males provocados pelas emoções.

Hoje recuperado, graças a Deus, procuro tirar as pessoas da depressão e ajudar outras a não entrarem nessa terrível inimiga.

Hoje vou dormir bem e acordo melhor.

Uma dorzinha é uma dorzinha, procuro esquecê-la.

Durante o jogo de tênis quando algum companheiro reclama de uma dor, perguntamos: só essa dor?

Você notou que se for procurar dores encontramos várias em nosso corpo?

Experimente nesse momento fechar os olhos e da cabeça aos pés você estará sentindo algum tipo de dor.

Ao otimista essas dores passam despercebidas, ao pessimista serão terríveis, passivas até de procurar médicos.

“O pessimista senta-se e lastima-se, o otimista levanta e age”.

Como diria Guilherme Arantes: “É a arte de sorrir cada vez que o mundo diz não!”.

Quando você acordar e não sentir dorzinha nenhuma, belisque-se, você pode não estar vivo.

Os problemas que citei anteriormente desapareceram ou minhas emoções melhoraram, fazendo que um copo com água seja um copo com água e não o Oceano Atlântico.

Hoje tenho uma felicidade que se melhorar estraga.

Certa vez, cuidando dos meus dentes no consultório do meu colega e grande amigo Dr. José Walter Chierighini, ele perguntava:

- E daí, como vai? Respondi:

- Se melhorar estraga. Ele dizia como é gostoso ouvir isto, quase sempre as respostas são negativas. Eu completava:

- Ainda mais na cadeira do dentista.

Assim amigos, cheguei do amargo ao doce do subúrbio, ao soberbo do inferno ao paraíso.

Eu era o mais infeliz dos homens, hoje sou o mais feliz, o que mudou em mim, a minha “cuca”, a maneira de pensar. “Grão de areia é grão de areia, não o pão de açúcar”.

Quando digo que sou o mais feliz dos homens, gostaria que você caro leitor fosse daqueles que não pensam pelo “cotovelo”, me achando muito presunçoso. Todos nós podemos ser os mais felizes dos homens, basta querer.

“Você é tão feliz quanto deseja ser”.

Os exemplos são inúmeros.

Encontramos duas mães com o mesmo tipo de maridos, com três filhos adolescentes com o mesmo orçamento doméstico. A primeira achando que vive num paraíso, enquanto a outra se acha no mais terrível inferno. O que as diferencia, somente a atitude mental de cada uma.

Somos o que treinamos, pensamos e desejamos ao outro porque o retorno é uma realidade. Sou feliz quando desejo a felicidade do outro.

A sorte favorece a mente preparada.

A finalidade do meu curso, minhas palestras e este livro é mostrar que se eu me curei, quanta gente poderá se beneficiar com este programa ou passos como você preferir, que eu apresentarei logo mais, passos estes que bolei através da minha vivência, colocando em prática e percebendo o famoso retorno.

Quando desviava dos mesmos me “machucava”, quando os vivia, a vida fluía maravilhosamente.

Quando ajudamos os outros é que somos ajudados.

Quando vibro com a minha felicidade sou egoísta, quando vibro com a felicidade do outro, sou feliz.

Ser feliz é não incomodar o outro.

Felicidade é não ter tempo para ser infeliz.

Felicidade é ter o que fazer.

Por que tanta definição? Porque felicidade é tudo isto mesmo.

Quando saí da minha casca, fui para o outro, me libertei das correntes da depressão. Para se ter amor, precisa amar primeiro.

Aqui nós vamos dar o grande mergulho, eliminar o mal e incentivar o bem.

É minha esperança que todos sigam os passos que vamos apresentar, a fim de alcançar uma nova e linda dimensão em suas vidas.

Repito agora: tenho uma felicidade que nunca tive. Somos felizes juntos ou infelizes sozinhos.

Juntos a tristeza se divide, a felicidade se multiplica.

É impossível ser feliz sozinho.

Muitas coisas que escrevo aqui você já sabe, mas o importante não é o que você sabe mas aquilo que você vive.

O que temos em nível da razão não conta, conta o que temos em nível do coração.

Você poderia dizer: então o senhor não tem mais problemas?

Claro que tenho, só que agora eu os enfrento de outra maneira. Eu não apresso o rio, eu sei que ele caminha sozinho.

Antes eu reclamava dos meus problemas, hoje procuro resolvê-los, não fujo deles.

Sou alguém que deixou de rastejar, aprendeu a “Viver Melhor” e quer passar esta experiência aos outros.

Se fôssemos relatar os testemunhos das pessoas que fizeram o nosso curso, teríamos muitas páginas para escrever, citaremos alguns.

Pessoas que tinham medo de sair de casa e hoje saem normalmente.

Pessoas magras que engordaram, gordas que emagreceram.

Pessoas que deixaram o cigarro e corrigiram outros vícios.

Uma senhora que frequentava o psiquiatra há 17 anos e não precisou mais.

Um senhor que trabalhava 16 horas por dia, tomava 22 comprimidos diários. Ele deixou a firma porque aprendeu que não se pode trabalhar mais que oito horas por dia. No seu telefonema me dizia que não tomava mais remédio, tinha mais tempo para a família e a grande descoberta, produzia mais nas oito horas bem trabalhadas do que nas dezesseis que atropelava anteriormente.

Uma senhora que não podia ver a sogra e hoje a vê como uma verdadeira mãe. Talvez ela tenha descoberto que devemos tratar melhor a sogra que a nossa mãe, sogra

difícilmente perdoa e nossas mães perdoam sempre, é o famoso retorno.

Um senhor com leucemia que não trabalhava, mas sentiu o valor do trabalho e voltou a trabalhar, não sei o que lhe aconteceu, mas deve ter descoberto que desde que tenhamos condições, temos de trabalhar pois são poucos os que se gastam, a maioria se enferruja.

Quando estamos enganando o INSS, ficando inativos quando poderíamos trabalhar, estamos enganando a nós mesmos, pois uma luzinha vermelha fica nos atormentando lá dentro.

Pensamos que estamos levando vantagens, mas o retorno é péssimo.

Uma senhora vinha para o curso toda quarta-feira, ficava próxima à janela e com uma bombinha para respirar melhor. Minha vontade era de jogar aquela bombinha pela janela. Na terceira quarta-feira ela estava sem a bombinha. O marido dela me contou que não podia pintar a casa, que ela queria mudar para Jundiá, porque não suportava a poluição de Salto.

Na nossa última palestra do curso, deixávamos um tempo livre para que as pessoas se expressassem sobre o que o curso fez por elas.

Esta senhora se levantou e disse que nunca mais usou a bombinha, que o marido havia pintado a casa, que nunca mais reclamou da poluição e que não queria mais mudar de Salto.

O melhor vem agora. O marido levantou e disse: - Pra mim o curso foi maravilhoso, eu era gago e não sou mais.

O aplauso foi geral, comecei a chorar e outras pessoas também.

Eu sabia que a gagueira pode ser de origem emocional, mas nunca havia falado isto no curso.

Este marido que foi ao curso apenas para acompanhar sua senhora, me deu a maior alegria. Todos os cursos e palestras que proferi já tinham uma paga, aquele momento lindo. Neste momento choro novamente, são grandes os momentos da nossa vida.

Um senhor com derrame, que urinava a cada dez minutos, tinha melhorado muito.

Mulher que teve paralisia infantil e tinha medo de usar sapato alto, voltou a usá-lo.

Duas senhoras disseram que moravam no alto da cidade e trabalhavam na Brasital que ficava às margens do Tietê e que na ida e vinda sempre comentavam suas dores de cabeça. Após a primeira aula do curso, combinaram de não comentar mais suas dores. Após alguns dias disseram que não sentiram mais suas dores de cabeça. “Viva o otimismo!”.

Um senhor dizia que com muito custo trouxe para o curso um vizinho de 21 anos, viciado em drogas. O nosso curso nada mais é do que uma ponte para o milagre da normalidade, isto é, combater as nossas falhas e sermos normais, aceitando a realidade e o drogado foge da realidade.

Após algumas palestras notei que aquele senhor vinha sozinho e perguntei:

- E o jovem não vem mais?

- Ele disse que não ia perder tempo ouvindo “xarope” falar. O senhor me desculpe!

- Não ligue não, os jovens acham que sabem tudo.

Após algum tempo, este senhor me dizia que o jovem tinha sido morto em briga com traficantes.

Mais uma vez fica provado que bandido dificilmente chega aos vinte e cinco anos.

Quando um famoso político disse que: “bandido bom é bandido morto”, houve muita crítica e até ele se desculpou.

Cá entre nós, será que num país onde presos fogem andando pelas portas da frente do presídio, a pena de morte não seria um mal menor?

Há aqueles que dizem que a pena de morte traria um aumento da criminalidade.

Engraçado, eliminam-se centenas de bandidos irrecuperáveis e a criminalidade aumenta?

Isto é duvidar da nossa inteligência.

Outros são contra a pena de morte, por causa dos erros judiciários.

Marcelo Rezende comentou que em quase mil execuções nos Estados Unidos, apenas acontecem dois erros judiciários.

Com estes bandidos soltos, quantos inocentes morrem?

Desculpe-me entrar neste assunto polêmico, mas eu o faço em defesa daqueles que foram vítimas desses assassinos, estupradores etc. Essas pessoas não têm mais voz, braços e canetas para se defenderem.

Se fosse claro para todos que ao crime segue castigo pesado e inescapável, sobriariam praticando-o, só os malucos de fato.

Alguém me perguntou após a primeira aula: - Haverá mágica ou milagre aqui?

Respondi: - Bem a mim aconteceu, saí das profundezas da depressão e estou no ápice da felicidade, o que dei em troca. Acreditei no programa, me entusiasmei procuro aplicá-lo todo dia.

O mesmo milagre está a sua espera.

Depende só de você. Volto a repetir: você é aquilo que pensa, que pratica.

Meu companheiro Antônio W. Rosa me encheu de alegria quando no final do curso disse: "O Dide apresenta sua mensagem com tamanha convicção que é impossível não aceitá-la".

Certa vez uma senhora perguntou ao grande Paulo Gaudêncio qual a melhor religião que deveria dar ao seu filho. A resposta foi imediata: "A senhora já está dando religião a seu filho, é aquela que a senhora pratica".

Sempre me perguntam "Todos vão se recuperar" e "Viver Melhor"?

- Não, somente aqueles que queiram, ninguém falha usando verdadeiramente este programa.

O êxito será proporcional ao nosso entusiasmo e entrega.

Uma senhora me perguntou um dia se eu dava este curso por amor ao próximo.

Esta pergunta foi feita num momento dos mais gostosos, ou seja, na confraternização. Uma pergunta chata.

Eu tremi na base por alguns segundos e logo em seguida senti muita pena, ela não havia aprendido a grande lição da minha vida. "Se quisermos amor, temos que dá-lo primeiro".

No meu consultório trocava serviços com dinheiro, mas em "Viver Melhor" a paga que eu recebo não é dinheiro nem outro bem material mas a grande paga chamada felicidade, que por ser uma senhora nobre não anda de mãos dadas com os bens materiais e nem poderia, pois ela está em nosso interior e jamais encontra uma fenda para agarrar o que está fora de nós.

Espero que essa senhora tenha feito essa grande descoberta.

Uma outra senhora mais chegada à minha família me disparou sua "metralhadora":

- Dide, você sarou porque é rico!

Eu sou apenas um dentista bem sucedido, que gasto menos do que ganho.

Aproveitei toda chance que a vida me deu cometendo a loucura de atender no con-

sultório até as 11 da noite. Jantava e ia para a prótese, às vezes até as duas da manhã.

Fiquei triste naquele momento, mas a alegria da grande maioria daquela confraternização era tão grande que pude perdoar no meu coração aquela senhora e torcer para que ela se encontrasse. No final, a grande surpresa, ela se desculpou. Alguns meses depois ela dizia que o curso ajudou-a a superar a insônia de muitos anos.

Alguém faz o curso ou lê o livro e quer melhorar a mãe, o pai, a sogra, o marido, o filho, o cachorro, o vizinho, primeiro temos que nos recuperar, corrigir nossos erros e com este exemplo podemos mudar aqueles que nos rodeiam.

Se observarmos uma pessoa normal e uma neurótica, vamos notar que a primeira se comporta dentro de uma linha sinuosa, sem picos, ao passo que o neurótico fica com picos, ora vai pra cima ora vai pra baixo.

A depressão é própria de pessoas sensíveis, inteligentes e não distingue rico, pobre, adulto ou criança.

Ninguém se deprime quando tudo vai bem e pode esbarrar em alguma coisa: tóxico, sexo, comida, álcool, jogos, esportes, jovens principalmente.

A depressão é solitária e silenciosa e precisamos estar atentos para que os jovens não se agarrem a coisas prejudiciais.

A depressão é uma válvula e é uma doença que destrói vidas e está devastando a civilização ocidental, pois os orientais se relaxam melhor.

Há quem diga que a depressão é uma visita ao inferno.

O sintoma da depressão é tão desagradável que ouço dos deprimidos que preferiam o câncer à depressão, não há dúvida a depressão é como um câncer da alma, felizmente com perspectiva de erradicação total, desde que lutemos por isto, nós vamos lhe mostrar o caminho que trilhamos e vencemos, a estrada está aberta pra você: medicina, nosso programa e outros aconselhamentos de profissionais que querem ajudá-lo.

Agarre-se a Deus, faça sua parte pois a de Deus Ele a faz naturalmente.

Eu notava quando as pessoas chegavam para o curso que como um código de barra na testa umas estavam bem, outras mais ou menos e outras mal.

Aqueles que estão bem quase sempre estão com a cabeça erguida e com a cabeça alta, vemos o céu, as montanhas, as árvores, os pássaros.

Certa vez um homem se perdeu na mata, após várias tentativas encontrou um casebre onde morava um velho ao qual pediu orientação:

- O senhor poderia me orientar? Não acho a saída da mata.

O velho respondeu:

- Meu filho, quando você estiver perdido, caminhe sempre para o alto, pois de lá você verá o caminho certo para a saída.

Os que estão mal sempre estão com a cabeça baixa, arqueados e quando olhamos para baixo só vemos sarjetas, lixo, baratas, aranhas e o famoso fundo do poço que não tem limite, pois o nosso egoísmo pode perfurá-lo ainda mais e adiar nossa volta para a montanha.

Talvez aquele que julga precisar menos do nosso programa, seja o que mais precisa.

No testemunho final de um dos meus cursos, uma senhora levantou e disse:

- Eu trouxe minha cunhada que estava muito deprimida pela morte do meu irmão mas tenho certeza, absoluta certeza que ninguém se beneficiou tanto deste curso como eu. Viva a alegria, a felicidade. Obrigada.

Antonio Maestrello



Claudete Souza

Cadeira 30

Patrão: Jorge Amado

CLAUDETE DE SOUZA NOGUEIRA - Doutora em Educação, formada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). É professora Pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia, no Curso de Educação para Relações Raciais. Tem experiência docente em Ensino Superior em Cursos de Graduação e Pós-graduação; foi docente da Rede Pública Estadual, atuando no Ensino Fundamental e Médio, de 1985 a 2009. É pesquisadora da área de História e História e Cultura Afro-brasileira, Políticas Públicas, Memória, Patrimônio e Identidade. Publicou um livro sobre a Memória Afro-brasileira em Itu, vários artigos em periódicos especializados e 2 capítulos de livro, entre outras publicações.

É casada com o professor Amauri Tadeu Barbosa Nogueira, mãe de 2 filhos: Mariane Cristina e Pedro Lucas.

Jorge Amado

Nascido em 1912, teve desde a infância contato com as injustiças sociais existentes no nordeste brasileiro. Suas obras, em grande parte, retratam essa realidade vivida nas plantações de cacau da Bahia. Seu olhar crítico para com a sociedade foi expresso em livros como o país do carnaval' (1932), 'Cacau' (1933), 'Suor' (1934), 'Jubiabá' (1935), 'Mar morto' (1936), 'Capitães de areia' (1937), 'Terras do sem fim' (1942), 'São Jorge dos Ilhéus' (1944) e 'Os subterrâneos da liberdade' (1952).

Militante do Partido comunista Brasileiro enfrentou também a perseguição política por causa da qual teve que deixar o país, só retornando em 1952. Tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras em 1961.

Ao publicar Gabriela Cravo e Canela em 1958 deu início a uma nova fase em

suas obras, marcadas pela sátira e pelo humor. Assim, são lançados livros como Dona Flor e seus dois maridos (1966), Tenda dos milagres (1969), Teresa Batista cansada de guerra (1973) e Tieta do Agreste (1977), entre outros. Jorge Amado faleceu em 2001 aos 88 anos de idade.

As obras de Jorge Amado contribuíram para que o Brasil e sua gente fossem retratados para o mundo de uma maneira crítica e ao mesmo tempo com bastante humor.

A ARTE DE (RE)CONTAR HISTÓRIAS, DE EDUCAR....

Os griots são contadores de histórias das tribos de algumas das regiões africanas. Esses contadores são considerados sábios muito importantes, pois recontam as sagas dos heróis das etnias, ao som de um instrumento de percussão e por isso, são respeitados nas comunidades das várias aldeias que os recebem.

Quando falecia, o corpo de um griot era colocado, literalmente, dentro de uma gigantesca árvore chamada Baobá, para que suas histórias e canções pudessem continuar brotando e alegrando todos aqueles que as ouviam.

Os griots vivem, hoje, em muitas partes da África Ocidental, incluindo: Mali, Gambia, Guinéa, e Senegal, e estão presentes entre os povos Mande (Mandinka, Malinké, Bambara, etc.), Fulbe (Fula), Hausa, Tukulóor, Wolof, Serer, Maurítânia Árábica e muitos outros pequenos grupos.

As tradições orais na África representam espaços simbólicos de preservação de dados históricos e também da interpretação destes mesmos dados. Mais do que fontes informativas sobre história de povos africanos, as tradições orais revelam muito da forma de entender a realidade de seus autores.

Assim como na África a palavra é memória viva, também podemos perceber que a oralidade tornou-se fundamental no processo de aprendizagem que envolve a cultura negra no Brasil.

Esses saberes, transmitidos geralmente de uma maneira informal e espontânea, implica em um processo que socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou a que te pertence por herança, desde o nascimento.

Esse processo de socialização está presente no universo das manifestações culturais negras, de uma forma geral, como por exemplo, na capoeira, no samba, no jongo, assim como na religiosidade onde os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem.

Assim, como nos alerta Walter Benjamim o contador de histórias tem atualmente papel importante no resgate do dom de ouvir e para isso, ele terá de ser um pouco mago, um tanto bruxo, ou mesmo fada. Cativando o ouvinte com a magia da palavra pronunciada, enfeitando com a modulação da voz, encantando pelas imagens sugeridas pelo texto.

Claudete Souza



Marcos Antonio Pardim

Cadeira 33

Patrono: Luiz Castellari

MARCOS ANTONIO PARDIM - Nascido em 13 de maio de 1963, é escritor, poeta e produtor cultural. Possui cinco livros publicados: Poemas De Poemar; Noturnorgasmo Azul; Aprendiz, O Que Me Diz?; Que A Lua Habite O Papel; Faces Da Lua (Infantil).

Atuou também como jornalista, escrevendo artigos e mantendo colunas fixas em diversos jornais de Salto e outras cidades. Foi editor-chefe das revistas Espaço e Circuito, além de ter sido correspondente da extinta revista Veja Interior.

Possui também produção de textos para dramaturgia infantil e adulta. Participou ativamente, nos anos 80, de Saraus Literários, apresentados em bares, praças públicas ou universidades. Em Salto, além de ter sido servidor público da Assessoria de Cultura (hoje Secretaria de Cultura), foi também diretor do Teatro Municipal Giuseppe Verdi, nos anos de 1987 a 1989. Atualmente, coordena três ações culturais do programa Cultura Viva, projeto do Ministério da Cultura.

Luiz Castellari

Minha cadeira é a de número 33, cujo patrono é Luis Castellari.

Salto, entendo, deve a ele o que restou ser a sua memória, cujo conceito difere do de lembranças. Como me compreendo o fruto de algumas coisas, destaco entre elas o meu profundo respeito pela memória.

Por diletantismo e, sobretudo, por amor à sua terra e a sua gente, meu patrono pesquisou e reconstruiu a história que, a cada um de nós, é dado obter do que de mais próximo podemos denominar de memória coletiva de nossos antepassados - seus sonhos, utopias, lágrimas, sangues, lutas, conquistas, que, ao fim e ao cabo, vão dar de ser os nossos sonhos, as nossas utopias, lágrimas, sangues, lutas e conquistas.

Se não fosse por nada, apenas por isso já me bastaria justificar a escolha que fiz

de meu patrono.

Quanto à cadeira, feliz coincidência. Simbolicamente, 33 é a idade de um certo Jesus, aquele da Galiléia, com quem mantenho, diária e pelejadamente, uma relação de ídolo e fã. Sou católico por convenções, mas sou cristão por convicção, por fé, e por essa danação humana chamada amor.

PROSAICO

O homem em questão nem questão faz, é apenas um recorte do anonimato, um exemplo qualquer, e que pouca coisa ou quase nada sobre ele aqui se dirá, somente que ele usa gravatas e olha o céu achando que será um dia feliz, com toda a carga de ambiguidade que isso possa suportar.

Elegante, impecavelmente, é exatamente no tanto que não se saberá sobre ele que reside o charme, a ironia, a covardia. Inventa-se: um gesto, um deslize, uma suprema glória, um desvio de conduta, uma imoralidade. Inventa-se.

Visível mesmo, somente a inefável gravata que lhe concede mais do que a elegância, o direito de amanhecer, diariamente.

Tudo o mais, inclusive desencantos, amores e alucinações, será só hipóteses do que possa ter sido, ou promessas do que ainda poderá vir a ser.

Como de resto, todos nós.

Engratados ou não. Mas que ainda podemos o luxo de olhar o céu, achando que será um dia feliz.

Marcos A. Pardim

PELO SINAL

Porque há ditados que são ditos mas não são editados. Porque admitir ou negar a culpa dá sempre na mesma. Porque dar a mão à palmatória por vezes é sinal de vitória. Porque quem bate na tua face nem sempre espera que você lhe ofereça a outra. Porque às vezes perder a razão é melhor do que a estribeira. Porque nem sempre chutar a pedra ou o balde é o melhor caminho. Porque da flor nem sempre é aconselhável evitar os espinhos. Porque mesmo em terra de cegos há quem nunca anseie ser rei. Porque ter a dizer nem sempre combina com será ouvido. Porque à beira do espanto eu sentei e admirado fiquei. Porque a travessia da existência tem hora que se faz é mudo. Porque quero mesmo é dançar solitário este meu silêncio nada obsequioso. Porque da metade da missa que dizem que eu não sei não me interessa mesmo em saber. Porque tudo tem sempre de ter um fim. E porque mesmo os que caem em tentação nos livram do mal, amém.

Marcos A. Pardim

H.Q.

Daqui. De onde me encontro agora. Ainda que de maneira opaca, difusa. Posso vê-la. Segue, talvez sem dar fé ou conta, rumo à beira de.

Levam-na. E você sorri. Parece inevitável: a alegria. O abismo de nascer todas as

manhãs acalentada de absurdos.

Se te jogarem, vôo daqui. Ao teu encontro. Das duas, uma:

- ou me iludo de H.Q., viro herói e te salvo;

- ou me estatelo todo lá embaixo e, iludidamente também e sempre, voltamos à tona.

Balançando as asas. Anjos que éramos. Ainda que caídos.

Marcos A. Pardim

... NA ESPINHA

Queria beijar-lhe o rosto. Por ternura. Por compaixão. Por ficar bem com a consciência. Por identificação. Pelo escambau. E por um mix de outros incompreensíveis sentimentos.

Queria beijar-lhe a face. Se face houvesse. Mas não pode fazer parte da paisagem natural de um rosto, estes olhos que me olham. Assim. Tão. Tão.

...

Identificaria. Se sentimentos houvessem.

Marcos A. Pardim

LITURGIA

- Tome.

- Não quero. Já lhe disse: dessa água não beberei. Nunca. Jamais.

- Tome. Tem sede, que eu sei. Quer. Precisa. Tome.

- Não. Canto-lhe os versos daquela canção que tanto quem fez como quem cantava já se foram: “se não me entendes, não me julgues, não me tentes”.

- Tome. Beba. O cálice já está por transbordar. Beba. Ninguém pode viver assim: a seco. Sem a possibilidade da fé e da glória que irradiam. Tome: o teu crucifixo. A tua medalhinha. O teu colar. O teu penduricalho. O teu prosaico relógio. Irá tê-lo no pulso nu a iludir-se com as horas e o tempo.

- Dê-me, então. Dê-me desta água que jamais beberia. Tenho sede, sim. Preciso, sim. Da muleta. Da bengala. Do cajado. Apoiarei uma de minhas mãos. A outra, mantereí aberta, em concha. À espera. Da hóstia. Da oferenda. Da migalha. Ou do que quiserem me dar. Eu quero. Preciso.

Marcos A. Pardim

MEU FRUTO

Às coisas, poucas, atento-me. Dispensio. Passo ao largo. Não por despeito. Nem por desprezo. Por cansaço. Ou por preguiça. Padeço de fastio. Antes de cansar-me, já estou cansado. Eu sei. Intuo. Pressinto. Por isso dispensio. Pulo. Passo a vez. Vezenquando ganho. Quase sempre, perco. Dissimulado. Ligo não. Pouco me importo. Prosaico, brinco. Pouco. Apenas o suficiente para ver nascer e crescer em mim o pão meu de cada dia. Amanhã.

Marcos A. Pardim



Keyla Ferrari

Cadeira 37

Patronesse: Aurora Duarte

KEYLAFERRARI LOPES - Graduada em Pedagogia com habilitação em deficiência da áudio comunicação, especialista em Atividade Motora Adaptada pela UNICAMP, Mestrado em educação especial e mestranda em atividade física adaptação e saúde pela UNICAMP, Autora dos Livros: Encontros com a Dança, O giro da Bailarina, A Casa Amarela, Um Menino Genial, João O palhaço Coração, ambos abordam temáticas de pessoas com deficiência e inclusão social. Capacitadora e palestrante na área da dança e do movimento para pessoas com deficiência no Brasil, Portugal, Itália, Suíça e Alemanha. Presidente e fundadora do Centro de Dança Integrado-Campinas – SP.

Aurora Duarte

Escolhi a cadeira da escritora e poetisa Aurora Duarte, por tratar-se de uma senhora extremamente sensível que eu tive o prazer de conhecer e de partilhar muitos momentos de poesia, música e arte. Ela, madrinha do grupo Renascer (terceira idade de Salto), eu a professora de dança destas mesmas meninas, que portam as marcas da idade no rosto e no corpo, mas não deixam de ser as minhas meninas, sonhadoras e charmosas.

A leveza com que Aurora escrevia seus poemas retratavam a doçura de sua alma.

Mulher carismática, de alegria contagiante e olhar penetrante.

Esta foi Dona Aurora Duarte, uma saltense brilhante, que teve uma linda história para contar, uma história de vida fascinante que tive o privilégio de ouvir atentamente.

A VIDA EM MOVIMENTO

No contato com o movimento e com a dança, nós partilhamos histórias...
Histórias de vida muito especiais.
Partilhamos histórias de meninos bailarinos que enxergam somente através do coração.
História de meninas que voam, dançam e giram, não sobre as pontas dos pés, mas sobre as rodas da cadeira...
Histórias de bailarinos que dançam o silêncio,
No ritmo das batidas do coração, comunicando com gestos, gestos esses de muitos significados;
Histórias de crianças adoráveis,
Que por causa de um cromossomo ganharam um encanto todo especial.
Que podemos observar,
na ternura dos seus olhares ou na graça de seus movimentos,
Histórias de mulheres sensíveis e também guerreiras,
que são mães, mães especiais...
Com tantas histórias, ainda nos resta sentir...
Sentir o toque, o sorriso, o doce balançar das mãos,
O olhar... o olhar que cala...
E ternamente e diz tudo,
A música e a dança da vida, da diversidade,
de cada identidade,
Criadas por Deus, perfeitas na sua singularidade
Unidas todas numa só coreografia

Keyla Ferrari

ALMA BAILARINA

*Homenagem a Aluna Adriana
que partiu para o plano espiritual*

Em cena a Bailarina,
Ela Gira, Roda, Dança e Encanta
Nas Rodas da cadeira a amar,
Transcende seus limites,
Cada dia os desafios a superar
Com corpo de menina,
Alma de bailarina,
E sapatilhas pequeninas
Vestidas nos pés entre as rodas

Um olhar penetrante,

No ritmo, no compasso
Um movimento fascinante
Num suspiro movido de emoção
Segue seu destino minha doce bailarina
Sua essência faz vibrar,
Voa como borboleta e vai,
Caminha para o lugar
Onde mora a paz

Keyla Ferrari



Anselmo Duarte

Cadeira 40 – Membro fundador

Presidente do Comitê de Ética Acadêmica

Patrono: Anselmo Duarte

ANSELMO DUARTE - Afamado ator e diretor cinematográfico, Anselmo Duarte nasceu em Salto, em 21 de abril de 1920, numa esquina da atual Rua Monsenhor Couto, em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Monte Serrat, onde seu pai tinha um comércio, conhecido por Venda da Capivara. De origem humilde, era o oitavo filho de Olympia Duarte, senhora que, abandonada pelo marido poucos meses após dar a luz ao caçula Anselmo, muito se esforçava no ofício de costureira para sustentar toda a família.

Em Salto, Anselmo estudou no Primeiro Grupo Escolar, hoje Escola Estadual Tancredo do Amaral, na mesma classe de Archimedes Lammoglia e Jota Silvestre. Ainda criança, trabalhou como engraxate, aprendiz de barbeiro e molhador de tela no antigo Cine Pavilhão, onde seu irmão Alfredo era projetorista.

Em sua cidade natal, Anselmo viveu até os 14 anos, quando foi para São Paulo, onde trabalhou como datilógrafo, contabilista e dançarino. Mudou-se para o Rio de Janeiro, e lá atuou como figurante em filmes e redator e repórter de uma revista.

Seu primeiro trabalho como ator foi no filme inacabado do diretor norte-americano Orson Welles, *It's all true*, em 1942. Maior galã do cinema brasileiro nos anos 1940 e 1950, participou de produções dos estúdios Cinédia, Atlântida e Vera Cruz. Estreou como ator principal no filme *Querida Suzana*, de 1946, e seu primeiro trabalho como diretor, coroado de muito sucesso, foi em *Absolutamente Certo*, de 1957.

De suas atuações como ator na Cinédia, destaca-se *Pinguinho de Gente*, de 1949. Na Atlântida, Anselmo Duarte atuou, dentre outros, em *Carnaval no Fogo* e *Aviso aos Navegantes*, ambos do diretor Watson Macedo.

Uma das mais destacadas atuações de Anselmo foi em *Sinhá Moça*, do diretor Tom Payne, que ganhou o Prêmio Especial do Júri, em Veneza. No papel do compositor Zequinha de Abreu, em *Tico-Tico no Fubá*, também foi muito elogiado pela crítica. São essas produções da Vera Cruz que fizeram crescer a imagem de

Anselmo como galã do cinema nacional.

O ápice de sua carreira deu-se em 1962, quando dirigiu *O Pagador de Promessas* – único filme brasileiro a receber o maior prêmio mundial do cinema, a Palma de Ouro no Festival de Cannes. O então jovem diretor venceu concorrentes que pertencem à história cinematográfica mundial, como Luis Buñuel, Michelangelo Antonioni e Robert Bresson.

Com a premiação, Anselmo Duarte ganhou uma série de desafetos, principalmente entre os jovens diretores do Cinema Novo. A carreira de Anselmo Duarte como diretor seguiu até o final da década de 1970. Outros de seus filmes ainda esperam uma reavaliação, tais como *Vereda da Salvação*, *Quelê do Pajeú*, *Um Certo Capitão Rodrigo* e *O Crime do Zé Bigorna*.

É, portanto, impossível pensar o cinema brasileiro omitindo a contribuição do ator e diretor saltense Anselmo Duarte. Sua carreira confunde-se com a própria história da arte cinematográfica nacional. Somando-se suas atuações como ator e diretor, são mais de quarenta filmes. Seu trabalho ao longo várias décadas, reconhecido internacionalmente, permite afirmarmos se tratar de um dos mais ilustres filhos desta terra.

Em 31 de julho de 2009, na inauguração do Centro de Educação e Cultura, que agora leva seu nome, Anselmo foi homenageado pela administração pública de sua cidade natal. Nessa ocasião Anselmo leu seu último discurso público (transcrito a seguir). A sala de espetáculos desse Centro, a Sala Palma de Ouro, é uma alusão ao prêmio mais importante recebido pelo cineasta. Falecido em 7 de novembro de 2009, foi sepultado em Salto, no Cemitério da Saudade.

A base do texto acima foi o roteiro por mim elaborado para o vídeo-documentário biográfico “Anselmo Duarte, cineasta saltense”, exibido na inauguração do Centro de Educação e Cultura Anselmo Duarte em 31 de julho de 2009.

Elton Frias Zanoni

ELTON FRIAS ZANONI, que colabora com a ASLe na elaboração do currículo do saudoso acadêmico Anselmo Duarte, licenciou-se em História pela UNICAMP. É saltense, professor no Colégio Prudente de Moraes e coordenador do Museu da Cidade de Salto, no qual atua desde 2006. Colabora na imprensa de Salto com artigos sobre a memória local.

O último discurso de Anselmo Duarte

Exmo. Sr. Geraldo Garcia, Prefeito da Estância Turística de Salto; Exmo. Sr. Wilson Roberto Caveden, Secretário da Educação; Exmo Sr. Valdez Antonio da Silva, Secretário da Cultura e Turismo; autoridades civis, militares e eclesiásticas; meus irmãos saltenses:

Era uma vez um menino de pés descalços, lá nos tempos idos da década de 20, no século que já se foi. Não estavam descalços por não possuir sandálias ou sapatos. Estavam descalços por livre arbítrio. Melhor falando, por amor. Aquele menino, saltense, amava correr pelas ruas da sua cidade natal, descalço, querendo acalorar, a cada passo e a cada salto, o mais profundo e genuíno conforto de identificação com as raízes da terra que lhe trouxe à vida. Ao caminhar e a saltar descalço, pelas ruas de terra batida, o Russo Louco, como era conhecido, feriu, muitas vezes, seus pés com as pedras dos caminhos. Mesmo ferido, com calos, o Russo Louco preferiu continuar descalço, topando as pedras do caminho.

Por que tal desatino? A luz divina da sabedoria que o abençoou vida afora lhe fez divisar que as pedras dos caminhos no chão de terra batida da sua Salto não eram terríveis obstáculos aos seus folguedos nem às suas esperanças. Ele vislumbrou que aquelas pedras que topava eram nada mais que corriqueiros acidentes de percurso, absolutamente necessários para a compreensão mais profunda do curso natural da vida.

Foi assim que o Russo Louco, o menino Anselmo Duarte, lá nos idos da década de 20, quando Salto era um desconhecido lugarejo fabril habitado por um punhado de homens e mulheres de bem, cujos exemplos singelos no tratar das coisas humanas também lhe ensinaram outros não menos sábios caminhos pelas pedras no caminho da vida. Feliz e confortado, decidiu continuar descalço vida afora. Que venham as pedras!

Continuou descalço, mesmo no seu primeiro asfalto da cidade grande, São Paulo, aos 14 anos. Continuou descalço, sem reagir, ao lhe chamarem de caipira, na cidade grande. Permaneceu descalço quando brilharam os primeiros holofotes da fama nacional sobre a sua figura como o primeiro galã das nossas telas. De galã a roteirista, cenógrafo, músico, fotógrafo, editor, produtor e diretor, o Russo Louco mostrou que não era tão louco e mais saltense que russo. O reconhecimento nacional com dezenas de prêmios e honrarias cimentaram suas bases para um salto ainda maior: o reconhecimento internacional, que não tardou. Mas o agora não mais Russo Louco preferiu continuar descalço.

Permaneceu descalço e orgulhoso pelas suas simples origens quando o Ministro da Cultura da França lhe entregou a Palma de Ouro, o maior prêmio do mundo a um cineasta. Permaneceu descalço quando foi premiado como o primeiro cineasta sul-americano a ser nomeado para o Oscar de

Hollywood. Permaneceu descalço quando venceu 10 outros festivais internacionais de cinema ao redor do mundo. Permaneceu descalço quando foi contestado por compatriotas.

Hoje, Salto já não tem terra batida em suas ruas. Hoje, o Russo Louco acompanhou o progresso da sua Salto e também está calçado, não obstante a saudade. A modernidade é o caminho natural pelas pedras do caminho. Contudo, ao usufruir hoje do conforto que o asfalto me proporciona, eu não me esqueço da outrora cálida terra batida da Rua 7 de Setembro, onde nasci, hoje Rua Monsenhor João Couto, a caminho do açougue do seu Atílio, em cada amanhecer da minha infância.

Quando me olho no espelho e vejo meus cabelos brancos, nem acredito. Porque aqui em Salto vou me sentir sempre assim: o garoto Russo Louco. Livre, enquanto descalço. Mas são 89 anos de vida e de exemplos vitoriosos, tudo, até hoje, inspirado no doce e simples agreste pisar no solo cru da terra batida e abençoada desta hoje grande Salto. No entanto a modernidade paga seu preço. O preço do esquecimento.

Graças a Deus o antes tarde que nunca se faz presente hoje, na inauguração desta fantástica edificação, dedicada ao futuro cultural saltense e comprometida com os valores históricos das suas raízes e a sua perpetuação. Em 89 anos, pela primeira vez, em minha vida, vem um homem público, com coragem e determinação, o prefeito Geraldo Garcia e seus companheiros de luta política, sem quaisquer interesses que não o de resgatar ao seu devido lugar histórico, a perpétua homenagem ao filho saltense que revelou ao mundo esta cidade como a sua maior inspiração para realizar sua obra artística.

Ao nominar esta sala de espetáculos com “Palma de Ouro”, Geraldo Garcia, lá em sua mais genuína inspiração, sedimenta um recado aos seus concidadãos: “Honrar as nossas raízes culturais substancia a matéria-prima necessária para o inevitável avanço da evolução progressista e a solidez continuada das realizações das nossas gerações futuras”.

Salto hoje se difere com nuances primeiro-mundistas de modernidade administrativa, por exemplos de sábia utilização dos recursos do povo, com responsável transparência, centelha de ignição para alavancar seus mais valiosos tesouros culturais para a proa exemplar na construção de uma comunidade moderna, socialmente responsável e justa na honradez das suas origens.

Rezo a Deus que esta Sala Palma de Ouro, ao ser utilizada como instrumento de excelência no enriquecimento educacional e cultural da nossa gente, materialize também a inclusão de cada um de vocês, saltenses, no exercício gratificante da sua cidadania.

Geraldo Garcia e seus companheiros de luta: sinto-me confortável em parabenizá-los, sob o meu mais exigente crítico parecer, somado ao meu continuado conviver pessoal com todos vocês que operam a ação política da gestão pública em seu melhor senso estético e prático, que respaldam

seu transitório poder de concretização dos sonhos saltenses. Esta Sala Palma de Ouro e o Instituto Anselmo Duarte, que abriga, fisicamente, são provas incontestáveis desse abençoado descortino. Meus queridos saltenses, Geraldo, Wilson, Valderez e todos os que contribuíram para a conclusão desta obra: parabéns e muito obrigado!

Anselmo Duarte

Índice

Nome	Página
Amauri Chaves Arfelli.....	72
Anita Liberalesso Neri.....	49
Anna Osta.....	12
Anselmo Duarte.....	94
Antonio Maestrello.....	79
Antonio Oirmes Ferrari.....	32
Augusto Gasparini Filho.....	54
Claudete Souza.....	86
Daniel Gasparini.....	38
Ettore Liberalesso.....	07
Francisco Garcia.....	58
Genézio Migliori.....	45
Keyla Ferrari.....	91
Lázaro José Piunti.....	62
Marcos Pardim.....	88
Maria Carolina F. Padreca.....	24
Maria Damien Ignácio Pacheco.....	67
Mércia Falcini.....	15
Odair Schiavone.....	41
Olavo Marques de Souza.....	21
Valter Lenzi.....	28

